

Histórias de trabalho
da
Receita Federal do Brasil

11º concurso - 2020

Prosas e poesias

Athalaia gráfica e editora



Presidente da República

Jair Messias Bolsonaro

Ministro da Economia

Paulo Roberto Nunes Guedes

Secretário Especial da Receita Federal do Brasil

José Barroso Tostes Neto

Subsecretário-Geral da Secretaria Especial da Receita Federal do Brasil

Décio Rui Piliarissi

Subsecretário de Arrecadação, Cadastros e Atendimento da

Subsecretaria Especial da Receita Federal do Brasil

Frederico Igor Leite Faber

Coordenador-Geral de Atendimento

José Humberto Valentino Vieira

Chefe da Divisão de Memória Institucional

Fabiane Paloschi Guirra

Comissão Julgadora do 11º Concurso Histórias de Trabalho da RFB

Márcio da Silva Ezequiel - DRF/Pelotas - Presidente da Comissão

Ana Catarina de Lucena - DRF/Recife

Abigail Aparecida dos Santos - Sufis/Cofis

Carlos Roberto Block - Suara/Cogea

Rudimar Radatz - DRF/Passo Fundo

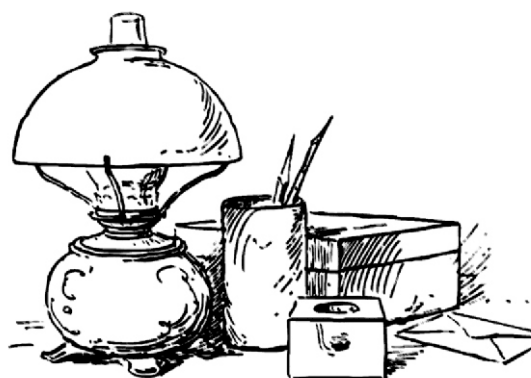


Histórias de Trabalho da
Receita Federal do Brasil

*Histórias de Trabalho da
Receita Federal do Brasil*

11º Concurso - 2020

Prosas e Poesias



Receita Federal

Coordenação-Geral de Atendimento
Divisão de Memória Institucional

Copyright 2021 - by *Receita Federal*

Estão resguardados todos os direitos desta publicação, que poderá ser reproduzida por qualquer meio, desde que citado o nome do autor.

Capa e Diagramação

Marcia Palma de Azevedo

Imagem da capa

Assessoria de Comunicação Social - Ascom/RFB

Revisão Ortográfica

Márcio da Silva Ezequiel

Impressão e acabamento

Athalaia gráfica e editora

Tiragem

600 exemplares

Ministério da Economia / Receita Federal do Brasil / Coordenação-Geral de Atendimento /
Divisão de Memória Institucional - Brasília: RFB, 2021

Histórias de Trabalho da Receita Federal do Brasil - 11º Concurso, 2020.

272p.; 22cm. Coletânea de Histórias.

1. Memória Institucional. 2. Receita Federal do Brasil



Histórias de Trabalho da
Receita Federal do Brasil

Sumário

Apresentação	IX
Prefácio	XI
Prosas Premiadas	
Um diário remoto	15
O corona, o CPF, e o propósito da Receita Federal.....	33
CONFERE - 2020: o revide!	39
Menções Honrosas	
O que aprendi com a pandemia	51
Reações em cadeia	56
Prosas Classificadas	
A pandemia e o teletrabalho	63
A pandemia revelou um time	67
A Receita Federal e a pandemia	71
A Receita lá de casa é Federal.....	78
A restituição e o benefício.....	80
Aeroporto de Guarulhos e a pandemia.....	89
CAC, NAF e tecnologia - juntos para melhor atender o cidadão em tempos de pandemia.....	94
Coronavírus - Os reflexos das mudanças	98
Covide 19 - entregador de pão e sua buzina do Chacrinha	101
Durões.....	102
E agora?.....	106
Esperando o sol nascer	109
Livre arbítrio.....	112
Meu escritório é verde, de propósito!	117
Mudanças em meio às mudanças.....	119



VI

Muito simples.....	124
O dia em que o coronavírus (quase) parou 30% do comércio exterior brasileiro.....	126
O dia em que faltou luz	132
O Odin veio?.....	135
O que não está no meu perfil no SA3?.....	138
O trabalho remoto em meio à pandemia	140
Operação Acolhida - Missão cumprida	143
Pequenas histórias.....	148
Peregrinos nas pontes aéreas da vida	151
Poços: da cachaça ao álcool gel	157
Ponto de Atendimento Individual (PAV) - Surge um novo canal de atendimento presencial em tempos de pandemia	162
Quarto 16	170
Sapol, durante a pandemia, sempre presente, até na ausência!	173
Saudade do futuro	175
Sem saída: uma situação desesperadora na pandemia	178
Sinistro: encontro com a pessoa intimada no caixão	183
Tudo passa	184
Você fala mandarim?	188
Poesias Premiadas	
A escalada da Receita no rastro da PANDEMIA.....	195
Novo tempo.....	205
Antes e depois - um novo normal	215
Poesias Classificadas	
A pandemia na bagagem de Guarulhos.....	223
A contabilidade e a tributação	228



VII

Aduana não parou - Aeroporto de Guarulhos	231
Amor nato	237
Anticorpos da tecnologia e a pandemia	239
Contrastes de uma vida inusitada	244
Encantos da cultura simples e peculiar da Região Norte	246
Mudança	248
O herói das águas do Rio Negro	250
Resiliência social	254
Tempo tenro	259
Vírus se combate com Receita	268



Apresentação

Instituído em 2010, o Concurso Histórias de Trabalho da Receita Federal do Brasil tem possibilitado o compartilhamento de impressões de seus servidores no âmbito de suas atividades laborais na Instituição por todo o país.

Anualmente são trazidos a público aspectos marcantes ou pitorescos, atuais ou passados, do cotidiano dos funcionários da Receita Federal. São histórias de trabalho sem deixarem de ser histórias de vida. Contudo, neste atípico ano de 2020, ativos e aposentados foram convidados a narrar suas experiências de trabalho no contexto da pandemia de Covid-19 que atingiu o Brasil e o mundo. Os textos refletiram os esforços empreendidos para melhor atender o cidadão. A reorganização da estrutura institucional e adaptação de seu pessoal a fim de superar as adversidades logo se transformaram em aprendizados de coletividade e comprometimento.

Trata-se da primeira edição com indicação temática para os trabalhos inscritos. Embora o certame não tenha ficado restrito ao tema, foi de grande valor para a Memória Institucional coletar relatos sobre os desafios arrostados, tanto na linha de frente de quem se manteve no trabalho presencial na Receita Federal, por se tratar de atividade essencial tipificada, bem como nas situações experimentadas pela primeira vez em regime de teletrabalho (home office) por aqueles que se enquadraram nas exigências normativas para tanto.

O volume abrange duas modalidades: depoimentos verídicos em prosa e em poesia. A comissão julgadora selecionou, conforme o regulamento, três trabalhos vencedores em cada categoria. Esta coletânea as reúne às demais histórias classificadas, totalizando 38 em prosa e 15 em versos.

Parabenizamos e agradecemos a todos que dedicaram algum tempo para refletir e registrar suas impressões a despeito das dificuldades enfrentadas e reiteramos o convite para que continuem colaborando, bem como estimulem os demais colegas a também relatarem suas histórias de superação e trabalho.



X

Agradecemos a toda equipe da Divisão de Memória Institucional, sob a cuidadosa condução de sua chefia, na pessoa de Fabiane Paloschi Guirra, aos servidores Márcio Ezequiel, que presidiu a Comissão Julgadora e revisou os textos; e Márcia Palma de Azevedo, responsável pela diagramação e projeto gráfico.

Desejamos a todos uma boa leitura!

José Humberto Valentino Vieira
Coordenador-Geral de Atendimento



Histórias de Trabalho da
Receita Federal do Brasil

Prefácio

“Agora podemos admitir sem pesar que nada podia fazer nossos concidadãos preverem os incidentes que se deram na primavera desse ano e que foram, como compreendemos depois, os primeiros sinais dos graves acontecimentos cuja crônica nos propusemos fazer aqui.”

Albert Camus - A peste

Não raro a literatura já nos trouxe cenas assustadoras da proliferação de doenças que rapidamente acometeram um vasto número de pessoas. Ainda que construídas no campo ficcional, guardaram uma tal verossimilhança com eventos históricos que deixaram vívidas marcas na mente de seus leitores. Podemos destacar Um diário do ano da peste, de 1772, em que Daniel Defoe misturou realidade e ficção para reportar sobre a peste bubônica que atingiu Londres em 1665; em A peste, livro publicado em 1947, Albert Camus fez uma metafórica denúncia dos horrores fascistas durante a segunda guerra mundial, legando reflexões sobre vicissitudes, resistência e solidariedade; e ainda exemplificando, não poderíamos deixar de citar o celebrado clássico do realismo mágico, O amor nos tempos do cólera, 1985, de Gabriel Garcia Marques. São narrativas que nos falam de adversidade e dor, mas também de superação e amor.

Tendo em vista que a arte imita a vida e vice-versa, o Concurso Histórias de Trabalho da Receita Federal, em sua 11ª edição, reuniu diversos depoimentos sobre as dificuldades impostas no combate à grave pandemia que atingiu o Brasil e o mundo a partir do ano de 2020 e as estratégias de enfrentamento adotadas sem perder a poética e a esperança. Registrou-se a capacidade de adaptação da Instituição e de seu corpo funcional ante o desafio posto. Desse modo, as crônicas e poemas aqui apresentados, constituem um importante documento histórico sobre resiliência e união.



XII

Demonstra-se igualmente, por meio deste volume, a sensibilidade e a dedicação por parte dos servidores que atenderam ao chamado para contar suas experiências profissionais em um ano com desafios de tal magnitude. Foram narradas diversas atividades tanto em casa com o teletrabalho, como presencial como os mutirões realizados para a regularização do CPF a fim de agilizar o recebimento do Auxílio Emergencial a trabalhadores de baixa renda e desempregados. Contou-se, igualmente, sobre as tecnologias e os novos aplicativos adotados para incrementar de maneira segura e eficaz o cumprimento da missão institucional de administrar o sistema tributário e aduaneiro, contribuindo para o bem-estar econômico e social do país.

A Divisão de Memória Institucional da RFB por meio desta iniciativa, assim como no Podcast Histórias de Trabalho em parceria com a 8ª Região Fiscal, tem potencializado a interação e o autoconhecimento da estrutura administrativa e funcional da Receita Federal do Brasil.

Boa leitura.

Frederico Igor Leite Faber

Subsecretário de Arrecadação, Cadastros e Atendimento
da Subsecretaria-Geral da Receita Federal do Brasil



Histórias de Trabalho da
Receita Federal do Brasil

Prosas Premiadas



Histórias de Trabalho da
Receita Federal do Brasil

— |

| —

— |

| —

Prosas Premiadas

Primeiro Lugar

Um diário remoto

Anaximandro Orleans Calle de Paula

Analista Tributário da RFB-Derat/São Paulo-SP

Ingressou na Receita Federal em 15/05/1991. Serviu na DRF/Caruaru-PE e nas Alfândegas do Aeroporto e do Porto do Recife-PE. Atualmente, integrante da Equipe Regional de Análise do Crédito Tributário Sub judice (Derat/São Paulo). Representante local da comissão de ética da Receita Federal, em São Paulo.



Histórias de Trabalho da
Receita Federal do Brasil

— |

| —

— |

| —

Um diário remoto

Este diário, escrito entre os dias 16 de março e 20 de outubro de 2020, é uma (muito) singela homenagem a todos os profissionais de saúde e a todas as pessoas que, em plena pandemia, transformaram a palavra ética em ações concretas, nos hospitais, na rua, olho no olho, arriscando a saúde e a vida para dar um mínimo de dignidade às pessoas mais esquecidas, discriminadas e exploradas: os miseráveis, os pobres, a população de rua, os imigrantes, os encarcerados.

16/03/20 - Segunda-feira - 9:30 h

Hoje entraram em vigor as recomendações de cumprimento obrigatório pelos próximos 30 dias, a respeito do coronavírus, aplicáveis nas unidades administrativas que compõem o Ministério da Economia. É o primeiro dia de trabalho remoto, por conta da pandemia do covid-19, declarada pela Organização Mundial da Saúde. Muitas informações, muitas orientações, muitas dúvidas, muitos medos, muitas variações de sentimentos e muita ignorância. Enquanto representante local da Comissão de Ética da Receita Federal, em São Paulo, escrevo o texto para a matéria da semana, na Intranet: “covid-19: a Ética que deve prevalecer”, que termina lembrando das lições do filósofo José Julián Martí Pérez: “O melhor modo de dizer é fazer”! Neste caso, intensificar o distanciamento social, reforçar os cuidados básicos de higiene e lutar contra o egoísmo. Foi um primeiro dia marcante.



17/03/20 - terça-feira - 17:59 h

Fui buscar meu kit de trabalho remoto na repartição: minitorre, dois monitores, teclado, mouse e cabos. Repartição, aliás, que agiu com muita rapidez e organização, depois da divulgação das orientações sobre o coronavírus, no dia 13 de março. Compareci consciente da importância social do trabalho remoto, tomando as devidas precauções com a higiene e evitando apertar a mão, abraçar ou cumprimentar com beijo as colegas. Porém, com sentimentos variados: uma certa ansiedade, breve otimismo, tristeza de ser obrigado a me afastar do trabalho. Colegas tentando disfarçar essas mesmas emoções e, quem sabe, outros sentimentos. Ambiente de mudança predominando sem, ao certo, saber para onde ir...

18/03/20 - quarta-feira - 20:00 h

Primeiro dia de trabalho em casa. Lembrei da importância de seguir a rotina como se fosse sair de casa, cumprimentar o porteiro, caminhar até o metrô, ver a movimentação das pessoas e da cidade, tirar o crachá do bolso, dar aquele bom dia aos colegas, compartilhar da visão da equipe em movimentação pelos recintos. Lembro dos colegas da Tecnologia e da Logística que, com profissionalismo marcante, agilizaram a organização, conferência e liberação dos equipamentos para o trabalho remoto.

19/03/20 - quinta-feira - 21:19 h

A produtividade começa, lentamente, a se recuperar, apesar de algumas interrupções da solução tecnológica de acesso aos sistemas e ao correio corporativo. Cada vez mais colegas estão compartilhando as redes no Brasil. Ao final do expediente, fui até a janela da sala e participei do aplauso coletivo a todos os profissionais da saúde, que, corajosamente, estão nas casas, postos de saúde e hospitais. Emocionante encerramento do dia de trabalho.



20/03/20 - sexta-feira - 10:48 h

A concomitância da necessidade de atenção aos processos de trabalho com a proliferação de matérias do Informe-se nacional e de notícias das regiões fiscais sobre o coronavírus exige ainda mais habilidade para a administração do tempo. Acaba de ser publicada, entre tantas outras, a matéria “sete dicas para o trabalho remoto emergencial”, muito relevante e que, além de orientar, desperta para o debate sobre importantes questões éticas, como, por exemplo, a necessidade de proteção também aos agentes públicos contratados (terceirização) pela nossa instituição. Aliás, a palavra-chave para atravessarmos essa pandemia é “Ética”, e a sua prática, no sentido amplo trazido pelo nosso Código de Conduta: o esforço racional e reflexivo visando estabelecer o adequado convívio social, agora a distância. O código é a Constituição da Receita Federal.

23/03/20 - segunda-feira - 08:15 h

Hoje organizei e escrevi a matéria “O que é ser ético, em tempos de combate à covid-19?”.

24/03/20 - terça-feira - 08:05 h

A esteira chegou. Agora, a pista do Parque do Ibirapuera é na minha sala. Dezesesseis anos correndo nos parques e nas ruas exigiam uma esteira. Mais uma maneira de olhar pela janela, filosofando sobre o que estamos vivendo. É emocionante constatar a quantidade de colegas das áreas de Tecnologia, Logística, Gestão de Pessoas, Comunicação, além dos chefes, que têm sido exemplos de profissionalismo e de lealdade à Instituição, possibilitando que possamos continuar trabalhando, em segurança! Aplausos.



25/03/20 - quarta-feira - 08:00 h

Comecei o dia lendo alguns comentários de colegas no correio corporativo; uma disse: “Esperamos que todos estejam bem e que possamos passar por esse momento tão delicado no país e no mundo com muita tranquilidade, paciência, resiliência, fé, solidariedade e acima de tudo, muita Ética”. Outro acrescentou: “A Ética nos impulsiona”. E uma terceira concluiu: “Esse momento pelo qual estamos passando é tão a cara do que chamamos de Ética, não é mesmo? Nossas ações refletindo no todo, cada um agindo pensando no bem comum”.

26/03/20 - quinta-feira - 08:07 h

Hoje amanheceu um lindo dia em São Paulo. Fui dormir e acordei pensando nas declarações de Bill Gates, ontem: “É muito difícil dizer às pessoas: 'Ei, vá a restaurantes, compre casas novas, ignore a pilha de corpos ali no canto, queremos que você siga gastando, porque talvez haja algum político que pensa que o crescimento do PIB é o que realmente importa'”. E assim comecei o trabalho.

29/03/20 - domingo - 10:00 h

Abro uma página aleatória do livro "A teoria da alteridade jurídica", de Carlos Eduardo Nicoletti, página 17: "Apurou-se a distância da Terra em relação a diversos outros corpos celestes, (...), mas não se ousou precisar o valor de uma vida ou a importância do afeto nas relações humanas". Imagino os milhares de colegas espalhados pelo Brasil, numa gigantesca sala de trabalho ... remoto. Cada casa, uma estação de trabalho. Penso na diversidade de configurações: casa, apartamento, altura do andar, tamanho, decoração, vista das janelas, número de habitantes, idades, animais de estimação, luz, vizinhança, sons da rua, ventilação, entre tantos



outros aspectos. Os porta-retratos com fotos das famílias ou filhos, enfeitando as nossas mesas na repartição, foram substituídas pela presença física (em muitos casos). As comunicações diárias com os nossos entes queridos por telefone celular deram lugar à interação física. A minha estação de trabalho: apartamento, dois quartos, móveis e decoração quase minimalista, 5º andar, com ventilação e claridade agradáveis, vista desimpedida (nenhum prédio "colado" ao nosso lado), bastante verde, apesar dos muitos prédios, em geral silencioso, e o principal: companhias amorosas de esposa e filha (em casa) e filho (na tela do computador)!

30/03/2020 - segunda-feira - 18:54 h

Passado mais um final de semana, em casa, na paz, de uma forma muito privilegiada em relação a milhões e milhões de brasileiros, volto ao trabalho. Hoje foi o pior dia para acessar os sistemas e o correio corporativo até o momento. Muita lentidão. Muito travamento. Para completar, faltou energia elétrica no quarteirão durante quase três horas. Hoje cedo li um texto que me tocou bastante. Achei fundamental para a evolução pessoal de cada um de nós. Trata-se do artigo "Álcool gel na dor alheia", da jornalista Débora Nascimento. É sobre "a importância de ver, ouvir e saber da cruel realidade do mundo". Por que isso seria relevante? Débora responde: "É a única forma de termos a real dimensão do sofrimento do outro, para não repetirmos os erros históricos, melhorarmos como seres humanos e transformarmos o mundo. (...). Precisamos vencer o medo de ficarmos desolados por saber da dor do outro".

02/04/2020 - quinta-feira - 20:05 h

A atividade física - no meu caso, a corrida - é um dos mais eficazes instrumentos de manutenção da saúde mental, ao lado da paz pessoal e do



amor. Durante a corrida, que é uma verdadeira terapia, tenho somente bons sentimentos, pensamentos e ideias, mesmo na esteira. Hoje foram 5 km, pensando na importância vital, nesses momentos de maior isolamento, da comunicação pela rede mundial de computadores, em especial para a prática da solidariedade, com tantos exemplos no Brasil e mundo afora. Daqui a pouco, às 20:30, hora marcada da conversa diária familiar com nosso filho, que mora longe.

03/04/2020 - sexta-feira - 09:53 h

Acabo de acessar o próximo processo para analisar a situação do crédito tributário sub judice e vejo que se trata de cobrança do ITR... imediatamente vem à memória a primeira repartição onde trabalhei na Receita Federal, aos 24 anos de idade. Delegacia de Caruaru, em Pernambuco. Lembro, emocionado, como fui bem recebido pelos colegas, indo trabalhar na Seção de Arrecadação, Conta Corrente, ITR, atendimento ao contribuinte. Redescobrinho o prazer de almoçar em casa. Menu de hoje: legumes, cuscuz marroquino (ou pelo menos parecido), shimeji, frango frito.

04/04/2020 - sábado - 10:05 h

Dia da saída semanal, devidamente mascarado, para a feirinha orgânica do bairro. Parênteses: já morei em bairros com nomes agradáveis de pronunciar e de viver: Boa Vista, Graças, Torre, porém, nenhum supera o atual: Paraíso! Penso, enquanto caminho para a feira: é bom demais sair! Constato que a maioria dos feirantes e consumidores usa máscaras. Ter a oportunidade de comprar produtos orgânicos é maravilhoso. Ainda melhor é a sensação de interagir com os vendedores (muitas vezes, famílias), em meio ao multicolorido de alimentos, ver,



escolher, carregar para casa, lavar, preparar e dispor na mesa uma tigela de belos legumes e frutas! Vejo que o bairro está bem menos movimentado - pessoas, veículos, comércio. O Paraíso está bem vazio, ultimamente...

08/04/20 - quarta-feira - 08:00 h

Para aumentar a interação entre os colegas, a assessoria de comunicação regional convidou todos a enviarem uma fotografia do seu ambiente de trabalho em casa. A ideia é publicar um mural na intranet mostrando as fotografias dos colegas. Minha foto aponta um canto recuado da sala, cadeira de plástico firme, mesa e estante de madeira escura, livros nas cinco prateleiras, cada qual com um objeto de decoração: um retrato da minha família; uma vela; uma lembrança da Casa de Isla Negra (Pablo Neruda); uma miniatura de garrafa transparente com uma flor; e uma pequena imagem de Nossa Senhora Aparecida.

09/04/20 - quinta-feira - 16:56 h

Talvez o mais difícil desafio do ponto de vista da ética profissional encontremos na referência ao que não é trabalho remoto, contida no Guia de Boas Práticas para o Trabalho Remoto, divulgado pelo Ministério da Economia: “Não é flexibilização de carga horária, nem folga nem férias”.

13/04/20 - segunda-feira - 17:33 h

Hoje tivemos a primeira reunião virtual da equipe. Estava com saudade de ver os colegas. Sensação agradável de pertencer a um grupo de pessoas boas e de profissionais competentes. Emocionante.



15/04/20 - quarta-feira - 08:08 h

Completam-se exatamente 30 dias de trabalho remoto. Sinto falta de sorrir com e na presença dos colegas.

22/04/2020 - quarta-feira - 09:00 h

O maior desafio pessoal no dia a dia do trabalho é manter a concentração, com a avalanche de notícias sobre o momento histórico e trágico por que passa a humanidade. Essencial mesmo é manter uma rotina, com horários fixos para cada atividade: 5 às 6h, leitura; 6 às 8h, preparar e tomar o café da manhã, além de organizar parte do almoço; tomar banho; 8 às 11:30, trabalhar; após o almoço e um relaxamento, retornar à Receita Federal na sala de casa, das 14 às 18:30 h; corrida entre 19 e 20 h (em dias alternados); em seguida, banho, jantar e encontro da família com o filho, na Internet; leitura durante meia hora, mais ou menos, e recolher para dormir, entre 22 e 23 horas. Finais de semana: feirinha, faxina, sessão de cinema e mais leitura. Pronto.

27/04/2020 - segunda-feira - 19:01 h

Hoje foi duro manter a concentração.

29/04/2020 - quarta-feira - 18:54 h

Hoje, também.

06/05/2020 - quarta-feira - 14:28 h

Tá difícil. Apenas se sentar à frente do computador, sem ver nenhum colega, sem se movimentar pela repartição. Sem os sons.



08/05/2020 - sexta-feira - 11:06 h

Entre 9:10 e 9:40 horas, pausa diária para aproveitar a incidência da luz solar, na janela da sala. Torcemos para que nuvens não atrapalhem esse momento de ativação dos benefícios da vitamina D no organismo, de conversa e reflexão, para olhar os periquitos-verdes das redondezas; às vezes tomando um chá, para esquentar as mãos (já estamos em maio...).

14/05/2020 - quinta-feira - 09:56 h

Hoje são exatos 60 dias de trabalho remoto, ininterruptos. Abstraindo o dever ético do isolamento social (para quem pode), o que é uma ótima opção de trabalho, com positivos reflexos econômicos (pessoais e estruturais) e ambientais, ao mesmo tempo, o trabalho remoto e o teletrabalho não podem ser integrais. Livres da pandemia (esperamos!), o trabalho 100% a distância é incompatível com a saúde emocional das pessoas. Reuniões, apresentações, palestras etc. exclusivamente por vídeo é tóxico para os seres humanos. Aperto de mãos, abraços, beijos, o presencial, enfim, é humano e, portanto, saudável.

15/05/2020 - sexta-feira - 20:00 h

Hoje, exatamente hoje, completam-se 29 anos da minha nomeação na RFB. Para comemorar: 13 km na esteira, com Chico Science na trilha sonora.

24/05/2020 - domingo - 10:05 h

“Amar é... cortar o cabelo dele, durante uma pandemia!” Hoje a minha esposa cortou o meu cabelo, pela primeira vez (dela e minha)! Salão exclusivo, gratuito e sem fila. Aprovada!



28/05/2020 - quinta-feira - 09:06 h

A rotina é essencial para a organização mental, emocional e física. Por isso, exige esforço para sua efetivação e vigilância para sua manutenção.

03/06/2020 - quarta-feira - 21:24 h

Trabalho remoto na pandemia é como correr uma maratona: nos dez primeiros quilômetros é só animação, tudo perfeito. Entre os dez e o vinte quilômetros o passo e a respiração se acertam, tudo fica encaixado, o automático se instala. A partir daí até os trinta o cansaço começa a chegar, mas, sem exagero, mantendo uma rotina... Entre trinta e quarenta, é necessário começar a repetir um mantra motivacional, pensar em cada dia por vez, quer dizer, em cada quilômetro... lembrar ainda mais da postura, da respiração e da hidratação. Entre 40 e 42 quilômetros e 195 metros, só se pensa no portal de chegada...

15/06/2020 - segunda-feira - 8:00 h

Três meses de trabalho remoto, completados hoje. É uma “Licença Capacitação” privilegiada de autoconhecimento, paciência e consciência social.

18/06/2020 - quinta-feira - 9:00 h

Hoje completo dois anos na equipe em que atualmente trabalho. Tem sido muito interessante interagir com diversos colegas mais novos do que eu. Aprender e entender o ritmo e a visão deles. Além de diversos exemplos de profissionalismo.



25/06/2020 - quinta-feira - 14:13 h

Nunca três meses e uma semana passaram tão rápido!

02/07/2020 - quinta-feira - 08:30 h

Hoje foram abertas as inscrições para a 11ª Edição do “Concurso Histórias de Trabalho: Desafios em tempos de pandemia”.

07/07/2020 - terça-feira - 12:00 h

Li trecho de um texto da minha esposa, que reflete bem os desafios impostos por um isolamento como o que estamos vivendo: “Andar, calar, falar, parar, avançar. Tudo feito a seu tempo vira um grande feito. Perceber esse tempo faz ficar satisfeito o que bate dentro do peito”.

13/07/2020 - segunda-feira - 10:14 h

Semana passada, a Secretaria de Gestão e Desempenho de Pessoal divulgou a publicação do Manual de Conduta do Agente Público Civil. Chamou a atenção o capítulo dedicado ao trabalho remoto...

17/07/2020 - sexta-feira - 09:18 h

Aniversário de quatro meses de trabalho remoto. Só isso.

20/07/2020 - segunda-feira - 16:36 h

Hoje a Receita Federal divulgou o Plano de Ação pós-crise da Instituição. O que mais me chamou a atenção, de maneira positiva, foi a



previsão da ampliação do trabalho a distância; além da definição de plano de retorno às atividades presenciais, respeitando as situações individuais dos servidores, de acordo com a situação de risco.

23/07/2020 - quinta-feira - 17:30 h

Hoje ocorreu o lançamento do Projeto de Formulação do Planejamento Estratégico da Receita Federal para o período de 2021 a 2023. Prometendo ampla participação de todos os servidores, o tema a conscientização de todos da sua importância é fundamental! É uma demanda ética.

18/08/2020 - terça-feira - 14:40 h

As últimas semanas têm sido intensas na conciliação dos processos de trabalho nos quais atuo: análise de processos com crédito tributário sub judice e disseminação da ética institucional, além de alguns eventos de capacitação, como por exemplo, sobre o Formulário de Registro de Atividades e outro sobre Ética Tributária. Não tem sido fácil. Estamos às voltas com uma efervescência de eventos - a distância, claro - e de convites aos servidores para participarem do projeto de construção da Estratégia da Receita Federal para 2021-2023 e de atualização do seu Código de Conduta.

22/08/2020 - sábado - 07:45 h

Tá frio hoje...



26/08/2020 - quarta-feira - 10:27 h

Hoje o dia amanheceu com 8° C na cidade de São Paulo. Mas isso não é o mais difícil de administrar nessa pandemia e no trabalho remoto. O maior desafio é manter a produtividade nos processos de trabalho, conciliando com as tarefas domésticas e a saúde física e mental e, ainda, lidar com os acontecimentos relacionados ao enfrentamento da pandemia, principalmente com a negação da sua gravidade histórica, humanitária, sanitária.

30/8/2020 - domingo - 11:47 h

A semana que termina foi a mais difícil no trabalho desde o início do isolamento! O nível de concentração ficou bastante reduzido. A pressão das restrições está mais intensa na mente, embora o distanciamento social seja ainda necessário por bastante tempo.

31/08/2020 - segunda-feira - 19:12h

Hoje tomamos conhecimento do planejamento e das orientações sobre o “Protocolo para retorno seguro das atividades presenciais”. Penso que, além dos motivos que justificam o servidor a continuar no trabalho remoto (doença própria ou de pessoa de sua convivência, filhos em idade escolar etc.), deveria ser permitida a continuidade das atividades a distância a todos os colegas que atuam em processos de trabalho sem atendimento ao público, que possam ser desenvolvidos nos sistemas informatizados.



08/09/2020 - terça-feira - 08:41 h

Nova rotina, de execução rápida e segura. Um breve passeio pelo bairro, com duração de uma hora, usando máscara, evitando lugares com aglomeração. Para descansar do confinamento de quase seis meses, ver o movimento e sentir o calor do sol.

09/09/2020 - quarta-feira - 17:49 h

Hoje fiz a minha inscrição na II Corrida do Ministério da Economia, em formato virtual, que acontecerá no dia 25 de outubro de 2020. 10 km.

10/09/2020 - quinta-feira - 16:00 h

Hoje assisti à interessante palestra "Nudge e Economia Comportamental: uma proposta para a RFB", promovida pela 7ª Região Fiscal. Tema muito relevante e estratégico, porque pode ser aplicado em diversos processos de trabalho.

22/09/2020 - terça-feira - 10:34 h

Começou a primavera hoje.

24/09/2020 - quinta-feira - 20:00 h

Hoje concluí o curso de Ética Tributária, promovido pelo Centro Interamericano de Administrações Tributárias (CIAT). Evento de muita qualidade, pelos temas relevantes para a Receita Federal, como



Integridade, Justiça Fiscal, Cidadania Fiscal, além de muito bem conduzido pelos organizadores. Foram seis semanas de interessantes interações com colegas do Brasil, Chile, México, El Salvador e Espanha. Muito bom investimento.

25/09/2020 - sexta-feira - 08:42 h

Fatos perturbadores que nos fazem refletir sobre...

...burocracia, ineficiência e desrespeito: esta semana concluí um processo iniciado em...1994! Apenas três anos depois do meu ingresso na Receita Federal, há quase 30 anos! Desanimador.

28/09/2020 - segunda-feira - 11:16 h

Quero dizer obrigado aos colegas de equipe que, com profissionalismo e paciência, têm me auxiliado a seguir pelos caminhos nem sempre claros (e lógicos) dos sistemas e da legislação tributária.

02/10/2020 - sexta-feira - 18:00 h

Divulgados os novos Marcos Institucionais da Receita Federal - Missão, Visão, Valores, Princípios de Gestão e os Objetivos Estratégicos para os anos de 2021 a 2023. Lamentei muito a definição da Missão, excluindo as referências à justiça fiscal e respeito ao cidadão. Principalmente, pela mensagem ética implícita que eles carregam.

05/10/2010 - segunda-feira - 02:00 h

Às duas da madrugada, um pequeno imprevisto de 4mm: um



cálculo renal. Hospital, exames, remédios, esperar a expelição e iniciar a recuperação.

08/10/2010 - quinta-feira - 08:30 h

Hoje floriu o girassol no canteiro da nossa janela, mesmo dia em que me livrei do cálculo renal, naturalmente.

15/10/2010 - quinta-feira - 08:52 h

Sete meses de trabalho remoto! Quem poderia imaginar isso?

Sinto falta das reuniões presenciais de trabalho. Acredito que o trabalho remoto deve prosseguir, mesmo após a vacinação contra a covid-19. Há muitos processos de trabalho que podem ser desenvolvidos a distância, com a mesma eficiência e que traz economia de recursos e tempo. Porém, intercalando com momentos presenciais que fortaleçam o espírito de equipe!

20/10/2020 - terça-feira - 10:10 h

Hoje encerram-se as inscrições para a 11ª Edição do “Concurso Histórias de Trabalho”. Portanto, termino por aqui o registro de parte do que vivi, depois de 219 dias em trabalho remoto, 487 km de corrida na esteira e seis livros lidos.

Obrigado por ter chegado até aqui comigo.



Segundo Lugar

O corona, o CPF, e o propósito da Receita Federal

Daniela Barreto Duarte

Auditora-Fiscal da RFB-DRF/Recife-PE

Ingressou na RFB em 18/05/2004 em Petrolina/PE, atuando na área aduaneira e posteriormente na pesquisa e seleção para fiscalização, malha e fiscalização PF, sub judice e análise do direito creditório em compensação/restituição na DRF Caruaru/PE. Atuou como Inspetora da IRF Petrolina, Inspetora da Alfândega do Porto de Suape e Delegada Adjunta da ALF/Recife. E ainda passagem pela Diana04. Atualmente julgadora da 6ª Turma da DRJ/Recife.



Histórias de Trabalho da
Receita Federal do Brasil

— |

| —

— |

| —

O Corona, o CPF e o propósito da Receita Federal

Os maiores especialistas em gestão de empresas buscam estimular o propósito institucional através da sua vinculação ao propósito pessoal de seus colaboradores. E no serviço público, tal desafio mostra-se ainda maior, pois como fazer com que os servidores públicos de carreira se tornem comprometidos com o propósito da sua instituição? Como engajá-los? Principalmente aqueles que já estão há anos em um mesmo órgão - em muitos casos já contando os dias para a aposentadoria? Parece ser uma tarefa impossível manter essas pessoas comprometidas e automotivadas com o propósito institucional durante tanto tempo.

Contudo, há certas situações que surgem naturalmente quebrando paradigmas e que, de fato, deveriam ser estudadas e utilizadas como modelo de gestão e exemplo para todos. E o caso que iremos analisar e contar aqui é: como um vírus chamado corona, associado a problemas no CPF, fez valer o propósito da Receita Federal?

Assim começou essa nossa história de sucesso, em março de 2020, em meio à pandemia de covid-19, quando a maioria dos servidores da Receita Federal do Brasil - RFB, (quer por estar em grupo de risco ou por outra situação prevista para o trabalho remoto), recolheu-se em suas respectivas casas para proteger-se da contaminação em massa, passando a não mais trabalhar, momentânea e fisicamente, nas repartições.

Uma série de medidas foram tomadas para que os contribuintes pudessem ser atendidos de modo não presencial e, graças à tecnologia, muitas soluções já estavam presentes antes do momento de isolamento social e outras mais foram adaptadas à situação. Mas ainda assim, uma série de desafios se apresentaram pela frente: o acesso remoto aos



sistemas que não estavam preparados para a elevação da demanda, as reuniões virtuais por meio de aplicativos de teleconferência, chefiar equipes a distância, entre outras questões a serem enfrentadas.

E, em meio a esse caos, eis que, numa certa manhã, o Delegado da Receita Federal em Recife foi acordado pela chefe do seu Centro de Atendimento ao Contribuinte - CAC com um problema bombástico. A caixa corporativa da unidade que recebia as demandas usuais dos contribuintes, e que em média acumulava cento e poucas mensagens por dia, estava transbordando de solicitações para regularização de CPF, acumulando cerca de cinco mil e-mails. Era realmente uma conjuntura imprevisível e desafiadora a ser resolvida, e a expectativa do problema era crescer em projeção geométrica.

Tal situação decorreu em virtude da criação, pelo governo federal, do Auxílio Emergencial para pessoas que se enquadrassem em situação de vulnerabilidade social e econômica, apelidado de Corona Voucher. Para garantir o recebimento dos valores, o cidadão deveria inscrever-se através de um aplicativo - APP da Caixa Econômica Federal, informando todos seus dados, incluso o CPF. Com isto o APP fazia o batimento entre as informações prestadas e os dados constantes na base CPF da Receita Federal para confirmar a veracidade dos elementos fornecidos.

Esta demanda repentina gerou uma crise nacional sem precedentes, pois milhares de pessoas que buscavam se habilitar ao benefício se deparavam com as inconsistências dos seus dados e por consequência a negativa do cadastro no APP da Caixa. Além dessas, havia aquelas que nem possuíam CPF - crianças, inclusive -, as quais necessitavam se cadastrar o mais breve possível.

Eis que, diante da pressão, surgem as mais incríveis soluções. E numa situação de anormalidade, essas soluções têm que ser dinâmicas e adaptáveis, visto que não são previamente planejadas. Sendo, pois, como



diz aquele ditado popular *“temos que consertar o carro enquanto ele está andando”*. E assim foi...

No nosso caso, em Recife, o Delegado fez um chamamento de voluntários através do grupo no aplicativo de mensagens instantâneas do sindicato dos auditores, bem como do grupo do CAC e de outros, para participar de um mutirão de regularização de CPF.

E, a partir daí, é que podemos escrever o nosso best seller institucional de adesão espontânea ao propósito da Receita Federal que é *“Exercer a administração tributária e aduaneira com justiça fiscal e respeito ao cidadão, em benefício da sociedade”*.

Talvez nem todos saibam que esta é a nossa missão. Talvez nem todos os servidores do Órgão se lembrem que esta é a sua missão oficial enquanto instituição. Mas o que importa dizer é que, a partir daquele momento, em que mais de duzentas pessoas - de quase todos os cargos presentes na RFB, no caso de Recife e 4ª Região Fiscal -, resolveram se engajar naquele ofício voluntariamente, trabalhando dia e noite, sábado, domingo e feriado, sem que um chefe as “obrigasse” a isso, ou que tal trabalho se relacionasse com metas a cumprir, sem que houvesse qualquer tipo de bonificação financeira, ou mesmo de mérito individual - pois todos os voluntários estavam trabalhando de maneira anônima, éramos representados apenas pela assinatura da caixa corporativa -, houve a adesão espontânea de corpo e alma ao mais nobre propósito da nossa instituição, que é trabalhar em benefício do cidadão.

E naquele momento histórico, os cidadãos brasileiros precisavam desesperadamente de nós, do nosso empenho, da nossa energia e motivação. Não existia cobrança de produtividade ou de resultados, mas estes superaram todas as expectativas. A dedicação foi intensa. A sensação era de estarmos participando de uma “gincana” diante do espírito colaborativo, do bom humor e da humildade presente naquela equipe.



Todos ajudavam a todos sem qualquer distinção. Era um grupo de mosqueteiros bradando o mantra *“um por todos e todos por um”*.

O propósito da RFB estava ali presente e todos do mutirão estavam agarrados a ele. Cada qual em sua residência, se equilibrando entre a faxina domiciliar, os cuidados com a família e o medo imperante da contaminação, mas totalmente unidos pelo bem maior, o qual consagrava a nossa missão institucional.

Os números dessa demanda eram assombrosos, mas os envolvidos na atividade não estavam preocupados com o volume de trabalho, porque estavam engajados, sabendo ou não, na máxima da nossa instituição. O foco era resolver os problemas dos CPF's daqueles que estavam solicitando e era para tanto que estávamos produzindo.

O interessante, nesse caso, é observar que sempre foi, sempre é e sempre será assim, ou seja, em qualquer atividade em que trabalharmos na RFB estaremos fazendo algo para ou pelo cidadão, mas, às vezes, desvinculamo-nos desse propósito ou dessa missão, e passamos apenas a enxergar os números dos processos, a quantidade de declarações, a infinidade de demandas, as solicitações das chefias, e nos esquecemos das pessoas que estão por detrás daqueles números de processos, de declarações, de pedidos, de requisições. No cotidiano, nosso trabalho vai se desumanizando, vai se tornando estatística, racionalizando-se podendo distanciar-se do *“respeito ao cidadão e em benefício da sociedade”*.

E o maior reconhecimento do resultado desse trabalho foram os agradecimentos, as bênçãos e elogios desses cidadãos, o que nos fez acreditar que estávamos no caminho certo, ou seja, cumprindo o nosso propósito.

Então aqui cabe uma reflexão: nós, servidores públicos, só existimos porque a sociedade existe, é para ela que trabalhamos, e servi-la é a nossa missão.



Terceiro Lugar

CONFERE - 2020: o revide!

Cléber Marcelo Fernandes Caetano
Auditor-Fiscal da RFB-ALF/Porto de Santos-SP

Atualmente, chefe substituto da equipe de exportação, vinculada à divisão de despacho aduaneiro da alfândega do Porto de Santos/SP; ingressou na RFB em 1993. Já trabalhou na equipe de importação, no Núcleo de Repressão Atlântico e na equipe de trânsito aduaneiro.



Histórias de Trabalho da
Receita Federal do Brasil

— |

| —

— |

| —

CONFERE - 2020: O revide!**Alfândega da RFB do Porto de Santos/SP - maio de 2020.**

Àquela altura, já se sabia que os casos positivos eram noticiados por telefone, pela funcionária do laboratório de análises clínicas, antes mesmo de serem disponibilizados na internet. Riu de si mesmo da indecente intenção de desligar seus aparelhos evitando, assim, receber a temível ligação.

Pensamentos arborizando, sentiu o aparelho móvel vibrar sobre seu gaveteiro. Apanhou-o com tamanha rapidez que sequer percebeu (ou se importou em) tombar sua xícara com café nos documentos simetricamente alinhados.

Checou o número no identificador. Empalidecera!

Aquela ligação mudaria tudo...

Respirou fundo, como quem busca forças, limpou a garganta e, por fim, murmurou um inaudível:

Alô!

Cartagena das Índias - Colômbia, 1984

No aclamado ano de 1984, aqui bem pertinho do Brasil, um ilustre Nobel de Literatura, o colombiano Gabriel García Márquez, deu à luz aquele que seria consagrado como um dos mais belos e arrebatadores romances do século XX, *O amor nos tempos do cólera*.



Metade real, (romance baseado na história de seus pais), metade ficção (personagens fictícios e o delicioso realismo mágico...), somou-se, no topo da estante, a outros clássicos de semelhante estatura.

Uma curiosa história de amor que se arrasta em meio a uma terrível epidemia de cólera. Nossa história aqui contada também se desenvolve em meio a (e principalmente em razão da) epidemia de coronavírus. Uma bela história de amor...

...ao serviço público.

Secretaria Especial da Receita Federal do Brasil

Visão

Ser uma instituição inovadora, protagonista na simplificação dos sistemas tributário e aduaneiro, reconhecida pela efetividade na gestão tributária e pela segurança e agilidade no comércio exterior contribuindo para a qualidade do ambiente de negócios e a competitividade do país.

...

No início de 2015, não havia o novo coronavírus. Não que se saiba. Aliás, se já existia qualquer outra forma de coronavírus naquela época, pouquíssimas pessoas haviam ouvido falar. Também não havia aplicativo para criar e compartilhar vídeos curtos. Bons tempos...

Talvez, a mais nobre qualidade que um gestor público possa possuir seja a antevisão. Ter o dom de perceber pra que lado o vento, doravante, vai soprar e ajustar com antecedência as velas do barco.

É como desenvolver uma vacina antes mesmo do surgimento da doença.

A narrativa que se segue é incrivelmente real e aconteceu bem aqui, no nosso jardim. Afinal, a Receita Federal do Brasil, tem-se esmerado



nesse sentido. No início de 2015, no solo fecundo da alfândega do porto de Santos, germinava a semente do CONFERE.

Divagando, devagarinho...

Em tempos recentes, na telona e nos livros, alguns anos foram vinculados a determinados eventos:

1968 - O ano que não terminou (livro / Zuenir Ventura)

1984 - (livro / George Orwell)

2001 - Uma odisséia no espaço (filme / Stanley Kubrick)

2010 - O ano em que faremos contato (filme / Peter Hyams)

2012 - (filme / Roland Emmerich)

Entre tantos outros...

...

2020, podemos crer, será devidamente adjetivado pela história, a seu devido tempo.

Resiliência é a aposta favorita.

Mas já se pode opinar, também, que foi o ano da ruptura ou da adesão, dependendo do ponto em que se situe o observador. Rompemos hábitos, costumes, rotinas...e juntamos conhecimento, forças, ideias... tudo em prol da raça humana, que tanto tateou no escuro até conseguir enxergar o cintilante perigo travestido de invisibilidade, em formato de vírus.

No romance de Gabriel, o protagonista Florentino Ariza teve que aguardar 51 anos pelo amor de Fermina Daza. Nós, provavelmente,



aguardaremos somente mais alguns meses pela vacina, nossa maior esperança contra a covid-19.

O tremor

No apagar das luzes de 2019, o mundo foi sacudido com um alerta da OMS (Organização Mundial da Saúde) de que autoridades chinesas haviam notificado casos de uma misteriosa pneumonia na cidade de Wuhan.

No início de 2020, identifica-se o novo coronavírus. Dias após, comprova-se a transmissão humana.

No final de fevereiro, o Brasil conhece o seu primeiro caso. Em meados do mês seguinte, registra-se, aqui no Brasil, a primeira morte.

No final de maio, tornamo-nos o segundo país com mais casos no mundo. No início de agosto, ultrapassamos a marca de 100 mil mortos por covid-19. (Tanta gente boa que se foi...)

Temos acima, em síntese, a trágica escalada do novo coronavírus em terras verde-amarelas. Num piscar de olhos, pessoas se isolaram; aulas, cultos, eventos artísticos e esportivos foram suspensos, comércios e prestadores de serviços foram fechados. Abismado, o mundo se recolheu e as nações multiformes passaram a enxergar um mesmo - e invisível - inimigo: o novo coronavírus.

CONFERE - Conferência Remota

Projeto vanguardista da alfândega da RFB do Porto de Santos, que possibilita a realização de conferência física de mercadorias por câmeras, eliminando as quilométricas distâncias entre os recintos alfandegados e a sede da alfândega.



Em resumo, um servidor que necessitava dirigir-se a determinado recinto alfandegado e que, dependendo da distância e/ou do tráfego levava, em certos casos, mais de uma hora, num passe de mágica consegue, agora, realizar conferências na tela do seu computador, no conforto da sua sala ou até mesmo de sua casa, em mais de um recinto alfandegado, simultaneamente. Uma autêntica curetagem nos seculares métodos de conferência de carga.

Pode parecer pouca coisa, mas na alfândega do Porto de Santos, com dezenas de recintos alfandegados abrigados e espalhados sob seu guarda-chuva, faz muita diferença. De quebra, a União deixou de gastar elevada quantia com indenizações de transporte, desnecessárias em razão desse novo método de conferência. Fez (e faz) tanto sucesso, que está se espalhando Brasil afora.

E algumas aduanas de outras nações já conheceram e se interessaram pelo projeto. Como a aduana russa, exemplificando.

É a Receita Federal do Brasil inovando e exportando (mais) uma notável experiência de trabalho.

Nenhuma novidade, convenhamos... Afinal, a RFB é a locomotiva tecnológica do serviço público brasileiro.

Isto posto, que era vanguarda, todos nós já sabíamos. Que era previdente, sequer suspeitávamos.

Tensão...

No dia 18 de março de 2020, a equipe de conferência física da alfândega do Porto de Santos anoiteceu com vinte servidores e amanheceu com oito.

Os doze restantes foram, compulsoriamente, para casa, em razão de possuírem 60 anos ou mais. Restaram, presencialmente, apenas três



auditores e cinco analistas, uma reduzida e valorosa equipe, desdobrando-se para não deixar a peteca cair. Rezávamos para que ninguém ali contraísse o vírus, posto que já atuávamos no limite. A cidade de Santos ficou silenciosamente deserta, amedrontada, afinal o porto de Santos é o grande portão do Brasil e é comuníssimo encontrar grupos de tripulantes das mais diversas nacionalidades transitando pelo cais, pela orla, pelo comércio...

À época, o epicentro da doença era o continente asiático. A coisa aqui andava tão estranha que pessoas com sintomas do vírus levantavam suas mãos para o céu e choravam de alegria, quando recebiam um diagnóstico de dengue, em vez de covid-19.

Toneladas de insumos e medicamentos destinados ao combate da covid-19 chegavam no porto de Santos, à cada atracação. A malha aérea mundial encolhera drasticamente e, alguns produtos outrora despachados pelo ar, agora só chegavam pelo mar (um perfeito exemplo disso foram as encomendas internacionais dos correios, provenientes dos países asiáticos).

E então, veio a notícia que abalou o grupo...

...e a solução!

Um auditor e dois analistas da equipe de conferência, todos em trabalho presencial, contraíram o vírus... Num piscar de olhos, a equipe se desintegrou. Naquele momento, liberar as cargas “covid” com a ligeireza requerida que nos é peculiar se tornou uma meta de trabalho absolutamente inalcançável. Mas espera lá!

“O inalcançável é sempre azul!” (Clarice Lispector).

Posto que metas de trabalho não têm cor, logo, não são azuis, e, como eu já dissera antes, a Receita Federal do Brasil, na presente história,



representada pela alfândega do porto de Santos, costuma caminhar léguas à frente do seu tempo, em meio a todo o caos causado por esse incomparável fator exógeno, o CONFERE aflorou-se como o mais eficaz agente imunizante aos efeitos da pandemia no comércio exterior brasileiro, quiçá mundial.

Graças a ele, as cargas continuaram sendo liberadas com a mesma velocidade da transmissão do vírus. Muitos outros colegas de trabalho, das diversas equipes da Alfândega do Porto de Santos contraíram a covid-19. Felizmente, todos estão curados. E foi assim que o CONFERE, projeto condecorado de conferência remota de cargas, contribuiu para que o Brasil seguisse à risca seu plano de combate à covid-19, sem perder de vista a excelência dos serviços aduaneiros prestados pela Receita Federal do Brasil!

Informações que não se registram, se perdem. Essa pandemia será lembrada pelo abalo sísmico provocado na saúde e na economia. A Receita Federal do Brasil será lembrada pela pronta resposta ao desafio imposto, lastreada em tecnologia e na dedicação de seus servidores.



— |

| —

— |

| —

Menções Honrosas



Histórias de Trabalho da
Receita Federal do Brasil

— |

| —

— |

| —

O que aprendi com a pandemia

Regina Fernandes de Andrade

Analista Tributário da RFB-Ascom/Divim/Brasília-DF

Ingressou na RFB em 1993. Com formação em Comunicação Social pela UFPE. Dentro da RFB, atuou em várias áreas, dentre as quais a principal foi a Aduana. Atualmente está lotada na Ascom/Divim.

Segunda-feira, 16 de março de 2020. A pandemia do coronavírus já era realidade e toda a equipe da Divim - Divisão de Imprensa da ASCOM em Brasília - foi direcionada para o trabalho remoto. Cada qual tratou de providenciar a papelada necessária e levar o computador para casa (sim, tínhamos que levar nosso computador do trabalho) a fim de começar o home office.

Tudo muito novo e muito de repente, pelo menos para mim. A princípio, não era muito confortável aquela mudança toda. Não estava preparada, mas quem estava? De qualquer forma, assim haveria de ser a partir de então. Depois de tudo pronto, separei o meu computador para levar e experimentar essa nova forma de trabalho.

Já em casa e com todos os apetrechos (computador e acessórios) que eu tinha trazido comecei a me organizar para trabalhar com eficiência e tranquilidade. Espaço pronto, teste final: ligo tudo e percebo que o monitor não funciona. E agora? Esperar... O que poderia ter dado errado? Tinha



trazido todos os componentes, tudo ligado, o que poderia ser? Até que, depois de tanto pedir ajuda, um colega me pergunta se eu havia trazido o cabo para ligar o monitor, respondo que não. Mistério desvendado.

Voltarei ao prédio do Ministério para buscar o cabo que ficou faltando e problema resolvido. A tarde foi de descanso. Até que então, quase dez horas da noite, minha chefe liga perguntando se eu poderia ficar no trabalho presencial porque não seria permitido que toda a equipe fosse realocada para o home office. Eis que começou de verdade a minha experiência nessa pandemia.

Dia seguinte, peguei meu computador e acessórios e retornei ao meu velho conhecido cantinho de trabalho. Coloquei tudo de volta ao local dantes e comecei a trabalhar. Os protocolos estavam sendo cumpridos para os servidores trabalharem presencialmente de modo seguro: máscaras e álcool em gel providenciados. Confesso que, a princípio, até gostei do fato de não estar trabalhando de casa, pois significava que nada tinha mudado. Engano meu.

O trabalho na Divim, além de requerer que estivéssemos sempre atualizados, era muito dinâmico também. Nesses primeiros momentos da pandemia, houve um aumento significativo de trabalho em função de normas que tiveram que ser elaboradas ou adaptadas. As demandas de jornalistas cresceram em função disso.

Mas, como mencionado, houve mudança interna também, de reflexão, de introspecção. Era tudo muito novo e desafiador. Estava bem, apesar de tudo que a pandemia trazia consigo: incertezas, angústias, enfim todo esse arsenal de dores e complexidades eram reais, mas estava conseguindo lidar bem com tudo isso. No entanto, eu refletia sobre o momento em que, não apenas eu, mas todos, estavam vivenciando. Quando tudo aquilo iria acabar? Ou se iria? Quantas vidas seriam perdidas? E se alguém da minha família ou mesmo eu pegasse a doença? Tudo incógnita! Todas as perguntas sem respostas.



Porém, lá estava eu, firme e forte, realizando meu ofício presencialmente e da melhor maneira que conhecia e podia. Dando o melhor de mim. Trabalhar presencialmente permitiu uma visão específica da pandemia. Talvez porque, de início, foram muitas as dificuldades e dúvidas para quem estava em teletrabalho; e o fato de sair de casa para trabalhar mantinha parte da minha rotina preservada, fazia com que me sentisse menos afetada.

Não sei como teria sido se eu estivesse trabalhando em home office, mas uma coisa para mim era certa: em casa ou presencialmente tive que me reinventar e me adaptar ao novo momento, ao novo estilo de vida. E reinvenção tornou-se palavra de ordem nesses tempos de pandemia. Fomos obrigados a olhar para dentro de nós, a nos observar, a nos adaptar a essa nova realidade imposta sem que pudéssemos nos preparar. Realidade em que o isolamento, o cuidado e respeito ao próximo eram a orientação.

O início da pandemia me pareceu agradável: imaginei como se fossem férias ou descanso, ainda que continuasse trabalhando normalmente. Era só esperar que o tempo passasse e o vírus cumprisse o seu ciclo. Tudo voltaria a ser o que era antes. No entanto, o tempo passava: um mês, dois meses, três meses, quatro meses, cinco meses e a situação cada vez mais se agravando.

Comecei a entrar em uma nova fase: uma angústia, uma ansiedade a tomar conta, e agora? Preciso fazer algo, como lidar com tudo isso? Aos poucos, parei de acompanhar tanto os noticiários e me afastei daquilo que pudesse me desequilibrar.

Estudos e família foram me ajudando a superar tudo o que me afligia. A internet se revelou um excelente canal para me aperfeiçoar e manter o contato assíduo com a minha família, mesmo que a distância. Não posso dizer que estou imunizada, isso seria irreal, porém todo o processo me desenvolveu emocionalmente e até intelectualmente.



Ainda que a tristeza insistisse em tomar conta, no geral, estava bem. Com meu emprego estável, tinha um teto para morar e uma família que estava bem e com saúde. Mas e os outros? E quem não estava não estava nessa situação? E quem perdeu o emprego ou alguém da família? Porque eram a maioria e a cada dia que se passava chegava uma notícia de alguém contaminado próximo ao meu convívio. Como aliviar a dor dessas pessoas? Não sabia como. Fácil falar: não desanimem! Na prática, não. Enfim, passei a ser mais cuidadosa, atenciosa, colaborativa, comecei a mudar as atitudes.

Mais do que simplesmente ser acometido pela covid-19, o que impactou a grande maioria das pessoas foi um grave desequilíbrio emocional, com um aumento significativo de casos de ansiedade, depressão, entre outras sequelas.

Percebendo isso, a Receita Federal, através do Núcleo de Qualidade de Vida no Trabalho, desenvolveu o projeto QVT Live. Iniciado em junho e por meio do qual foram e continuam sendo discutidos, sempre às terças e quintas, por profissionais da casa ou externos, temas essenciais para o equilíbrio mental, físico, emocional e até financeiro dos servidores. Passando por temas como ansiedade, inteligência emocional, comunicação não violenta, eneagrama, como trabalhar em home office, como investir, hipnose, produtividade, entre tantos outros temas ligados ao desenvolvimento pessoal e autoconhecimento.

A iniciativa do QVT Live desviou a questão da técnica e operacional ou estratégica e levantou a preocupação em preservar a saúde física, psíquica e emocional de todos que fazem a Receita Federal. E essa reinvenção e reavaliação de conceitos e paradigmas, 'obrigou-nos' a olhar com maior empatia para nós e para os outros. Observar o que de melhor podia ser feito para o engrandecimento tanto da equipe em que estávamos inseridos como também para a Instituição e sair dessa melhor e mais fortes.



Minha experiência toda nesse momento de pandemia, trabalhando presencialmente foi grandemente beneficiada por essa colaboração proporcionada por todos que formam o Grupo de Qualidade de Vida no Trabalho. De nada adiantaria ter um aparato tecnológico de “última geração” se nós, os seres humanos, que fazemos a roda funcionar, não estivéssemos prontos a dar o nosso melhor a cada dia. Quase seis meses tendo que viver em isolamento e longe de minha família e amigos, não tem provação maior! Um teste para a nossa saúde física e mental. E a diferença foi a solidariedade e ajuda compartilhada.

Cada um a seu modo ajudou, importou e fez sentido para o outro. Foi dessa forma que procurei agir, colaborando e dando o meu melhor. O trabalho aumentou, foram necessárias adaptações, mudanças que, se antes não estavam no roteiro, passaram a fazer parte de um novo modo de conviver e de trabalhar, que vieram para ficar. Mas uma coisa eu sei: cada um de nós foi responsável por ser um agente transformador para uma nova Receita Federal do Brasil.

Foram muitas dúvidas e incertezas, mas que no fim tornaram o nosso ambiente de trabalho e as nossas relações mais fortes e mais transparentes. Melhores pessoas e profissionais. Tudo fez sentido e justificou termos passado por tão penoso momento de aprendizado e crescimento individual. Moldamos uma nova instituição, reinventada, melhor e mais forte! Após 27 anos de casa, não havia presenciado passo tão grande e corajoso.

E nesse cenário de crises e dificuldades pelo qual ainda passamos, a nossa instituição deixou para os servidores e para a sociedade em geral um legado de aprendizado para depois que tudo normalizar.



Reações em cadeia

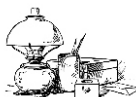
Luzia Souza Santos

Assistente Técnico-Administrativo-DRF/Feira de Santana-BA

Ingressou na RFB em 22/06/2015, na equipe de atendimento ao contribuinte da ARF/Ananindeua/PA. Permaneceu até junho de 2019. Em julho foi transferida para a DRF em Feira de Santana/BA, no setor de Programação e Logística, trabalhando entre outras coisas, com a elaboração de peças para licitações.

Apressei-me e consegui chegar a tempo de embarcar no ônibus das 6 h. Sentei-me ao lado da janela, onde gostava de ficar: afastada do corredor, sem muito contato com os que precisassem transitar por ali. Descansei a bolsa na cadeira ao lado (mantendo-a presa às minhas mãos, é claro) e inclinei o rosto para a janela, recebendo o ar frio da manhã, que vinha de fora. Fechei os olhos para descansar um pouco durante o trajeto. Quem por mim passasse, deveria se sentir desencorajado a sentar.

É verdade que havia mais passageiros, mas havia também diversas cadeiras desocupadas; filas inteiras livres para serem preenchidas. Ademais, a notícia do vírus já havia se espalhado e, a essa altura, tosses e espirros alheios já despertavam olhares explícitos de censura. Definitivamente, então, não haveria de ter alguém que buscasse aproximação física de outros, sobretudo tendo a opção do afastamento. Assim, com os indícios que dei e a seriedade da pandemia, estava certa de que não teria companhia ao meu lado durante a viagem. Enganei-me.



Ela aparentava sessenta e poucos anos. Vestia um casaco espesso e estava sem máscara, assim como eu e os demais passageiros (à época, a recomendação para uso de máscaras ainda permanecia restrita a alguns casos). Entrou com uma toalha de mãos sobre a boca, e a bolsa agarrada ao corpo. Não olhou muito em volta, veio direto em minha direção e parou a minha frente, esperando que eu retirasse a bolsa que mantinha sobre a cadeira. Retirei a bolsa, com surpresa. Ela se acomodou, sem reservas. Em poucos instantes, começou a tossir. Também espirrava na toalhinha que carregava. Em outras circunstâncias, eu até fecharia um pouco a janela, em sinal de consideração. Mas, naquele momento, não dava. Recolhi-me inteira à metade da cadeira e aumentei a abertura da janela, apesar de estar frio. No fundo, eu sabia que essas medidas não me resguardariam do pior. Minha vida como infectada passou diante dos meus olhos: seria curta e sofrível. Pensei, por várias vezes, em levantar-me, mas faltou coragem. Não conseguiria fazer isso sem chamar atenção. Resignei-me e permaneci sentada: sem o sossego, sem o descanso, sem o cochilo interrompido de todos os dias (pelos arranques de motor, os ruídos da estrada, as gargalhadas inconvenientes para o início da manhã etc.) e, pelos indícios da companhia, com muitos vírus circulando à minha volta e em mim, possivelmente. Ainda tinha esperança de que ela descesse antes do destino final, dando-me uns minutos de sossego. Mas não aconteceu. Desceu apenas na rodoviária, assim como eu. Deveria estar indo para algum hospital. Fora os muitos trabalhadores e estudantes universitários que vinham e voltavam todos os dias naquela linha, quando havia algum idoso, era quase certo que procurava médico. Enfim, nada na situação me deixava aliviada.

No caminho até a Receita, passei na farmácia e comprei um termômetro. Estava sentindo um pouco de dor de cabeça e febre. Às vezes, no início das manhãs, sentia alguma dor de cabeça que se dissipava ao longo do dia. Quanto à sensação de calor, o esforço natural da



caminhada até o trabalho resultava, quase sempre, em aumento da temperatura corporal. Mas, a despeito de qualquer racionalização, os indícios converteram-se imediatamente em sintomas e, sugestionados pelo medo da doença, receberam maior importância.

No prédio da Receita, subi pelas escadas e fui direto lavar as mãos com fervor. Limpei o termômetro com álcool gel, bem como a mesa, o mouse e os utensílios que costumava utilizar. Li as instruções de uso do aparelho e medi minha temperatura: 37°. Pensei em ir a uma emergência. Estava indecisa quanto a se essa seria a decisão mais sábia, dado o risco maior de contaminação, caso ainda não tivesse acontecido. Resolvi aguardar se os sintomas ficariam mais consistentes.

Com a chegada do primeiro colega, comentei o ocorrido no transporte e o que estava sentindo; para o segundo também. Estavam avisados, então. Sorrimos com ares de medo e desconfiança. Dali a pouco, notei que os que dividiam a sala comigo e os do entorno ausentaram-se, desde o momento em que tomaram conhecimento do episódio no ônibus. Permaneceram sem retornar por quase toda a manhã. Silêncio total. Refleti sobre o efeito do problema. De fato, tendo em vista o potencial de propagação do vírus, supondo-se que realmente o estava portando, era uma reação compreensível. Não acolhi a ideia de censura. Na verdade, nem me oporia a regressar para casa, sobretudo naquelas circunstâncias, mas não propus nada a respeito.

Em minha defesa, convém ressaltar que, em um dia normal, eu levantaria algumas vezes para encher com água minha garrafinha mas, naquele momento, evitei ao máximo a circulação. Permaneci por algum tempo, com a água que tinha. No intervalo para o almoço, adentraram, aos poucos, a sala. Recolheram alguns pertences e saíram para almoçar. Almocei por ali mesmo. Segui com minhas atividades. Já não havia dor. Retornei para casa no horário normal de expediente.



Passados alguns dias, retomou-se a normalidade, quer dizer, aquela que era possível ser retomada diante de um cenário geral de apreensão. Afinal, mesmo sem manifestações tão explícitas como as da passageira que me fizera companhia durante a viagem, uma pessoa poderia ser portadora do vírus e propagá-lo; especialmente se não demonstrasse sintomas. Sabíamos que apenas uma medida que reduzisse substancialmente o contato entre nós poderia dissipar o risco de contaminação e a desconfiança de um em relação ao outro, dando-nos mais tranquilidade e segurança, de modo a podermos nos concentrar na execução das nossas atribuições.

Nesse ínterim, fora publicada, oportunamente, norma interna com as previsões de ausência para trabalho remoto. Servidores e colaboradores, sobretudo aqueles provenientes de outras cidades (que necessariamente mantinham contato com diversas pessoas em transportes intermunicipais), sentiram o impacto positivo dessa providência: sem a necessidade de deslocamento a trabalho, poderiam resguardar, além da própria saúde a de seus familiares, alguns dos quais eram pertencentes a grupos de risco.

A partir de então, todos os que de alguma maneira atendiam aos requisitos para trabalhar remotamente adotaram as normas disponíveis para tanto. Enquadrava-me em um deles. Então, protocolei processo, preenchi formulário de autorização de saída de equipamentos e termo de responsabilidade; além de executar as demais medidas envolvidas no ingresso em trabalho remoto que, no meu caso, foram: impressão e estudo do manual o-VPN, de modo a assegurar o acesso do computador aos sistemas da Receita, e “intensivão” ministrado pelo Técnico em Informática acerca do encaixe/dencaixe de tantos cabos aos seus respectivos equipamentos.



Adotadas todas as precauções, parti mais corajosa para o enfrentamento da mudança. Exceto por um detalhe, sobre o qual eu não tinha controle: retornar para casa no transporte intermunicipal.



Prosas Classificadas



Histórias de Trabalho da
Receita Federal do Brasil

— |

| —

— |

| —

A pandemia e o teletrabalho

David Ramos Campos

Auditor-Fiscal da RFB-DRF/Campinas-SP-Aposentado

Aposentado desde 28/02/2020. Ex-servidor do INSS e na Receita Federal desde 2008, analisando processos de restituição.

O ano de 2020 será marcado como um período em que o mundo, indiscutivelmente, sofreu com a perda de centenas de milhares de vidas em função da covid-19. Sem alternativas imediatas, muitos dos ilustres moradores do planeta foram obrigados a criar saídas emergenciais, sob a pena de serem vitimados pela doença.

A covid-19 é uma doença causada pelo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, que apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves. De acordo com a Organização Mundial de Saúde, a maioria (cerca de 80%) dos pacientes com covid-19 podem ser assintomáticos ou oligossintomáticos (poucos sintomas), e aproximadamente 20% dos casos detectados requer atendimento



hospitalar por apresentarem dificuldade respiratória, dos quais aproximadamente 5% podem necessitar de suporte ventilatório. (1)

Independentemente de pertencer a determinada classe social, sexo, raça ou religião, as pessoas foram drasticamente surpreendidas por uma doença desconhecida, restando-lhes se inteirar das bombásticas notícias e informações, inclusive fakes, vindas de quase todas as partes. Gradativamente, constatou-se que o isolamento e distanciamento social, evitar aglomerações, higienizar as mãos e usar máscara, tornou o risco de contaminação menor.

Pessoas que viajaram e tiveram contato com outras que apresentaram os sintomas da doença, ou ainda, que estiveram no local onde houve a suposta origem da infecção necessitaram ficar em isolamento social, objetivando evitar a transmissão do vírus.

Hospitais e centros de saúde não possuíam estrutura suficiente para suprir a alta demanda de pessoas que buscavam atendimento. Diante disso, foi necessário construir diversos hospitais de campanha. Ainda assim, para os atendimentos mais graves não havia aparelhos respiratórios suficientes e outros objetos de proteção. Teriam que ser importados. Teriam que ser fabricados.

Os profissionais de saúde que atuavam na linha de frente, careciam de equipamentos de proteção pessoal e, incessantemente, arriscavam a vida, para salvar outras vidas. Até que fossem encontrados mecanismos de proteção para os consumidores, as atividades do comércio e indústria permaneceram fechados.

Em regime de urgência, sancionou-se o Auxílio Emergencial para garantir uma renda mínima aos brasileiros em situação mais vulnerável durante a pandemia, garantindo a subsistência. Com a paralização das atividades econômicas, muitas pessoas perderam o emprego ou deixaram de ter renda para o sustento próprio ou da família.



O Auxílio Emergencial é um benefício financeiro destinado aos trabalhadores informais, microempreendedores individuais (MEI), autônomos e desempregados. Para ter acesso ao benefício bastava preencher um cadastro conforme orientações disponíveis na internet.

Ocorre que, para efetuar o cadastro, era necessário informar o número do Cadastro de Pessoa Física, popularmente conhecido como CPF. A Receita Federal, para proteger os servidores, funcionários e o público em geral, especificamente os usuários de serviços, franqueou mudanças para reconfigurar os ambientes de trabalho, implantando, em caráter emergencial, outras formas de acesso aos serviços não disponíveis nas plataformas atuais - o atendimento através de e-mail.

Os servidores lotados nos locais físicos de atendimento e em medida de urgência, prontamente se adequaram para que as pessoas tivessem o benefício do Auxílio Emergencial sem o deslocamento físico até as unidades de atendimento.

Com a criação de programas emergenciais, a Receita Federal ofereceu como opção, durante a pandemia, que diversos servidores pudessem realizar suas tarefas através do trabalho remoto.

Para que as metas pudessem continuar sendo cumpridas sem colocar em risco a vida dos servidores e familiares, foram disponibilizados os suportes necessários como, por exemplo, *notebook*.

O teletrabalho se tornou tendência nos últimos anos. Consiste em um processo de adaptação, pois é realizado fora das dependências do estabelecimento.

Na verdade, trata-se de ampliação da oferta disponibilizada a alguns servidores, visto que, a Portaria que institui a modalidade de teletrabalho existe há algum tempo. A referida Portaria não é extensiva aos servidores, indistintamente.



Não pode optar, servidor que desempenha atividades em que a presença física seja estritamente necessária, como, por exemplo o trabalho na alfândega. Foram encontrados servidores aversivos ao teletrabalho que descreveram, entre outros motivos, a separação necessária entre a atividade laboral e a vida doméstica.

Afinal, segundo eles, era nos bate-papos diários ocorridos nos intervalos do cafezinho que eventuais dúvidas sobre a legislação eram sanadas ou, simplesmente, comentários sobre política, religião e até das famílias.

O não-cumprimento de horário e o deslocamento diário até o local de trabalho, entre outros motivos, reforçaram a opinião dos favoráveis ao trabalho remoto. Paralelamente, reuniões, cursos, palestras e outras formas de interação coletiva entre os servidores e demais autoridades puderam ser realizadas com o uso de tecnologias de transmissão como a videoconferência.

É grande a expectativa para que, uma vez adotadas as medidas sociais e de saúde pública em âmbito nacional e sejam produzidas e distribuídas vacinas, possa restabelecer-se a rotina. Apesar das intempéries, constata-se que os servidores, funcionários e colaboradores da Receita Federal mantêm-se resilientes, com dedicação e esforço no desempenho das tarefas e, com responsabilidade têm se mantido prudentes com a pandemia.

(1) <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#o-que-e-covid>, em 13/09/2020.



A pandemia revelou um time

Ana Emília Baraculhy Cavalcanti

Auditora-Fiscal da RFB-SRRF04/Recife-PE

Ingressou na RFB em 15/05/1991, no cargo de Técnico do Tesouro Nacional. Empossada no cargo de Auditor-Fiscal do Tesouro Nacional em 16/12/1997. Exerceu as funções de assistente na SRRF04, chefe do Serviço de Recursos Humanos da SRRF04, chefe da Divisão de Gestão de Pessoas da SRRF04, Superintendente-Adjunta da 4ª Região Fiscal.

Regime de teletrabalho estava fora dos meus planos. Habituada a uma rotina de quase 30 anos de trabalho presencial na Secretaria da Receita Federal do Brasil, perguntava-me como conseguiria ficar distante das pessoas. Como seria trabalhar sem poder ir à mesa de um colega tirar uma dúvida, prestar uma orientação ou realizar uma atividade em conjunto?

Observava a crescente demanda das pessoas pelo teletrabalho oficial e não me sentia inclinada a mudar de área para desfrutar da possibilidade desse suposto benefício. Numa autoavaliação sincera e criteriosa, sentia-me totalmente incapaz de tocar uma rotina de home office. Receava não ter a disciplina necessária para manter uma agenda de trabalho organizada e me imaginava enredada em distrações e procrastinações infundáveis. Definitivamente, não era algo para mim.

Havia, entretanto, dois momentos em que almejava poder trabalhar de maneira remota: em dias de chuvas intensas ou quando perdia preciosos minutos (ou horas) em um trânsito caótico, algo cada vez



mais frequente. Ainda assim, esses “desesperos” momentâneos não eram suficientes para me fazer trocar o trabalho presencial pelo remoto.

Até que chegou a pandemia do novo coronavírus e fui para casa em março. Foi estranho. Difícil. Desafiador. Não era uma situação planejada, sob controle, com rotinas organizadas. As autoridades de saúde e sanitárias recomendavam quarentena, distanciamento social. Os registros de mortes e de novos infectados cresciam. O clima era de apreensão.

Estando numa posição de liderança tinha a responsabilidade de orientar as unidades e equipes subordinadas. Era preciso tomar decisões ainda que os normativos não fossem suficientes para dar conta da nova situação. Em primeiro lugar estava o cuidado com a saúde das pessoas. Das que trabalham na RFB e das que utilizam seus serviços. Apesar da essencialidade de algumas atividades, foi inevitável o fechamento de muitas unidades que passaram a prestar o atendimento de maneira virtual.

A experiência dos primeiros 30 dias de trabalho em casa foi bastante intensa. Talvez frenética seja a palavra adequada para expressar a grande agitação ocorrida nos meses de março e abril, principalmente. As reuniões virtuais eram frequentes e intermináveis. Acho que nunca tivemos tantas horas de reunião concentradas em um período tão curto. Nem tantas decisões importantes a tomar e implementar com tamanha urgência.

Emblemática foi a força-tarefa constituída para atender às demandas relacionadas à regularização do Cadastro de Pessoa Física - CPF de maneira a que os trabalhadores informais, autônomos e desempregados conseguissem realizar seu cadastro no Programa do Auxílio Emergencial instituído pelo Governo Federal e receber o valor a que tinham direito com a brevidade necessária. Em todo o país, milhares de



servidores da RFB de todas as categorias funcionais, dedicaram suas horas de trabalho, de fim de semana e de feriados, com destaque para o período da Páscoa, em prol de um objetivo comum. Não dá para não sentir orgulho de nossa instituição.

Tudo isso revelou a capacidade da organização de dar as respostas que o momento exigia. Em pouco tempo, milhares de servidores da RFB, em todo o Brasil, estavam trabalhando em casa. Isso só foi possível em razão da atuação da área de gestão corporativa (tecnologia da informação, logística e gestão de pessoas). As demais áreas também trabalharam intensamente para preservar os serviços que afetam diretamente a população, como o atendimento ao contribuinte e o controle aduaneiro, bem como a gestão do crédito tributário, fiscalização e combate aos ilícitos, prevenção e solução de litígios tributários e aduaneiros fundamentais para realizar a missão do nosso órgão.

Completei sete meses de trabalho remoto. E meus receios de não me ambientar ao teletrabalho não se concretizaram. É provável que tenha interagido com mais pessoas e por mais tempo que se tivesse passado os sete meses no trabalho presencial. A tecnologia me aproximou dos colegas, não só dos que estão geograficamente distantes, mas até daqueles que trabalham na mesma unidade física. E foram interações de qualidade, produtivas e com resultados. A tecnologia abriu portas para mais aprendizados, capacitações, desenvolvimento e contatos. Passei a me sentir confortável em home office.

Infelizmente tudo isto foi decorrente de uma situação indesejada que causou milhares de mortes, sofrimento e enfermidades. Mas, para mim, a pandemia revelou que não somos um grupo de pessoas trabalhando juntas. Somos um time. Uma equipe de alta performance. Aquela que compartilha um objetivo comum, possui um senso de pertencimento, se compromete com o resultado e na qual todos se ajudam para fazerem sempre melhor.



Se conseguimos esse nível de engajamento em uma situação de crise, podemos sim manter um time coeso em qualquer tempo. Presencial ou remotamente.



A Receita Federal e a pandemia

Valmir Paulino Benício

Analista Tributário da RFB-ARF/Guaxupé-MG

Bacharel em Administração. Habilitação em Comércio Exterior e Bacharel em Direito. Ingressou no Serviço Público em 1987, quando trabalhou como Escrevente no Judiciário Paulista. Depois, em 1991, entrou para o Serviço Público Federal no Concurso para Técnico do Tesouro Nacional. Trabalhou na Alfândega de Cumbica, na DRF/SBC, DRF/PCS e ARF/SSP. Atualmente é chefe da ARF/Guaxupé. Participou da elaboração das Revistas comemorativas de 10 a 20 anos da DRF/PCS.

A pandemia

O ano de 2020 ficará marcado na nossa história como “o ano da pandemia”. Para nós, ficará registrado como o ano em que a Receita Federal mostrou sua flexibilidade e uma ágil adaptabilidade para se ajustar às contingências e demandas emergenciais do momento.

A partir de fevereiro, o Brasil passou a ter que se preocupar com a doença causada pelo coronavírus. Desde então, o país vem contabilizando perdas de toda ordem, até mesmo de vidas humanas para a nossa infelicidade. Em março, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou pandemia de coronavírus. Em decorrência disso, o mundo todo teve que se adaptar a uma mudança radical em seu estilo de vida. O Brasil levou algum tempo para fazer a adequada avaliação da gravidade do problema de saúde que estávamos lidando. O cenário mudava constantemente.

Com a decretação da pandemia, veio o isolamento. A partir disso, negócios foram fechados, todo tipo de eventos e atividades foi suspenso. A



Histórias de Trabalho da
Receita Federal do Brasil

economia praticamente paralisou. Foram tomadas medidas de distanciamento social que incluem bloquear áreas inteiras e monitorar todos os pontos de circulação de pessoas para o controle da doença.

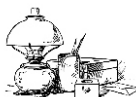
Talvez seja uma das mais graves ocorrências em toda a história, considerando a extensão do problema e o cenário atual da civilização. Com a paralisação de atividades esportivas, escolares, do comércio e indústria, eventos etc., vivenciamos uma recessão sem precedentes. Pessoas desempregadas, negócios fechados ou encerrados levaram a uma situação de grande preocupação com a subsistência, em especial dos indivíduos mais necessitados.

O Auxílio Emergencial

Diante de situação tão crítica o governo criou o Auxílio Emergencial, um benefício instituído no Brasil pela Lei de no 13.982/2020 que previu o repasse de valores a partir de R\$ 600,00 mensais a trabalhadores informais e de baixa renda, microempreendedores individuais, autônomos, desempregados e das mulheres, arrimos do lar, que já recebiam o bolsa-família. Foi uma forma de minimizar a penúria financeira de boa parte da população mais prejudicada pelas consequências da pandemia do coronavírus - covid 19.

O papel da Receita Federal

Em um momento de grande mobilização para alinhar procedimentos que possibilitassem o cadastramento e a liberação do auxílio para a população, a Receita Federal mostrou impressionante agilidade e eficiência para flexibilizar e facilitar a regularização e atualização do CPF dos interessados. Ações rápidas e abrangentes foram promovidas graças a mobilização de vários órgãos como o Conselho



Nacional de Justiça (CNJ), o Conselho Nacional do Ministério Público (CNMP), Comissões de Direitos Humanos e de Direito Notarial e Registros Públicos da Ordem dos Advogados do Brasil em São Paulo (OAB/SP), Associação dos Registradores de Pessoas Naturais de São Paulo (Arpen/SP), Centros de Referência em Assistência Social (CRAS/SP), entidades da sociedade civil, Polícia Federal, e claro...a nossa Receita Federal.

Essa mobilização foi necessária para viabilizar a obtenção da documentação mínima para o recebimento do Auxílio Emergencial. No caso da Receita Federal, montamos uma força-tarefa para regularizar o máximo de CPFs de trabalhadores informais e desempregados que têm direito a receber o auxílio. Cidadãos com pendências no documento não conseguiam se cadastrar no site ou no aplicativo da Caixa Econômica Federal para solicitar o benefício do governo federal, que seria pago por três meses. Para evitar fraudes, o governo cruzou os dados informados no aplicativo ou no site com a base da Receita e do INSS.

A Receita tomou medidas para que algumas exigências que implicavam em pendências como título de eleitor ou falta de dados (como cidade de nascimento) não impedissem o cadastro. Até mesmo muitos CPFs em determinadas situações foram regularizados automaticamente. Vários servidores, em sua maioria em home office, atenderam, até em finais de semanas ou feriados, milhares de contribuintes que estavam com problemas para regularizarem o CPF.

Para o atendimento, além de ter sido realizado por e-mail pela Receita, ainda se estruturou uma sistemática para atender por meio de aplicativo de comunicação social, o que evitou aglomerações que poderiam comprometer a saúde pública naquele momento. Participaram desse mutirão até mesmo analistas-tributários que cotidianamente não trabalham diretamente com o atendimento ao público, como os que



atuam em cobranças, parcelamentos e nos diversos portos, aeroportos e postos de fronteira do país.

Ações como essa mostraram a conscientização e o comprometimento dos servidores públicos, cada um em sua função e atividade, que compõem a linha de frente no imenso trabalho de minimizar o impacto da pandemia da covid-19.

Os invisíveis

Outra contribuição de nossa casa foi revelar milhões e milhões de “invisíveis”. Com a necessidade de procedimentos cadastrais milhões de brasileiros saíram da informalidade.

Muitos desses brasileiros não apareciam em nenhum cadastro do Governo. Eram pessoas que não tinham qualquer tipo de documentação. Hoje o governo já consegue mapear esse segmento para incluí-los em futuros programas assistenciais.

Álcool em gel

Não bastasse a Receita Federal se mobilizar para promover suas atividades massivamente para beneficiar a população, representantes da Instituição ainda tiveram a ideia de pegar apreensões de bebidas alcoólicas e frascos de perfume para fazer doações e colaborar com a fabricação de álcool em gel.

Estamos falando de milhares de litros das substâncias que foram destinadas como matéria-prima para a produção de álcool em gel, um dos itens utilizados na prevenção do coronavírus. A Receita destinou os produtos aos institutos de pesquisa ligados a universidades em todo Brasil para serem transformados em álcool gel 70% e distribuídos na rede de saúde e em órgãos de segurança.



Um exemplo dessa doação foi a feita ao Instituto Federal do Sul de Minas (IFSULDEMINAS). Toda a produção de álcool em gel foi doada para creches, organizações sociais, entidades beneficentes e destinada à Unifal, à reitoria e aos oito campus do IF, além da própria Receita Federal, que disponibilizou o produto para o uso dos servidores e para os contribuintes atendidos na sede de suas unidades.

O atendimento em geral

A Receita Federal na verdade teve que trabalhar em várias frentes. Como viabilizar o atendimento em período de isolamento social? Como não expor servidores e contribuintes aos riscos de contaminação?

De uma maneira surpreendente, rápida e flexível, a Instituição organizou diversos canais de prestação de serviços, sempre levando em conta a preservação do sigilo fiscal e da segurança para o atendente.

Entre as várias medidas, a Receita incrementou o leque de serviços oferecidos no e-Cac, no Fale Conosco e no Chat, que ganhou mais atendentes e melhorou sua organização para atender uma gama gigantesca de demandas.

Além disso, organizou e inaugurou diversos Postos de Atendimento Virtual (PAVs) que são postos de atendimento viabilizados graças a parcerias entre a Receita Federal e Prefeituras Municipais. Esses postos, como sabemos, evitarão deslocamentos de munícipes para Unidades de Atendimento normalmente mais distantes.

O sistema Chat já existia, mas se consolidou como modo prático para que o contribuinte tivesse acesso aos serviços da Receita Federal. O leque de serviços foi sendo ofertado e ampliado gradativamente, com milhares de acessos diários. Cerca de 320 servidores foram alocados para atender à população.



Mas era preciso mais. Várias outras medidas foram necessárias para não penalizar ainda mais a população. Então, a Receita Federal promoveu a suspensão de prazos para práticas de atos processuais e alguns procedimentos administrativos. E adiou outros procedimentos que poderiam causar prejuízos na situação cadastral ou fiscal do contribuinte naquele período. Até o prazo da entrega da DIRPF foi adiado, fato que não ocorria há muitos anos.

Agilização de liberação de importações de itens essenciais

Mais uma importante medida foi a facilitação de importações de itens essenciais, em especial aos produtos médico-hospitalares para o momento de combate à pandemia da covid-19. Entre tantas medidas em função da pandemia, a Receita ainda ampliou a lista de produtos que teriam o despacho de importação realizado prioritariamente com o objetivo de chegarem de maneira mais rápida à população. Foi mais uma importante providência para que os procedimentos de conferência aduaneiro não atrasassem a liberação de tais produtos.

A nova Receita Federal

Na Casa, entre colegas, é consenso afirmar que a Receita Federal não será mais a mesma no período pós-pandemia. Todas essas adaptações, ajustes e implementações acabaram agregando vários fatores positivos para o funcionamento de praticamente todas as atividades da Instituição.

A estrutura da Receita Federal passou por uma adequação caracterizada pela “flexibilização” em função das fortes mudanças estruturais e incorporação de novas tecnologias. Tais inovações se revelaram altamente positivas, implicando em eficiência, praticidade e



mesmo economia de recursos públicos, além de otimização da força de trabalho, que em muitos pontos de atendimento estava entrando em colapso. Toda esta reestruturação, ainda que em face de um contingente emergencial, trouxe com ela uma mudança de paradigmas, de comportamento e de sistemática de trabalho, que possivelmente serão incorporados por todas as instituições em especial pela nossa Casa.

Parabéns à Receita Federal e ao nosso pessoal que souberam mostrar sua capacidade de adaptação e ajuste encontrando soluções tecnológicas de modo a continuar prestando um serviço de qualidade ao cidadão zelando pela sua integridade física e saúde, bem como de seus servidores, através de um indubitável comprometimento e eficiência.



A Receita lá de casa é Federal

Sidney Vaz Duarte

Auditor-Fiscal da RFB-DRF/Uberlândia-MG

Ingressou na RFB em 1993 como TTN, depois de um período como Fiscal do Estado de Minas Gerais, de 1995 a 1999, regressou, na qualidade de AFTN em agosto de 1999. Atualmente é Supervisor de Equipe de Fiscalização de Pessoa Jurídica.

Aqui, o Termo de Início do dia se dá com o despertar e uma boa ducha, embalado pela trilha sonora de uma Manifestação que chega com a aurora, liderada em Assembleia, por tucanos, maritacas, pássaros pretos, pica-paus etc. A seriema bate na porta de vidro com o bico, talvez para saber se o expediente já começou.

Rapidamente faço uma Diligência pela casa para fazer um Termo de Constatação de que todos estão bem, a Senha é um sorriso, arrisco uma Declaração de amor à esposa e ao filho, visando como Resultado que a Meta do dia seja Cumprida e plena de felicidade. Para isso, Tributos à esposa é o Fato Gerador que deixa tudo em Conformidade, agindo assim, me sinto um bom Contribuinte no quesito convivência, pois afinal, isso requer uma Capacitação mútua e constante.

Existe uma Disposição Legal para Instaurar o café da manhã, os mais exigentes alavancam seu Índice de Presença Fiscal do cardápio, os



Dossiês são consumidos com parcimônia para não alterar a glicemia. Tudo é conversado, nada é Imposto, enfim, tomamos Ciência da Decisão e da Receita, quando contemplados ficamos satisfeitos com o Atendimento.

Mas nem tudo são flores, se alguém comete uma Infração, a Autoridade se manifesta, faz Cobranças, às vezes é necessário a Repressão, garantindo como adultos que somos, o Contraditório, Intima-se a se Auto Regularizar para restabelecer nesse Procedimento a harmonia.

Lá fora, o jardineiro faz a Triagem do melhor espaço, Lavra o solo, onde será o lar de alguma flor. Em dia de chuva, observa-se a SAPOL itinerante, local onde esses batráquios saltadores se proliferam. Enfim, depois do Demonstrativo de todo esse Processo de vida feliz, de Propósito me recolho ao meu Gabinete.

Ah! Pra não dizer que não falei de Trabalho: - É hora de trabalhar.



A restituição e o benefício

Gilmar Rodolfo Ferraz

Analista Tributário da RFB-DRF/Florianópolis-SC

Atividade atual: chefe da Satec da DRF/Florianópolis. Ingressou na RFB em 15/11/1995; desempenha a atividade de atendimento junto ao CAC, operacionalização de compensações e restituições (ex-Seort); Arrecadação e Cobrança (ex-SECAT).

Muitas vezes, a nossa mente é feita campo de batalha no qual travamos intensos combates contra nossas emoções. Em alguns desses embates, elas nos subjugam e, em outras vezes, somos os vencedores desses confrontos. Muito proveitoso seria entender o mecanismo interno que é capaz de definir como reagiremos aos diversos contextos que se apresentam diante de nós.

A pandemia pela qual estamos a passar tem nos atingido de várias formas e disparado os mais diversos gatilhos psicológicos em cada um de nós. Angústia e esperança, egoísmo e altruísmo, ansiedade e calma, medo e coragem, empatia e desdém. Emoções e sentimentos antagônicos emergiram do nosso âmago com uma força até então desconhecida.

Disputados por qualidades morais opostas, somos tensionados e movidos a escolher o estado de espírito que vamos abrigar em nossas mentes e corações frente a esse inimigo invisível, que parece estar sempre



à espreita, pronto para nos atacar caso nos descuidemos. Bom seria se a balança do nosso ser se inclinasse, na maioria das vezes ao menos, sob o peso das nobres virtudes.

A história que vou contar oferece um bom material para reflexão acerca do momento atual. Nunca fui muito afeito a essas fábulas criadas para se passar uma mensagem com conteúdo moral ou espiritualista. Tais historietas se multiplicam muito rapidamente na internet, em redes sociais, correspondências eletrônicas e por aplicativo de mensagens instantâneas, mas a mim em quase nada cativam pelo caráter fantasioso do seu conteúdo.

Embora eu entenda que a nobreza de intenção certamente motive a criação e o repasse da maioria das mensagens desse tipo, admito que poucas vezes fui tocado n'alma por histórias cujo enredo continha algo como “um sapinho conversava com uma flor...” ou “havia uma estrelinha que vivia triste...”

Real, a história a seguir é o registro de um atendimento como tantos outros que rotineiramente acontecem nas diversas unidades da Receita. De natureza simples, ele durou alguns poucos minutos para ser encerrado, entretanto, não consigo vislumbrar se o tempo um dia o apagará da minha memória.

A atitude da protagonista, uma pessoa comum, diante das vicissitudes por ela enfrentadas, reforça a teoria daqueles que acreditam na capacidade humana de superar os desafios mais diversos sem, contudo, perder o equilíbrio íntimo.

Tanto quanto minha memória me permitiu, no que diz respeito às circunstâncias que envolviam a personagem principal, o relato segue com a máxima fidelidade ao episódio. Vamos a ele:

Era início de tarde de um dia de trabalho como tantos outros já vividos por mim até então. O dia estava particularmente quente desde a



manhã, de modo que eu me restringia, no horário de almoço, a uma saída rápida para um igualmente rápido lanche.

À época, eu trabalhava na Seção de Tributação da Delegacia de Florianópolis e, entre outras atribuições, cabia a mim o desenrolar da faceta operacional das restituições e compensações de créditos junto à Receita.

Eu havia retornado do “almoço” e estava sentado à mesa saboreando uma xicarazinha de café para, terminado o último gole, me dedicar à análise do processo da vez. Sequer tinha eu percebido que o horário para atendimento ao público já tinha se dado, eis que mais à frente, no corredor que se estendia diante de mim, percebo uma senhora de cabelos encanecidos a conversar com a atendente do setor.

A mulher fugia um pouco do perfil de contribuintes que, em geral, atendíamos ali: de roupas simples, quase anacrônicas, ela se apresentava de uma forma tal que facilmente poderia interpretar a “Dona Benta” em uma encenação dos contos de Monteiro Lobato.

O diálogo entre as mulheres se desenrolou por um tempo maior do que o exigido para uma simples conversa informativa, o que me levou a acreditar que a senhora talvez fosse pessoa do universo de relações da atendente, mas isso não veio a se confirmar, pois a minha colega de trabalho, num movimento suave e delicado com o braço e a usar o dedo indicador, apontou na minha direção. A senhora, então, fez leve reverência reclinando a cabeça para frente, agradeceu minha colega e logo começou a percorrer o corredor que nos separava por alguns poucos metros.

Ela caminhava devagar e algo desajeitada, pois trazia às mãos um conjunto de bolsas e sacolas como alguém que se perdeu em meio às compras do mercado e acabou saindo com mais do que seria confortável carregar. Ao chegar diante de mim, largou ao chão as sacolas de uma das



mãos e com um pequeno lenço de estampa desbotada passou a minimizar o suor que brotava insistentemente do rosto sexagenário, consequência certa do forte calor do verão florianopolitano a que, minutos antes, eu compartilhara com ela ao caminhar de retorno do horário de almoço.

De jeito bonachão e simpático, mostrava-se como alguém que há muito se desvencilhara dos grilhões da vaidade, pois estava visivelmente muito acima do peso considerado ideal se fosse levada em conta a referência que tão obstinadamente nos é indicada pela maioria dos profissionais da saúde.

Ligeiramente ofegante, ela aceitou prontamente a minha sugestão para que assentasse para o atendimento que, então, se desenrolaria:

- Que calor, meu querido! - disse ela, levando o lenço uma vez mais à testa e a carregar as palavras com o sotaque tão característico dos “manezinhos” da ilha de Santa Catarina.

Um pequeno sorriso, desses que escolhem um canto da boca para sair, escapou dos meus lábios a dar à minha resposta objetiva uma moldura um pouco mais amistosa:

- Está sim. O que a senhora deseja?

- O que eu queria... - fez uma pausa para respirar, em uma atitude que ela repetiria ainda algumas vezes. - O que eu queria é receber um dinheiro do meu marido... Que estava no banco... É do imposto... O menino do banco disse que agora tem que pedir aqui.... Porque eles devolveram pra vocês... É aqui?

Percebendo eu que se tratava de um pedido de restituição não resgatada na rede bancária, iniciei as tratativas próprias desse tipo de atendimento:

- Sim, ao que parece. Acontece que, mesmo que a senhora seja a esposa, não podes solicitar a restituição que cabe ao teu marido. Terias uma procuração dele?



- Não tenho não, querido. É que o meu marido faleceu no ano passado. O que eu tenho é isso aqui. Quer ver? - Perguntou ela enquanto retirava, de uma de suas bolsas surradas pelo tempo e pelo uso, uma dessas pastas com elástico, que tão comumente se usa para guardar documentos.

Da pasta, então, retirou uma folha de papel e a pôs tão distante dos seus olhos quanto o permitiu o braço roliço e, após fazer uma careta com as sobancelhas bem levantadas e os olhos arregalados, a denunciar a visão deficiente, assentiu com a cabeça e disse: - Acho que é esse! - E me repassou o documento.

O tal documento, que estava acompanhado de uma certidão de óbito, era um Formal de Partilha que dividia, entre ela e o filho, os bens deixados pelo esposo falecido: uma casa e o valor da restituição.

- Ah... Esses documentos servem! - Respondi.

Enquanto examinava os documentos, num curto lapso de reflexão, não pude deixar de pensar na situação daquela mulher cuja fisionomia lembrava um pouco a da minha própria mãe. Tive um impulso solidário e, ao menos por um momento, partilhei intimamente de sua perda.

Ela era uma pessoa simples e havia perdido o marido recentemente. E, conforme pude verificar na documentação que me apresentava, estava às vésperas de alcançar os setenta anos. Por um instante, imaginei o quão dolorosa deveria ser a perda de uma pessoa com a qual tivéssemos dividido tanto tempo de nossa vida (os documentos ali indicavam que, oficialmente, ficaram juntos por quase 50 anos).

Passaram pela minha mente outros tantos casos por mim conhecidos. Eu mesmo, tinha perdido meu pai há pouco e, embora as minhas emoções me fossem fortes quanto a isso, eu sempre pensava de que modo a minha mãe administrava emocionalmente a ausência do companheiro de tantos anos, já que havia vivido a maior parte de sua vida com meu pai.



Com um pouco de compaixão, olhei para a senhora que estava, agora, a se abanar com a pasta de onde havia tirado os documentos. Ela olhava distraidamente para o entorno ao passo que tentava abrandar o calor e enquanto aguardava a resolução de mais uma entre tantas questões burocráticas a que certamente se ateu após a morte do companheiro.

Conforme o rito da época, concluídas as verificações e procedimentos de praxe, entreguei o protocolo de atendimento para a senhora e, quando fui passar as orientações finais, fui surpreendido com uma interrogação:

- Como eu faço pra receber a parte do meu filho?

- Nesse caso é necessário que ele te passe uma procuração, autorizando-lhe a receber a restituição em nome dele. - Esclareci. E a conversa seguiu:

- Mas é que ele mora comigo e eu é que cuido dele porque ele é deficiente.

Eu que já estava algo sensibilizado com as reflexões acerca da morte do marido daquela senhora, tão somente consegui perguntar:

- Deficiente...?

E ela: - É... Ele nasceu deficiente.

“Que triste!”. Pensei eu.

E ela completou: - Ele tem deficiência mental.

Como num efeito sonoro desses próprios do cinema, a fala “ele nasceu deficiente” ficou ecoando por alguns segundos na minha mente.

Conforme eu tinha visto nos documentos, o filho daquela senhora tinha pouco mais de 40 anos naquela ocasião. Fiquei a imaginar, então, que



o marido recentemente falecido deveria dividir com ela os cuidados e afazeres com o filho e que agora estava sozinha.

Minhas conjecturas íntimas foram interrompidas por ela mesma que pareceu ler meus pensamentos, seja na minha mente ou no meu rosto, vez que, certamente, eu estava a demonstrar alguma consternação: - “Mas ele é bonzinho... Sempre foi...” - Arrematou ela.

O bom ânimo que ela demonstrava parecia não condizer com a realidade que ela vivia. Lembrei de uma frase que havia ouvido outro dia acerca do espírito combativo que certas pessoas acabavam desenvolvendo por viverem em ambiente adverso.

- Certo. Entendi. - Limitei-me a dizer tão somente isto, para assim prosseguir com o atendimento:

- Nesse caso, então, tens que ter um termo de curatela para comprovar tal situação. Tens esse documento? É para que possamos instruir o pedido de restituição.

- Ah... A moça da justiça... A Juíza... Ela me deu isso... Esse documento aí... - Disse ela, a fazer alusão ao documento a que eu tinha me referido.

A senhora, então, voltou novamente à pasta e pegou outra folha de papel, a olhou rapidamente e logo a repassou para mim.

Eu lendo de imediato as palavras destacadas do título, Termo de Curatela, respondi: - É esse sim!

Contudo, em ato contínuo, verifiquei que o documento não continha o nome do filho, mas sim o de uma pessoa do sexo feminino.

Ao interpelá-la do ocorrido, ela se desculpou e tornou à pasta retirando uma outra folha de papel. E não foi que ela me entregou outro termo de curatela com um outro nome igualmente feminino?



- Também não é esse. - Disse eu, enquanto curiosamente examinava os documentos que, em uma primeira análise, me pareciam legítimos.

Antes de me repassar o termo de curatela do filho, ainda um terceiro termo de curatela, também com um nome feminino, foi colocado sobre a minha mesa.

Já razoavelmente desconfiado, apesar da aparente autenticidade dos documentos, questionei:

- Senhora, espere um momento. Quantos termos a senhora tem aí e quem são essas pessoas?

E ela me esclareceu:

- Essas são as minhas duas netinhas - disse a demonstrar-se entre satisfeita e orgulhosa - são as filhas do meu outro filho, mas sou eu quem cuida delas também.

Sem que eu precisasse pedir ela continuou:

- É que ele casou com essa moça. - Disse ela, apontando para um dos termos de curatela. - E eles tiveram as duas meninas, mas ela era uma moça assim meio atrapalhada da cabeça e com o tempo ficou ruim de vez. Aí ele ficou cuidando dela. Só que ele morreu faz três anos. Então eu cuido dela também.

Ela, então, por uns poucos segundos, ficou em silêncio a olhar os documentos espalhados na minha mesa de trabalho como se a situação a tivesse levado pensamentos profundos e, para mim, insondáveis. Em seguida, voltou-se para mim e, num único movimento, espalmou as mãos para a frente e levantou os ombros com os braços rentes ao corpo a indicar que o “Destino” não havia lhe oferecido muitas escolhas.

Sei que cada pessoa interpreta a realidade de maneira peculiar, subjetiva. Eu, particularmente, àquela altura da conversa, já estava muito



sensibilizado com a história daquela senhora. Por mais de 40 anos, tinha sob seus cuidados um filho incapaz e, certamente, ela havia partilhado a dor do outro filho que se viu obrigado a cuidar da esposa. Tempos depois teve que amargar a morte do filho, o que ainda legou aos seus cuidados a nora e as duas netinhas. E, por fim, já com idade avançada, perdeu o companheiro que certamente dividia os esforços da lide diária com ela.

Cuidei auxiliá-la com o preenchimento dos formulários e quando, finalmente, eu disse que estava tudo encaminhado, que ela então receberia todo o valor da restituição quando os prazos findassem, ela abriu um largo sorriso e ficou extremamente agradecida. E para arrematar toda a história então contada, finalizou assim, a me adotar em sua família também:

- Que bom, meu filho! Que bom que deu pra encaminhar tudo! Com esse dinheiro eu vou poder aumentar o banheiro lá de casa. Graças a Deus! É que é assim: o meu filho é bem maior que eu. E como ele só fica ali em casa, sem atividade, ele é bem gordinho. E eu, - disse ela, levando às mãos à barriga avantajada, - não sou assim tão magrinha, né? E quando ele vai usar o banheiro, eu tenho que ajudar ele. E já não estávamos cabendo, os dois, no banheiro que é bem pequeno, e é muito difícil de eu cuidar dele nessa hora.

- Muito obrigada! - Disse ela, se levantando e ajuntando as inúmeras sacolas sem desfazer o sorriso do rosto.

- Tchau, meu querido! - Falou por fim, depois de ter me agraciado com esse exemplo de resiliência moral, e saiu caminhando com ares de alegria, como se os fardos da vida, ao menos para ela, fossem extremamente leves.



Aeroporto de Guarulhos e a pandemia

Valdiléia dos Reis Castro da Cunha

Analista Tributária da RFB-ALF/Guarulhos-SP

Lotada no Aeroporto de Guarulhos desde 2006, na Equipe de bagagem, fiscalização de voos internacionais.

O ano de 2020 foi, de fato, muito atípico. Tantos eventos inéditos, tantas notícias assustadoras. Nunca se viveu tão globalizado e mergulhados no noticiário mundial. A maioria de nós jamais havia experimentado situação semelhante: estarmos todos subjugados e à sombra de uma pandemia. Inicialmente, um bombardeio de notícias da cidade de Wuhan, na China. Em uma primeira análise, parecia que algo tão distante não nos atingiria, afinal somos um país tropical e um povo resistente. Em seguida, notícias da Europa trouxeram imagens, vídeos e panorama assustadores. A doença “atravessou” o oceano, atingiu os Estados Unidos e, por fim, o Brasil. A pandemia chegava até nós.

Vivenciamos algo que sempre faltarão palavras para descrever e para dimensionar o ineditismo e temores causados pelo coronavírus: uma luta se iniciava com o desconhecido. A doença covid-19 passou a ser focada mundialmente. Estávamos todos sob o mesmo jugo.



Histórias de Trabalho da
Receita Federal do Brasil

Nesse cenário, aeroportos foram se esvaziando, fronteiras sendo fechadas. O aeroporto de Guarulhos também foi tremendamente impactado. E tal qual um ecossistema vivo, ativo, cheio de movimento foi se desfalecendo.

Cada dia mais, nos deparávamos com a quantidade de voos se esvaindo. O mundo estava sob uma mesma ameaça: covid-19. Migramos de uma malha aérea, cuja média diária de desembarque no aeroporto de Guarulhos era de 120 voos internacionais para, apenas, 6 voos. Assustador! Onde estão os turistas? Passageiros? Pessoas?

Adentramos à fase de confinamento mundial. As fronteiras aéreas brasileiras foram fechadas em 23 de março, permanecendo assim até 31 de julho. Novos desafios e novas formas de trabalho se impuseram, trazendo em seu bojo, tantos temores e inúmeras expectativas.

O fechamento repentino das fronteiras causou muitos transtornos. Inicialmente, passageiros de algumas nacionalidades permaneciam em vigília, em constante e incerta espera pelos corredores do aeroporto de Guarulhos. Perguntas ecoavam pelos check-in das companhias aéreas: quando voltarei ao meu país? Como será o amanhã? Quanto mais esperar? O que aconteceu com o meu voo?

Por sua vez, brasileiros espalhados pelo mundo inteiro, no anseio de retorno ao Brasil. Quanta espera, quantos planejamentos abortados, quantos sonhos adiados! Nesse cenário mundial, os servidores da Receita Federal tiveram que se adequar: colegas do grupo de risco em casa. O trabalho remoto se apresenta e passa a ser uma realidade a muitos colegas do aeroporto. Um pequeno número de servidores permaneceu nas equipes de bagagem acompanhada garantindo atendimento aos poucos passageiros oriundos de voos internacionais. Equipes com doze colegas, permaneceram em cinco, no máximo em seis colegas. Quantas incertezas! Adequação ao novo “normal”!



Como relato pessoal, onde após 14 anos e 6 meses atuando no plantão na equipe de bagagem, devido a um comprometimento de saúde, que inviabilizava a permanência na fiscalização de passageiros que desembarcavam pelos terminais de voos internacionais, o trabalho remoto me foi apresentado. Minhas viagens de uma hora para chegar ao aeroporto, meu local de trabalho, cessaram abruptamente.

E agora? O que farei? Como se adaptar a essa nova realidade? Da atividade dinâmica de acompanhar tantos passageiros chegando ao Brasil para uma atividade solitária, em minha residência, diante de um monitor disponibilizado pela Receita Federal. Uma nova conjuntura se impunha: home office!

Em um primeiro momento, “bateu o desespero”. Ficar em casa, atrás do computador institucional, sem contato com colegas, passageiros, funcionários, tripulação, o agito de um grande aeroporto. São 35 mil funcionários circulando diariamente nos mais diversos espaços do aeroporto de Guarulhos. Antes da pandemia, 24 mil passageiros desembarcando, a cada plantão de 24 horas, em dois terminais internacionais. Tudo muito vibrante.

De repente, me percebo sozinha, diante de uma tela, fria, distante, sem calor humano, sem o pulsar de corações. De início, simplesmente o som dos toques dos dedos no teclado ao se digitar algo. Quase um silêncio absoluto! Confesso, bateu tristeza. Tive medo de uma depressão, mas como diz um adágio popular: “se a vida te der um limão, faça dele uma limonada”. Tentei ir além, coloquei leite condensado nesse suco!

Em outras palavras, entendi e abracei o desafio, queria ser útil ao novo trabalho. A plataforma de comunicação e colaboração adotada pela RFB passou a ser uma companhia, um refrigerio, um contato com os demais colegas. Compreendi que não ficaria insulada! Um alívio!



Iniciaram-se uma série de reuniões virtuais, bem como a possibilidade de muitos cursos e atualizações. Depois de tantos anos, passei a ter outras atividades, novos contatos, novos parceiros de trabalho. Nesse panorama, permaneci envidada em um grupo de trabalho do CAC do aeroporto de Guarulhos, a participar da elaboração de estudos e projetos sobre novas formas de atendimento não presencial ao público; a contribuir para a implementação de um acesso mais “amigável” ao contribuinte/cidadão que procurava o atendimento virtual no site da Receita.

Aprendi muita coisa com os colegas do atendimento do CAC de Guarulhos. Colegas esses extremamente comprometidos, ativos, que me receberam de “braços abertos”. Colegas que dividem o mesmo local de trabalho, mas pela dimensão do aeroporto, quase não nos encontramos, alguns nem conhecia.

Novas frentes de trabalho, novos olhares, novas parcerias! Interessante destacar que esta experiência permitiu expandir minha visão macro do aeroporto, onde além de novos aprendizados, tive a oportunidade de valorizar o trabalho desenvolvido por colegas de outros departamentos. Novos prismas se apresentaram diante de minha míope visão inicial da atividade aduaneira no aeroporto.

Posso dizer que aprendi muita coisa, o trabalho remoto, reuniões, novos projetos, novos colegas e não mais um monitor inerte, mas a oportunidade de, diante de um período tão turbulento, permanecer com a mente ativa e saudável.

Ora, a vida se apresentando com novas escritas, novos traçados, novos enredos e novas histórias de trabalho! A pandemia permitiu apreender que a Receita Federal é uma enorme equipe, nacional, com diferentes formas de prestação de serviços, diferentes demandas, em que o propósito comum é servir, com excelência, a sociedade.



O temor inicial foi suprimido pelo contato e reuniões virtuais com outros colegas, além de tarefas a serem executadas. Trocas de experiências laborais e de vidas. Estávamos todos separados e juntos! Gratidão a esta oportunidade.

Voltarei ao meu posto entendendo que somos uma única e grande equipe, cada um com seus dons e talentos, cada um na sua área de atividade. Somos todos imprescindíveis.

O trabalho remoto me permitiu nova aceção e um novo olhar ao aprendizado. Tudo voltará aos trilhos, após este “novo normal”. Sairemos mais fortes e mais coletivos. Somos gregários e a ferida do próximo, em cada ser humano, fere a espécie inteira. Todos somos afetados. Esta experiência nos permitiu compreender, por fim, que estamos todos “linkados”, coesos e precisamos um do outro.

O trabalho remoto garantiu a sanidade mental, permitiu que parte da ausência do dinamismo do trabalho presencial fosse amenizada. Para muitos, passará a ser uma nova forma de trabalho, uma alternativa viável e não mais tão assustadora. O “novo mundo” se impondo!

O aeroporto voltará a pulsar, agitar-se, cheio de sorrisos, de esperas, de desembarques e embarques, de abraços, de despedidas, de lágrimas, de pessoas, ou seja, vidas vibrando em meio àquele concreto.

Voltarei às minhas viagens até o aeroporto, na certeza de que um novo olhar deverá se instalar no ambiente de trabalho. A vida e seus acontecimentos nos propiciam ressignificações para o que realmente é importante: valorizar o simples, valorizar a família de sangue, valorizar os colegas, valorizar o toque, valorizar o estar juntos, seja este presencial ou virtual.

Sairemos mais fortes, humanizados e preparados para o retorno ao trabalho presencial. Novas histórias, parcerias e hábitos! A Aduana não parou e não irá parar jamais!



CAC, NAF e tecnologia - Juntos para melhor atender o cidadão em tempos de pandemia

Eduardo Antônio Costa

Auditor-Fiscal da RFB-DRF/Varginha-MG

Fernando Marques de Alvarenga
Coautor

Tomou posse em 13/01/2003 na fiscalização do INSS, transformada em Receita Previdenciária em 02/05/2007 unificada com a SRF em Receita Federal do Brasil- RFB. Iniciou atividades na fiscalização externa em 2003 na Regional de Ijuí-RS (atualmente DRF/Santo Ângelo). No final de 2004, ocupou a chefia de fiscalização na DRF/Poços de Caldas. Na DRF/Varginha assumiu de 2005 a 2016 a chefia de equipe fiscal. Em 2016, a chefia de fiscalização e desde fevereiro de 2017 ocupa a função de Delegado Adjunto.

Todos nós fomos surpreendidos pela decretação da pandemia de covid-19, em 11 de março de 2020, pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Em seguida, fomos orientados pelo Ministro da Saúde a permanecermos em isolamento social em nossas residências por um prazo, em tese, indeterminado, a fim de evitar a superlotação dos hospitais reduzindo a chance de ocorrer o caos na saúde pública e privada do Brasil.

O isolamento social gerou, de maneira imediata, a ausência ou a redução de renda para muitos brasileiros, ficando os hipossuficientes, sem recursos necessários para sua sobrevivência e, em alguns casos, de toda a sua família.



Histórias de Trabalho da
Receita Federal do Brasil

Com o intuito de ajudar essas pessoas, o Governo Federal aprovou, em caráter de urgência, o Auxílio Emergencial para os cidadãos necessitados. Uma das condições para receber o pagamento desse auxílio era estar com o CPF regular.

Tais cidadãos, na busca pela regularização do CPF, acabaram formando enormes filas nas Agências (ARF) e nos Centros de Atendimento ao Contribuinte (CAC) das Delegacias da Receita Federal em todo o Brasil. Era necessário e importante fazer alguma coisa urgente, tomando providências para resolver a situação imediatamente.

O chefe do CAC da DRF Varginha adotou, de maneira inovadora, um aplicativo de comunicação social para o atendimento a distância dos cidadãos. Naquele momento, era necessária uma rápida adaptação e reorganização de todo o corpo funcional do atendimento, pois precisávamos superar as dificuldades, enfrentar o problema e gerar soluções imediatas. Todos tinham que contribuir e mostrar sua relevância para a sociedade. Os servidores da linha de frente que se mantiveram no trabalho presencial e, também os que não se mantiveram, entenderam a mensagem e assim começou a funcionar o novo canal de atendimento virtual.

Percebemos que era a hora de os Núcleos de Apoio Contábil e Fiscal (NAF) também mostrarem sua relevância social para a população e justificar todo o investimento em treinamentos realizados pela DRF em seus alunos nos últimos anos. Procuramos os coordenadores dos NAF da jurisdição para pensarmos em algo inteligente, ágil e que pudesse ajudar a acabar com aquelas filas de cidadãos nas Unidades de Atendimento da RFB.

Fato relevante é que o público das filas, os hipossuficientes, eram justamente o público do atendimento dos NAF, ou seja, os beneficiários do Auxílio Emergencial. Os coordenadores das Instituições de Ensino Superior (IES) entenderam que aquele era realmente o momento dos NAF



mostrarem sua importância e relevância social para a comunidade. Era também a ocasião de buscarmos, juntos, alternativas visando soluções para implantação imediata. Precisávamos acabar com aquelas filas enormes. Sabíamos também que as IES estavam com suas aulas presenciais suspensas e buscando alternativas de implementação de aulas a distância. Felizmente isso não foi motivo de impedimento para pensarmos, juntos, em soluções para atender os cidadãos na regularização do CPF.

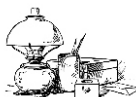
Os coordenadores dos NAF UNIS em Varginha, UNINCOR em Três Corações, UNIFENAS em Alfenas e UNIVÁS em Pouso Alegre, prontamente entenderam a missão e traçamos estratégias de atuação. Ambos começaram a adotar o atendimento virtual dos cidadãos hipossuficientes, aqueles das longas filas, por meio das redes sociais das IES.

A estratégia estava concentrada na regularização dos CPF nas Agências e no CAC, através da utilização de aplicativo de comunicação social, e nos NAF, com a utilização de diversas redes sociais das IES, até mesmo o tal aplicativo em sua versão business.

As filas foram reduzindo, mas percebemos que alguns serviços estavam sendo realizados em duplicidade, pois eram iniciados nos NAF e, quando necessária a intervenção das Agências/CAC, tinham que serem reiniciados na RFB.

Surgiu então a ideia, em conjunto com o chefe do CAC da DRF Varginha, de que o próprio NAF encaminharia a demanda, privativa de realização pela RFB, diretamente ao CAC. Assim, além de evitar o retrabalho, contribuiu para agilizar o trabalho, desburocratizar, promover a eficiência e o mais importante, resolver a demanda do cidadão sem a necessidade de um novo contato.

O funcionamento era bem simples: o cidadão entrava em contato com o NAF, através das redes sociais das IES, e o NAF procurava atender de



maneira conclusiva a demanda de regularização do CPF do cidadão. Os casos com necessidade de comparecimento à RFB, para conclusão do serviço demandado, o próprio NAF encaminhava ao CAC, através do aplicativo, toda a documentação completa e necessária daquele cidadão para a conclusão da demanda.

Esse procedimento, muito bem planejado, padronizado e organizado, propiciou a eliminação das filas, otimizou recursos financeiros e a área de pessoal, justificando o investimento da RFB em treinamentos nos NAF e o mais importante, proporcionou a satisfação dos cidadãos hipossuficientes da região do sul de Minas.

Rapidamente este modelo de atendimento foi replicado para outras Unidades da RFB no Brasil, como boas práticas passíveis de implementação, tanto em relação ao atendimento interno do CAC da DRF Varginha, como o trabalho em conjunto com os NAF com atendimento virtual. Foram realizados webinários e reuniões para compartilhamento dos procedimentos adotados em Varginha.

Como consequência desse procedimento adotado em Varginha, hoje temos diversas Unidades da RFB utilizando o aplicativo, 123 NAF com atendimento virtual no Brasil e algumas Unidades da RFB com atendimento integrado com os NAF.

Percebemos como a inovação, aliada à capacitação e, principalmente, à participação de todos, geraram uma simplificação no trabalho, tornando o serviço célere e de qualidade, atingindo resultados positivos. O trabalho conjunto do CAC com os NAF, aliado ao uso da tecnologia, evitou desperdícios de mão de obra, de tempo e de materiais. Devemos sempre dar um passo adiante e pensar em inovação, pois é a alternativa para fugir do *modus operandi* tradicional.



Coronavírus - Os reflexos das mudanças

Dioclécio Xavier

Analista Tributário da RFB-ESCOR 01RF/Brasília-DF

Ingressou na RFB em outubro de 1984 - atividades que desempenha atualmente no Escor01: membro de comissões de inquérito, pareceres etc. Atividades desempenhadas no passado na RFB: chefe da ARF/Paraíso do Tocantins de 1991 a 1997, assessor na SRRF01 de 1997 a 1999, chefe do patrimônio de 1999 a 2003 na SRRF e presidente de comissão de desfazimento de mercadorias apreendidas.

O coronavírus teve sua disseminação iniciada na China, caminhou rapidamente e atingiu a maioria dos seres humanos em todas as partes do mundo, onde morreram muitas pessoas e deixou entristecido todo o planeta Terra.

O comportamento da população em todo o mundo teve que mudar. Um alerta preocupante para a população mundial em que as lágrimas caíram com as perdas, o uso de máscaras tornou-se obrigatório, a higienização, muito mais frequente e o distanciamento entre as pessoas foi necessário para aprimorar os cuidados e evitar os riscos de mortes.

Diante desse catastrófico vírus avassalador, fomos obrigados a alterar hábitos, viver distante das pessoas, evitar as aglomerações, distanciar do seu local de trabalho por um período, uma vez que a classe mais pobre foi atingida em cheio, obrigando os presidentes de vários



países a dar um Auxílio Emergencial para suprir, principalmente os produtos básicos de alimentação.

Então, o servidor público federal da Receita Federal do Brasil foi obrigado a mudar o seu local de trabalho, passando a trabalhar em suas residências, e os administradores com criatividade e inteligência inovadora, vez que parabenizo os servidores que trabalham diretamente com a tecnologia da informação, criando aplicativos para salvar o trabalho a distância para a máquina não parar, resultando em um ponto positivo, em que a arrecadação dos impostos não tivesse um impacto negativo maior.

A economia teve uma queda violenta, veio o aumento assustador do desemprego, os empresários aproveitando da situação e subindo os preços de seus produtos, a grande preocupação dos pais em alimentar a sua própria família, sem saber como a sociedade vai superar todos os setores atingidos e até quando vai durar essa crise que assombra todo o mundo.

A população do Brasil, já cansada de enfrentar as notícias ruins do dia a dia, o medo de contrair coronavírus e morrer, vem pensando em buscar alternativas para a sua própria sobrevivência. O governo teve a obrigação de ajudar as famílias, aumentando os leitos dos hospitais, embora alguns administradores da saúde, com muita deselegância, fraudaram os cofres públicos, roubando de maneira assustadora. A sociedade fica entristecida com a tamanha falta de humanidade, tendo um reflexo negativo e com isso causando mais mortes.

Hoje, diante de uma análise do cenário, tudo transformou, nada mais é como antes, todos foram obrigados a mudar o seu modo de viver, utilizando todos os meios necessários para se proteger, se isolando ao máximo para tentar sobreviver e enfrentar todos os problemas causados por esse terrível vírus.



O mundo não é mais o mesmo, todos os dias temos notícias relacionadas ao coronavírus, não sabemos qual o tamanho da conta, onde vamos chegar e onde vamos parar, ninguém tem a certeza dos problemas que ainda podemos enfrentar, tudo é difícil, mas uma coisa é certa, cuida bem dos seus filhos, ame mais a família, tenha esperança de uma vida melhor, que Deus pode proteger a todos que acreditam em uma salvação da humanidade, para acalmar a sua ansiedade com tudo isso que está acontecendo, que a paz seja pacificada em todo o mundo.

O servidor público da Receita Federal do Brasil é valente, continua firme nas suas tarefas, atuando de modo avançado, superando as dificuldades, com o objetivo principal de não deixar a arrecadação cair e sim, aumentar, tentando formas alternativas de trabalho em meio à violenta crise em que o atendimento on-line se destacou, facilitou para os contribuintes e para os servidores, a economia acabou tendo um reflexo positivo no Setor Público, diminuindo as despesas, construindo uma receita que pode durar por muitos anos, talvez para sempre.

Diante de todas as mudanças, tive que me adaptar, levei as ferramentas de trabalho para casa, continuei as tarefas diárias, a produtividade não caiu, estou mais com minha família, que é bom, todas as reuniões são por videoconferência, uma experiência nova, mas a saudade é grande, chegar ao local de trabalho, compartilhar os conhecimentos com os colegas, a convivência do dia a dia, e, com todas as mudanças, não troco o local de trabalho no Órgão por trabalhar em casa.



Covide 19 - entregador de pão e sua buzina do Chacrinha

Maria de Fátima Pestana

Auxiliar Serpro-Digep/SRRF08/São Paulo-SP

Trabalhou na microfilmagem/SRRF08 – Malha DCTF/DRF/São Paulo – Atendimento ao Público, CPF/CNPJ/DCTF, CAC Leste – CAC Luz – CAC e Arrecadação, DRF Presidente Prudente – Auxiliar de expediente e Representante de Capacitação DIFIS/SRRF08.

Nestes tempos de pandemia com os eventos sendo transmitidos pela nova plataforma unificada de comunicação que combina bate-papo, videoconferências e integração de aplicativos no local de trabalho, estava eu como representante de capacitação de um treinamento promovido pela DIFIS/SRR08, com mais de 50 participantes de todas as Regiões Fiscais do Brasil e, no momento da abertura do evento, quando o Superintendente fala umas palavras de acolhida a todos os participantes, eu atenta, com meu microfone aberto para interagir se fosse necessário, fomos surpreendidos pelo entregador de pão com uma super buzina do Chacrinha acordando e chamando todos os seus clientes.

Todos os dias ao dar bom dia ou passar algum recado aos participantes, surgia o homem do pão e as pessoas dos outros estados até já me cobravam um pão fresquinho e achavam estranho que aqui em São Paulo capital tivéssemos este tipo de trabalhadores informais e acabaram recordando histórias vividas como, por exemplo, do entregador de leite fresquinho direto da fazenda e tantas outras.



Durões

Sidney Vaz Duarte

Auditor-Fiscal da RFB-DRF/Uberlândia-MG

Ingressou na RFB em 1993 como TTN, depois de um período como Fiscal do Estado de Minas Gerais, de 1995 a 1999, regressou, na qualidade de AFTN em agosto de 1999. Atualmente é Supervisor de Equipe de Fiscalização de Pessoa Jurídica.

No curso da história da nossa instituição, construímos edificações, unidades que denotam sua grandiosidade. Com esmero, desenvolvemos processos de trabalho que ao mesmo tempo que prestigia a relevância do cidadão mediante um atendimento qualificado, confere-nos notoriedade. No entanto, o valor da casa está substancialmente nas pessoas, sem elas, sem um relacionamento interpessoal elevado, tudo o mais carece de vida.

Essa interação é construída dia a dia, na convivência, nos momentos de confraternização e até, num singelo café. Como tenho por hábito cultivar essas relações com as pessoas, independente das siglas de seus cargos e funções, arrisco-me, com o amorismo que me é peculiar, a participar das confraternizações, tentando com leveza e criatividade tocar as pessoas, polinizando alegria em nosso ambiente.

Dessa forma, no início da semana que antecedia o dia em que comemoraríamos o Dia das Mães na repartição, em maio de 1999, fui chamado ao Gabinete e convidado a fazer uma homenagem às nossas mães.



- Tem alguma ideia? Me perguntou o Delegado.

- Me dê um dia para pensar! Respondi.

No outro dia, retornei ao Gabinete, reuni com o Delegado e o Adjunto e fiz a exposição da minha inspiração.

- Tem certeza de que vai fazer isso? Tem coragem? Você não é desse mundo, rrsrs.

- Sim, tenho!

Estava naqueles dias ostentando uma barba cheia e encorpada e para a minha produção precisava da colaboração sigilosa de dois colegas. Escolhi a participação de um terceirizado que cuidava da parte elétrica e de uma colega da Sapol.

No dia do evento, chegamos mais cedo, havia tomado emprestado de uma barbearia os aparelhos. Escondidos, no banheiro dos terceirizados fui barbeado pelo colega, exatamente na metade da face, ficando apenas de um lado com barba.

O restante da produção foi feito na guarita do segurança que fica no estacionamento dos fundos. Do lado sem barba, a perna da minha calça foi dobrada até a virilha, vesti uma meia-calça preta para dissimular os pelos, um vestido dobrado pela metade foi cuidadosamente pregado à minha camisa e calça, fui maquiado na metade do rosto, até com sombra e batom em meia boca e esmalte nos pés e mãos do lado carente de barba. Um cabelo postiço foi colocado do lado feminino e no masculino uma boina italiana. Para finalizar, um sapato masculino e outro feminino.

Fiquei uma marmota, nem um pai nem uma mãe, bonitos, mas certamente, o mais original e divertido.

Na plenária, o auditório lotado, na antessala, por onde todos entram, um farto café seria servido para a confraternização.



O Delegado faz a abertura, aguardando ansioso, a surpresa. Havia combinado de última hora com a organização de que a primeira estrofe do texto seria dita sem a minha presença, eu diria pelo microfone para causar suspense.

“Durões, nós homens somos durões. Mas completamente apaixonados e incorrigíveis admiradores delas, as mães.

Tentamos a todo instante imitá-las, sermos de certa forma, metade pais e metade mães. Até ganhamos o adorável codinome popular de “pães”.

Destarte, tendo iniciado, todos se voltaram de costas para a frente do salão, aguardando a minha entrada pela antessala. Nem o Delegado sabia, havia combinado de deixarem a porta de vidro aberta, mas coberta pela cortina para que eu pudesse surpreendê-los e entrar pela frente, ao som de Woman, de John Lennon. (Entro vestido metade pai, metade mãe), como um fantasma apareci na frente deles.

“Rsrrsrs”, um êxtase, um delírio, “rsrsrs...”

Gostaram da caracterização? Mas estejam certos de que não é uma exclusividade masculina.

Muitas mães fazem o mesmo. Suprem a ausência física do pai, seja por terem partido deste mundo ou por, em um ato de desonra, não terem assumido a paternidade.

Exemplo disso é a minha mãe, que ficou viúva aos 22 anos com dois bebês, eu com 2 anos e minha irmã recém-nascida. Aguardou eu completar 5 anos e minha irmã 3, para se mudar do interior do Paraná para São Paulo capital, para que pudéssemos ter uma sorte diferente da dela, de estudar e ter mais oportunidades no futuro. Hoje o que sou devo a essa mulher guerreira.



Seguindo a mesma morfologia - que em síntese, é a estrutura que forma as palavras, vocês deveriam ganhar o carinhoso codinome de "mais". Pais - "pães", mães - "mais".

Não poderia ter um vocábulo mais acertado e apropriado, porque efetivamente vocês são muito "mais" do que nós.

Por mais que as tentemos imitar, jamais poderemos conceber no ventre um filho, participamos pontualmente do ato de concepção, mas nem isso garante que todos assumam a paternidade.

A mulher vive intensamente a cada instante, a transformação de seu corpo, e em meio a um certo desconforto e até dores, dá vida e guarida ao maior dos amores, amor entre mãe e filho. Depois desse momento de luz, passa a amamentá-lo, uma coisa de pele que proverá esse amor para todo o sempre.

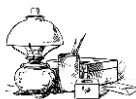
Para as mães, por um tempo, tipo infância e adolescência, filhos são os bagunceiros, os custosos mais incríveis e fofos do mundo.

"Abaixa esse som, apaga as luzes do banheiro e do quarto, você virou sócio da companhia elétrica? Desliga o celular e o vídeo game e vai estudar..."

E para os filhos, as mães são as chatas e enjoadas mais maravilhosas e encantadoras do universo.

Quando ficam distantes, em viagens ou quando batem asas, as coisas materiais ficam organizadas, em conformidade, porém, internamente, em contraste, a mãe já não sente prazer em cozinhar só para si, improvisa um lanchinho; a casa fica grande, tem quartos demais e gente de menos; o silêncio é ensurdecedor, no coração as coisas ficam desorganizadas, tudo é só saudades."

"PARABÉNS, MAMÃES, AMAMOS VOCÊS!".



E agora?

Luzia Souza Santos

Assistente Técnico-Administrativa-DRF/Feira de Santana-BA

Ingressou na RFB em 22/06/2015, na equipe de atendimento ao contribuinte da ARF/Ananindeua/PA. Permaneceu até junho de 2019. Em julho foi transferida para a DRF em Feira de Santana/BA, no setor de Programação e Logística, trabalhando entre outras coisas, com a elaboração de peças para licitações.

Cheguei em casa abraçada ao embrulho. Não se tratava de bagagem corriqueira: com chaves, sombrinha, carteira etc. Não. Requeria maior atenção: era custoso e estava sob minha responsabilidade. Afora isso, precisaria entender-me bem com ela pelos próximos quatro, cinco meses? Não sabia. Então, preservei-lhe a integridade em todo o percurso: da Receita Federal até o Terminal Rodoviário da cidade, no transporte intermunicipal para o município onde moro, por cerca de uma hora e vinte minutos e, por fim, dali até chegar em casa, às 19:15.

Durante esse trajeto, toda a aparelhagem estava devidamente acomodada em uma bolsa grande. Mas pelo volume e pela tensão em carregá-la, não a poderia disfarçar facilmente. Foram cerca de 90 quilômetros de intranquilidade, com uns 7 quilos de equipamentos e mais dez de preocupação em relação aos que se aproximavam (e não eram poucos), como se estivesse em minha testa a descrição e o valor da bagagem.



A salvo, em casa, avistei o que se tornaria minha mesa de trabalho: uma máquina de costura restaurada, objeto de mais de trinta anos, que quando embutida em seu compartimento interno assemelha-se a uma excelente mesa em madeira. Sobre ela acomodei CPU, monitor e equipamentos acessórios.

Não conheço bem as particularidades dos eletrônicos (ao menos para mim, às vezes parecem guardar segredos bem lacrados). Então, antes de iniciar no trabalho remoto, tratei de filmar o encaixe/desencaixe dos aparelhos pelo Técnico em Informática, que cuidou em explanar sobre os passos que dava de maneira didática. Ademais, imprimi o manual de o-VPN (aplicativo usado para conectar o servidor público a uma rede privada), li e marquei o que precisava. Assim, quando do login para a utilização do equipamento em casa, não me sobrevieram grandes surpresas, senão aquelas inevitáveis que, quando superadas, resultam até em mais autonomia e autoconfiança para a resolução de pequenos problemas.

Essa mudança drástica de rotina acompanhou a velocidade dos acontecimentos. Deveras, a chegada rápida e sem licença de uma pandemia impulsionou ajustes oportunos, em igual velocidade, na nossa rotina de trabalho. Mais do que uma mera alteração de local, a forma de execução das tarefas também foi alterada significativamente. A alteração do espaço físico foi apenas a primeira de outras.

Primeiro, a possibilidade de executar atividades laborais remotamente, durante a pandemia, trouxe mais tranquilidade e segurança para servidores e colaboradores, sobretudo para aqueles que se expunham diariamente ao contato com diversas pessoas em transportes intermunicipais. Com a pronta redução no grau de exposição desses servidores em decorrência de deslocamento a trabalho, permitiu-se que resguardassem, além da própria saúde, a de seus familiares, muitos dos quais eram pertencentes a grupos de risco.



Subsequentemente à sensação de alívio em relação à exposição ao vírus, vieram os desafios quanto a manter o nível de produtividade no trabalho remoto. Cursos e palestras acerca do tema auxiliaram os que buscavam se adaptar à nova situação da melhor maneira. Autodisciplina e foco nos objetivos acordados assumiram importância substancial para manter a sequência das atividades, e os mecanismos disponíveis para integração entre equipes viabilizaram as demais atribuições do trabalho remoto.

Não quero dizer que tantas mudanças foram enfrentadas sem dificuldades; mas que com bastante esforço, o trabalho seguiu. Nesse sentido, sem o contato pessoal, a comunicação por e-mail e chat tornou-se o meio mais rápido de se obter retorno quanto à necessidade de adequação/alteração em determinadas tarefas. Adicionalmente, a utilização de aplicativos que permitiam a integração entre servidores em tempo real favoreceu a realização de reuniões virtuais e, por conseguinte, a qualidade da comunicação.

Nesse ínterim, notei que no meu caso, as soluções obtidas via contato presencial e imediato com colegas deram lugar a maior observação individual e à valorização da capacidade de concentração.

Ao passo que recursos de aprendizado próprios da integração presencial de servidores estavam suspensos pela adoção do trabalho remoto, outros mecanismos de aprendizado e desenvolvimento individual foram descobertos e fixados permanentemente, o que necessariamente se configura em enriquecimento do quadro de pessoal da Instituição.

De maneira geral, acredito que apesar de não ter sido uma alteração espontânea, mas necessária, as mudanças adotadas em decorrência da pandemia expuseram caminhos diversificados para o crescimento e o fortalecimento institucionais. Mas isso não é tudo, ainda terei que levar de volta os equipamentos.



Esperando o sol nascer

José Maria Miranda Luna

Auditor-Fiscal da RFB-DRF/Recife-PE

Chefe da Equipe de Gestão do Crédito Tributário e do Direito Creditório 1 – Eqrat 1 da DRF Recife (Equipe Sisen). Ingressou na RFB em 10/08/1982, na DRF Caruaru-PE, onde exerceu atividades na Arrecadação, atividades especiais, Fiscalização e como Delegado Substituto. Em 1994, foi transferido para a DRJ Recife, onde atuou como julgador até 2006, quando passou para a DRF Recife. Nessa unidade, atuou no Gabinete da Fiscalização e, desde 2007 até 2020, no Seort, serviço do qual foi chefe de fevereiro de 2017 até sua extinção em julho de 2020.

Estou em plena atividade em uma das equipes da Delegacia da Receita Federal no Recife. Dou alguns passos e, em poucos segundos, visito minha esposa em seu trabalho na Delegacia de Julgamento. Apesar dos quase seis quilômetros que separam as sedes da DRF e da DRJ, não há mágica nem truques. Somos dois auditores-fiscais em trabalho remoto por conta da pandemia de covid-19. Instalei-me em um dos quartos; ela, no escritório. Sempre que necessário, visitamos um ao outro para trocar ideias sobre nossos trabalhos, tirar dúvidas ou pedir alguma ajuda. E, como em toda repartição ou escritório do mundo, às vezes nos encontramos na copa para um café.

Iniciei meu trabalho remoto em 17 de março; ela, alguns dias depois. Por ter mais de 60 anos, fui um dos primeiros a sair da repartição. Antes de desmontar minha estação de trabalho, fotografei-a para ter uma referência ao remontá-la. Não foi difícil usar as novas ferramentas de



comunicação. Como câmera e microfone, passei a usar meu próprio celular, enquanto não chegava a webcam que encomendei. Dificuldades de acesso aos sistemas aconteceram no começo, mas logo foram solucionadas. Vídeos e textos explicativos foram produzidos e divulgados, permitindo a correção de problemas pontuais.

Poucos dias depois, a equipe que supervisiono estava quase toda em trabalho remoto e, em 14 de abril, participei de minha primeira reunião virtual em tempos de pandemia. De lá para cá, foram aproximadamente 100 videoconferências, que totalizaram 186 horas de conversas virtuais em formato de reuniões, treinamentos, seminários e palestras, sem contar as já famosas “lives”. Além das reuniões virtuais com a equipe local, foram diversas outras regionais, inter-regionais, nacionais e interinstitucionais, essas últimas com auditores das Secretarias de Fazenda de dois estados, com o DETRAN de Pernambuco e com analistas do Serpro do Rio de Janeiro.

As videoconferências demonstraram ser uma alternativa viável às reuniões presenciais. Às vezes um bebê chora, um cachorro late ou uma campainha toca, como a nos fazer lembrar que agora nossos escritórios são também nossos lares. Nada disso nos incomoda até porque em reuniões presenciais pode haver interferências menos simpáticas, como celulares tocando e conversas paralelas. Além disso, aos poucos aprendemos a dominar microfones e câmeras, erguer a mão virtualmente e dialogar por texto nos chamados “chats”. Também é interessante observar como videoconferências em âmbito nacional podem envolver diferentes sotaques, climas e fusos horários, algo natural em um país de dimensões continentais como o nosso.

Passados mais de 7 meses de trabalho remoto, constato que é perfeitamente possível supervisionar a equipe a distância. A experiência tem sido enriquecedora, pois exige comunicação e coordenação eficazes, criatividade e maior compreensão quanto aos nossos próprios limites



físicos e psicológicos. Os resultados mostram que, com exceção dos primeiros dias de adaptação, a produtividade individual não sofreu impacto negativo. E a jornada de trabalho pode trazer surpresas como perceber pelas mensagens que recebo emitidas às vezes depois das 22 ou mesmo 23 horas.

Assim tem sido nossa vida neste difícil e desafiador ano de 2020. Seguimos vivendo e trabalhando da melhor maneira possível, conscientes da necessidade de darmos as mãos, ainda que a distância, no aguardo de dias melhores que por certo virão, como escreveu o poeta, Renato Russo, em sua inesquecível “Mais Uma Vez”:

*Mas é claro que o sol vai voltar amanhã
Mais uma vez, eu sei
Escuridão já vi pior, de endoidecer gente sã
Espera que o sol já vem.*

Recife, 19 de outubro de 2020.



Livre arbítrio

Guilherme Fernando Scandelai

Auditor-Fiscal da RFB-DRF/Juiz de Fora-MG

Delegado-Adjunto da DRF em Juiz de Fora/MG, admitido em 26/12/1997, foi Diretor de Orçamento, Finanças e Logística do INSS, dentre outras funções, como a de Diretor Financeiro do Banco BRB, de Brasília-DF, em licença não remunerada.

Tenho, por lógica, convicção no livre arbítrio. E por convicção espiritual, a certeza de que a linha mestra do nosso destino traçamos pouco antes de nascermos. Torcemos e retorcemos essa linha, com curvas e retas, exatamente no escopo do nosso livre arbítrio. O mérito faz tornarmos essa linha mais próxima de uma reta certa.

Mérito pressupõe esforço, dedicação, formação. Nessa esteira, o Programa Contribuinte do Futuro foi uma ação de Cidadania Fiscal da Receita Federal do Brasil, desenvolvida entre 1971 e 1980, visando à conscientização dos estudantes de primeiro grau nos fundamentos do exercício da cidadania. Era divulgado pelos meios de comunicação por meio de filmetes, lançamento de livros, com amplo apoio do Ministério da Educação, sempre avaliado por concursos de redação dos alunos.



Histórias de Trabalho da
Receita Federal do Brasil

Toda política pública, calcada em fortalecimento do conhecimento pelas novas gerações, tende ao sucesso. Até porque o aprendizado na infância fortalece todos os laços que embasarão o cidadão quando adulto.

Era início de 1977, ano que circulava o livro “A Nossa Ilha”, do programa em questão, e eu havia passado para o 4º ano fundamental. Teria que deixar a Escola Estadual da Fazenda Tabaraninha, no município de Pirangi-SP, na propriedade do Sr. Gumercindo Cadamuro, para estudar na cidade, em Pirangi. A escolinha só ensinava até o 3º ano. Naquela época, estudar não era prioridade e não havia transporte escolar municipal. Trabalhar na roça era prioridade. Como sempre fui aquinhoado com muitas bençãos na vida, aconteceram alguns fatos que me fizeram continuar os estudos. O primeiro, foi que, naquele ano, a Prefeitura Municipal de Pirangi começou a disponibilizar veículos para o transporte de alunos. Entrei na escola com oito anos por fazer aniversário em fevereiro. Tivesse entrado com sete anos (idade correta naquele tempo), não teria continuado porque não havia como percorrer sete quilômetros todo dia - quatorze ida e volta. Aquilo que, a princípio, foi um mal (entrar na escola tarde) acabou se mostrando acertado, pois me permitiu estudar. O outro, foi que minha irmã Izilda (in memoriam), que, naquela época, era empregada doméstica dos meus tios em São Paulo, Capital, percebeu que para quem não tinha recursos estudar era a única saída. O fato de o transporte escolar começar e a pressão da minha irmã fizeram com que meu pai, percebendo que meu porte físico não ajudaria na roça, permitisse que eu fosse terminar o 4º ano. Daí para a frente, eu mesmo fazia minhas matrículas e fui enrolando meu pai até que consegui chegar à faculdade. Não sem trabalhar para comprar meus tênis e livros. O trabalho rural que um vizinho nos proporcionava nas férias foi fundamental. Principalmente na lavoura de amendoim, trabalhando para chacoalhar e bater. Pra quem não sabe o amendoim é uma leguminosa cujas vagens crescem por baixo da terra. Suas raízes são fortes e para arrancá-lo do solo é necessário passar uma



ferramenta (na época, movida a animal) tipo um facão que cortava as raízes mais não estragava as vagens, ainda verdes. Após essa etapa, era necessário arrancar, chacoalhar a terra e deixar pra secar. Esse trabalho era manual e era uma das nossas oportunidades para ganhar uns trocados. Após a secagem, para retirar as vagens das ramas, era necessário bater em um balaio, separando-as. Então, ganhávamos diária para a etapa de chacoalho e ganhávamos por saca ou balaio na etapa de bateção. Como sou retesado fisicamente, foi na lavoura de amendoim que eu consegui, a única vez na vida, colocar as mãos no chão naquele exercício de alongamento. Também pudera, o dia todo agachado só podia ter conseguido mesmo! Na verdade, naquela época, eu e meus irmãos trabalhávamos, quando terminava o trabalho da roça do meu pai, para vários vizinhos e lavouras diferentes. Desde a colheita de tomate, passando pela de algodão, até a de laranja (já mais para frente). Isso aconteceu até meus quinze anos quando fui morar na cidade. Enfim, encarávamos qualquer parada para ganhar uns trocados. E eram trocados mesmo, era bem pouco, era o dinheiro da época. Há uns 10 anos, conversando com o vizinho que me proporcionava o trabalho remunerado, e agradecendo a ele por ter me proporcionado a oportunidade, me confidenciou: - olha, eu pagava meia diária pra você, mas nem isso você fazia. Pagava porque você era um incentivo para os adultos. Com isso eles se esforçavam mais e compensava o que eu pagava pra você! Enfim, mas ele pagava certinho e foi só por isso que consegui estudar. Naquela época, não se falava em trabalho infantil como um malefício, muito pelo contrário! A ele, de novo, meus mais profundos agradecimentos!

Mas as dificuldades não paravam por aí! Eu precisava levantar às cinco da manhã, nos primeiros cantos dos galos, para estar no ponto às seis. O motorista era pontual. Se não estivesse lá ele esperava um minuto e partia, quando esperava. E não podia esperar mesmo se não atrasava a



todos! Eu me levantava, tomava uma gemada (ovo cru com café ou leite e açúcar), e rumava para o ponto. Nos meses de junho a agosto, quando o frio era terrível (geava na época), sofria demais porque não tinha blusa suficiente. Lembro-me que uma vez minha irmã emprestou uma caxarrel dela, dessas colant, que eu tive que amarrar por baixo, sabem como é? Tipo uma menina, captaram? Mas era boa porque aquecia o pescoço. Lembro-me que nesses dias de geada, chegando na cidade, corria para a padaria do meu avô Guilherme e ficava me aquecendo perto do forno a lenha até chegar a hora das aulas que começavam às 7:30. Vejam que da hora que acordava até começarem as aulas já se passavam duas horas.

Mas voltando, acontece que eu era o primeiro ponto de uma volta pelas estradas municipais que englobava uma grande parte do município. O trajeto começava às seis da manhã e terminava por volta das sete. Assim que a kombi chegava eu já ia para o banco de trás. Os bancos da frente eram reservados para as meninas e para os garotos maiores. Como eu era o menorzinho, tinha que ir em pé ou no porta-malas (apelidado de chiqueiro), até porque não cabia todo mundo sentado. Vão vendo! Depois de mim começava o trajeto recolhendo os meninos e meninas que totalizavam mais de quinze. Imaginem como chegava na cidade a kombi!

No final da aula, lá pelas 12:30, era a hora de voltar. Nessa hora, eu já me encontrava bem mal porque, às vezes, não levava lanche e tinha que comer a merenda da escola que era uma sopa tipo ração que me deixava atrapalhado! Ficava com dor de cabeça e não via a hora de chegar em casa para comer algo. Mas aí acontecia a injustiça. Ao invés da kombi fazer o mesmo percurso, ela fazia o inverso e eu era o último a chegar. Além de ir em pé ou no chiqueiro ainda era o primeiro a ser pego e o último a ser deixado.

A única coisa de positivo era que, com isso, eu chegava mais tarde na roça. Sim senhores, querendo ou não, pequeno ou não, tinha que ir



ajudar na roça. E os deveres eram feitos à noite, brigando com todos para usar uma lamparina a querosene. Só tínhamos três para dez pessoas em casa! Minhas irmãs precisavam de uma para costurar, bordar. Outra ficava iluminando a sala pra todos. E eu brigava pela terceira.

Nesse ambiente difícil, consegui, nesse ano de 1977, ganhar o prêmio Contribuinte do Futuro (com a ajuda inestimável de meu mestre Professor Geraldo), aludido no primeiro parágrafo.

Consegui o primeiro lugar, não me lembro bem qual era o âmbito, se municipal ou regional, apenas me lembro que fui receber o prêmio num clube bonito de uma cidade vizinha, Monte Alto, que era o polo gestor para aquela premiação. Sinceramente eu nem acreditava no que estava acontecendo. Fui sozinho com os representantes da minha escola e outros premiados. Ninguém da minha família pode comparecer.

Ganhei como prêmio uma caderneta de poupança na Caixa Econômica do Estado de São Paulo num valor que deveria corresponder a R\$ 200,00 atualmente.

Hoje, quando ouço alguém dizer que gosta de ouvir o galo cantar de manhã, digo: - é porque vocês não moraram na roça e não tinham que levantar cedo pra ir na escola ou trabalhar. Gosta de galo cantando quem vai na roça passear, madruguar e tomar leite na mangueira que alguém ordenhou. Tente gostar de galo se tiver que sair da cama, colocar aquela roupa toda suja e meio úmida do dia anterior, e ir trabalhar! Vai!

Galo é bom, mas quieto ou na panela! Seu canto de madrugada me angustia! Gosto mesmo é de trabalhar onde trabalho: aqui na Receita Federal do Brasil! E é aquele menino pé no chão, de 1977, quem me diz sempre: - olha, eu te dei a dica e você foi lá e conseguiu! Livre arbítrio é isso aí!

Amo trabalhar na Receita Federal do Brasil! Era destino?



Meu escritório é verde, de propósito!

Vandélia Maria Brigido Vaz Duarte

Auditora-Fiscal da RFB/DRF Uberlândia-MG

Ingressou na Receita Federal em 28/07/1997, na Delegacia da Receita Federal na cidade de Uberaba-MG. Em 1999 foi transferida de ofício para assumir a chefia da Seção de Arrecadação da Delegacia de Uberlândia e em 2002 passou a trabalhar na Seção de Fiscalização, executando trabalho de Malha Pessoa Jurídica. Atualmente integra a Equipe Regional nº 05, realizando fiscalização de Imposto de Renda Pessoa Jurídica e Contribuição Social Sobre o Lucro Líquido.

Instalei meu escritório em um lugar muito especial, o salão de jogos e de música de meu querido filho, Arthur Augusto, um jovem no auge de seus 19 anos.

Onde tem uma mesa de pebolim, de jogos de baralho, televisão, videogame, aparelho de som, violão, quadros com fotos de diversos momentos da vida de meu filho e outros pintados pela sua avó paterna e um grande armário que foi planejado e executado para abrigar os diversos troféus que foram conquistados nos jogos de futebol quando meu filho era criança e adolescente, sob o comando de um técnico muito especial, meu esposo.

Nesse local, meu filho recebe seus amigos para ouvir música, jogar, tomar cerveja, portanto, é um ambiente que permeia alegria e felicidade. Para completar essa visão sobre meu “escritório”, devo dizer que a luz do sol



atravessa as janelas e paredes com vidros interpenetrando com o verde das plantas que os circundam.

Enfim, é um espaço que me obriga de tempos em tempos, parar minhas tarefas para contemplar tanta beleza ou para receber uma visita muito inusitada. Ouço o barulho de minha visita batendo suas asas nas janelas de vidro fechadas, encaminho-me até ele, o pego em minhas mãos, percebo seu coração batendo forte, quer a liberdade, mas não antes de tirar uma foto, duas fotos!

Enfim, meus dedos se abrem e ofereço a liberdade para que voe no lindo céu azul de inverno, que com o verde das plantas, forma um cenário maravilhoso!

Assim, como diz meu esposo, Sidney Vaz Duarte, que também é auditor, lá fora a natureza VERDE, aqui dentro a auditora MADURA, cujas madeixas brancas, iluminam o ambiente!



Mudanças em meio às mudanças

Daniel Coelho

Auditor-Fiscal da RFB- ALF/Vitória-ES

Desempenha como Auditor-Fiscal a Chefia da Equipe Aduaneira 5 no Porto da Alfândega de Vitória/ES. Além da chefia, está exercendo análises de processos que tratam de eventos enquadrado nas operações de pré-despacho. Ingressou na RFB em janeiro de 1994, com a execução de atividades-fim na auditoria de tributos contestados judicialmente, tendo exercido funções de Supervisão, chefia de Fiscalização e Área Aduaneira, sempre com ênfase predominantemente em atividades externas.

Em meio às mudanças consideráveis provocadas pela singular pandemia de covid-19, resolvi promover também algumas significativas mudanças em minha vida profissional, a qual afeta todas as demais áreas do meu viver.

Após 17 anos trabalhando na valorosa e agradável Delegacia da Receita Federal do Brasil na aprazível Cidade de Poços de Caldas/MG, fui removido de ofício para a Alfândega do Porto de Vitória na encantadora capital do Espírito Santo.

A motivação maior foi pelo desafio que toda mudança carrega em si e pelo fato de atuar profissionalmente em outra Unidade da RFB, com procedimentos inovadores e a sempre muito bem-vinda possibilidade de conhecer novos colegas de trabalho, novas pessoas e novas amizades.

Cito ainda como elemento motivacional para a mudança o fato da extinção da Delegacia da Receita Federal do Brasil em Poços de Caldas



(DRF/PÇS) e sua transformação em Agência, fato esse repetido em algumas outras Unidades da RFB em função da entrada em vigor do novo Regimento Interno.

Bem, isso posto, retorno ao cenário das mudanças ocorridas a partir de março/2020 com o advento da pandemia de covid-19, cenário esse sem precedentes na história da humanidade, pois houve a imposição de uma série de medidas para diminuir os efeitos devastadores da pandemia sobre nossa saúde, sobre a economia do país e sobre atos do nosso cotidiano, havendo até mesmo restrições sobre o direito de ir e vir.

À época, março/2020, estava ocupando a função de Chefe da Seção Aduaneira-SAANA, na DRF/Poços de Caldas. E a atividade aduaneira, mesmo para os cargos de chefia, demanda uma atuação presencial intensa. Quando essa atividade aduaneira ocorre em uma Unidade menor, mas com uma pujante atuação no comércio exterior, a função de chefia necessariamente implica também em atuar na execução de atividade-fim, ou seja, atividade presencial.

Com as devidas precauções e as orientações do Gabinete da DRF/PÇS, da Superintendência da 06ªRF e do Órgão Central, continuei exercendo as atividades aduaneiras juntamente com os demais colegas da SAANA, os quais cito aqui nominalmente: auditores-fiscais Daniel do Valle Corgozinho, José Lopes Amorim (Chefe da Seção de Fiscalização-SAFIS, mas sempre nos auxiliando na SAANA), Marcelo Peixoto e o colega Arlindo Jacques Filho da DRF-Varginha/MG. Além do Delegado da DRF-PÇS, auditor-fiscal Michel Lopes Teodoro e do Delegado-Adjunto, auditor-fiscal Marcos Barbonaglia da Silva. A citação aos nomes dos colegas é pelo reconhecimento do profissionalismo e espírito público que estes sempre demonstraram em suas trajetórias na RFB e, ainda mais, em um período crítico que a pandemia da covid-19 trouxe para a sociedade brasileira, representada por pessoas físicas e pessoas jurídicas necessitadas da



atuação estatal em um momento delicado na continuidade dos negócios econômicos e na geração de renda proporcionada pela atividade crucial fomentada pelo comércio exterior.

Em sistema de rodízio semanal e munidos de protetores faciais, luvas, máscaras, álcool-gel, entre outros equipamentos e itens de segurança, continuamos efetuando os desembarços aduaneiros em dois Recintos Especiais para Despacho Aduaneiro de Exportação-REDEX, localizados nas Cidades de Guaxupé e Poços de Caldas. A maior parte dos trabalhos efetuados no REDEX foi presencial, havendo previsão legal extraordinária para se efetuar o trabalho de maneira remota a critério de cada auditor-fiscal.

Nos meses de março e abril de 2020, houve uma diminuição considerável nos desembarços aduaneiros de exportação; no entanto, a atuação presencial, além de necessária, permitiu termos um tempo maior para efetivar mudanças de procedimentos e um esclarecimento maior de dúvidas por parte dos contribuintes, o que acabou facilitando a nossa atuação quando a partir de maio/2020, a atividade econômica de exportação retomou os índices de volume nos contêineres exportados antes do advento da pandemia. Foram também aperfeiçoadas as estratégias de prevenção e segurança para todos os envolvidos no REDEX.

Paralelamente, aos trabalhos presenciais desenvolvidos no âmbito do REDEX, estive ainda, no mês de maio/2020, envolvido com a demanda de apreensão de um maquinário importado sobre o Regime de Drawback, pois as normas legais foram descumpridas; no entanto, devido à logística necessária não ser permitida durante o período da pandemia da covid-19, esse trabalho, dentro do prazo legal, foi postergado.

Participei ativamente da destruição de mercadorias importadas ilegalmente no Depósito de Mercadorias Apreendidas-DMA da DRF-PÇS. Toda essa importante atividade foi efetuada observando-se os protocolos de segurança e preservação da saúde dos envolvidos.



Destaco ainda o importante trabalho efetuado pelo Gabinete da DRF-PÇS, em conjunto com os demais setores da DRF, na transformação de bebida alcoólica em álcool-gel. Bebidas apreendidas em operações aduaneiras e de fiscalização, que seriam destinadas para destruição, sendo transformadas em produto de combate à covid-19. Parabéns, DRF/SRRF/RFB!

Em meio às atividades eminentemente presenciais acima relatadas, todas impactadas por mudanças provocadas pela pandemia, comecei também o meu processo de mudança, o qual resultou em trabalhar em uma nova Unidade da RFB, Alfândega de Vitória, em uma nova Cidade, Vitória, e em um novo Estado, Espírito Santo.

Destaco aqui, novamente, o nome de alguns colegas que entenderam e atenderam à minha intenção de mudança conjugada com os interesses da própria RFB: auditores-fiscais Michel Lopes Teodoro, Delegado da DRF-PÇS, Fabrício Betto, Delegado da Alfândega de Vitória, Mário Dehon Santiago, Superintendente da 06ª RF e o colega Flávio José Passos Coelho, Superintendente da 07ª RF; além desses, lembro vários outros colegas, mesmo sem declarar seus nomes, mas que atuaram decisivamente para que o meu sonho se tornasse realidade, com orientações precisas, com agilidade e segurança nos procedimentos de remoção. Finalmente, no dia 12/06/2020, foi publicada a minha Portaria de Remoção no Diário Oficial da União e a consequente edição de atos subsequentes que sedimentaram a mudança.

Então, definida a formalidade na remoção de ofício para a Alfândega de Vitória, dei início à logística de mudança física. Aproveitei o período de deslocamento somado a um período de férias para efetivar a mudança em meio às mudanças provocadas pela covid-19. Confesso que foi uma correria só, sempre procurando ao máximo cumprir os protocolos de prevenção e cuidados com a saúde. Definir o local de moradia em



Vitória, preferencialmente próximo ao local de trabalho, contratar empresa de transporte, conviver com tantas pessoas neste processo de mudanças e viagens, foram desafios sendo vencidos diariamente por mim e minha querida esposa/parceira, Vânia Amaral Coelho, sempre confiando em Deus e dando graças por tudo.

Finalmente, desde 03 de agosto de 2020, há 79 dias, estou trabalhando na Alfândega de Vitória, morando na nova cidade e bem satisfeito com a mudança efetivada. As atividades de trabalho por aqui são bem interessantes, variadas e novas pra mim, um verdadeiro desafio. As normas de segurança também são bem rígidas e adequadas em função da pandemia da covid-19.

Tenho trabalhado presencialmente no ótimo prédio da Alfândega e feito um período de home office. Venho conhecendo excelentes colegas e conhecedores dos trâmites aduaneiros no procedimento de pré-despacho. Apesar de exercer a Chefia da Equipe Aduaneira 5, tenho feito alguns trabalhos em processos diversos na sistemática de importação.

Recentemente com alguns outros colegas, fizemos uma vistoria presencial em um recinto alfandegado utilizado para o armazenamento e distribuição de combustíveis. Calor intenso, serviço presencial detalhado e tendo que subir em um tanque de combustível com 20 metros de altura, capacidade de 5 milhões de litros, escadaria de 100 degraus, a fim de efetuar uma verificação manual na quantidade volumétrica do tanque e efetuar batimento com os dados informatizados. Trabalho de qualidade, com observância dos protocolos de segurança e prevenção da saúde, ou seja: execução de atividade-fim na essência.

Apesar de sentir saudades dos colegas/amigos de Poços de Caldas, mudar em meio às mudanças, é preciso!



Muito simples

Maria de Fátima Pestana

Auxiliar Serpro-Digep/SRRF08/São Paulo-SP

Trabalhou na microfilmagem/SRRF08 – Malha DCTF/DRF/São Paulo – Atendimento ao Público, CPF/CNPJ/DCTF, CAC Leste – CAC Luz – CAC e Arrecadação, DRF Presidente Prudente – Auxiliar de expediente e Representante de Capacitação DIFIS/SRRF08.

Esta história se passou quando eu trabalhava na Arrecadação da Delegacia de Presidente Prudente e uma senhora vinda de uma cidade próxima, jurisdicionada a essa unidade veio prontamente ao setor para resolver um (suposto) problema que havia sido gerado uma carta oriunda da Receita Federal que dizia que a Razão Social Maria Aparecida da Silva ME poderia continuar pagando seus impostos como SIMPLES.

No final de expediente, chega Dona Maria com a comunicação recebida na mão, toda apavorada e, ao me direcionar ao pequeno balcão para o atendimento, ouço em alto e bom tom:

- Dona eu já sou tão SIMPLES porque que a Receita Federal me mandou essa cartinha me dizendo que eu posso continuar sendo SIMPLES.

Meus colegas que estavam na sala trabalhando riam e disfarçavam atrás de seus computadores e eu com um esforço tremendo para não rir também de toda aquela simplicidade, perguntei se tinha um barzinho na



frente de sua casa e ela afirmou que sim e então expliquei que a carta era do Bar e que ela devia levar ao Guarda livros (é assim que muitos conhecem e chamam os contadores).



O dia em que o coronavírus (quase) parou 30% do comércio exterior brasileiro

Cleiton Alves dos Santos João Simões

Auditor-Fiscal da RFB/ALF/Santos-SP

Ingressou como ATRF em 1996 na ALF/STS/SP. Após, em 2002, como AFRFB na ALF/SFS/SC. Em 2004, retornou à ALF/STS/SP, onde está até o momento. Na ALF/STS foi chefe substituto do Sepol, chefe da Digin (que foi transformada em Segin) e Delegado de 2012 a 2020. Atualmente é o chefe substituto do Segin e Supervisor do SRRF08/Grugir, além de participar de alguns GT da Coana.

O ano de 2020 começou e parecia ser promissor. Os números da maior unidade aduaneira da América Latina voltavam a crescer. Mercadorias de importação e exportação recomeçavam a encher os terminais alfandegados. A temporada de navios de passageiros ia de vento em popa - desculpem-me o trocadilho. Imaginávamos seria um ano de muitos recordes batidos.

Como sabemos todos, até o final do primeiro trimestre, tudo mudaria. O mundo inteiro mudaria...

Mas vamos começar nossa história alguns anos antes, quando não se falava em pandemia. Falava-se, apenas, da falta cada vez maior de servidores e de como fazer para suprir essa lacuna já que a atividade de comércio exterior estava em vias de voltar a subir, após uma crise que abalara o movimento de mercadorias.

Pela primeira vez, o número de AFRFB na ALF/STS iria ter menos de três dígitos. Os recintos, incluídos os de exportação, sim, estavam se



aproximando dos três dígitos. Em pouco tempo, teríamos mais recintos do que a soma de todos os auditores-fiscais da maior alfândega do Brasil.

Além disso, os recintos ficam longe uns dos outros, em quatro cidades diferentes da região (Santos, Guarujá, Cubatão e São Vicente) e o trânsito na zona portuária é caótico devido aos mais de 5.000 caminhões que por lá transitam diariamente.

Como a vigilância por câmeras pela Alfândega, já era feita diretamente de uma sala dentro da unidade, chamada COV, surgiu a ideia de se realizar a conferência física de mercadorias também remotamente. Após muitas tratativas com os terminais e com os servidores, o CONFERE foi inaugurado oficialmente em maio de 2018.

O CONFERE vinha tendo incrementos em suas atividades a cada mês, que começaram exclusivamente na importação de Declarações de Importação (DI) selecionadas para o “Canal Vermelho” de conferência, que é aquele em que é verificada a documentação e a mercadoria que amparam a DI.

Em janeiro de 2020, já estavam incorporadas, além do canal vermelho de importação, diversas conferências de exportação, de trânsito aduaneiro e iniciávamos a importação selecionadas para o “Canal Cinza”, que são aquelas importações com suspeita de fraude. Ou seja, aquelas em que a importação é feita por empresa laranja (interposição fraudulenta de terceiros) ou com valor declarado abaixo do real comercializado, por exemplo.

Então surgiu a pandemia...

Como a tecnologia utilizada no CONFERE vinha de 2013, data da inauguração da COV - Central de Operações e Vigilância, a comunicação dos recintos aduaneiros com a Alfândega era via fibra ótica. A tal fibra entrava no edifício-sede e corria até os computadores da sala onde a conferência física era realizada, remotamente, em relação aos terminais.



O problema que somente viemos a perceber mais tarde, já durante a pandemia, era que o CONFERE era remoto, sim, mas remoto em relação aos terminais. Infelizmente, não era “remoto” em relação ao prédio da Alfândega.

Assim, os AFRFB, embora não precisassem se deslocar até o terminal alfandegado para realizar a conferência física, tinham que fazê-la, obrigatoriamente, a partir da sala de conferência remota dentro do edifício-sede da aduana santista...

Antes da pandemia, tudo bem, ninguém pensava que isso seria problema. Mas, a partir da Instrução Normativa, em março, que determinou que maiores de 60 (sessenta) anos de idade trabalhassem, obrigatoriamente, de maneira remota, percebemos o quanto nosso quadro de AFRFB possuía idade avançada. Somente um único AFRFB que estava lotado na conferência sobrou fisicamente, da noite para o dia. Todos demais tiveram que ir para o trabalho remoto...

O que fazer? Pararíamos a conferência física? Liberaríamos tudo no canal verde de conferência, que é aquele em que a mercadoria está automaticamente liberada, sem que a RFB faça exame documental ou físico?

Iniciou-se reunião de emergência no Gabinete com os chefes da Divisão de Despacho Aduaneiro e da Equipe de Conferência Física...

Vários cafés foram necessários durante a reunião até que se batera o martelo: uma estratégia antiga do Gabinete, em alinhamento com o Órgão Central era a de que analistas tributários passassem a realizar as conferências físicas. Apenas precisávamos do momento certo para implementar mudança de paradigma tão grande na unidade. Era a oportunidade que esperávamos!



Assim, não seria dessa vez que a covid-19 pararia o Comércio Exterior brasileiro. Imediatamente a Alfândega, respondeu alocando analistas tributários para realizar a atividade. Muitos deles possuíam idade menor e não estavam obrigados a trabalhar remotamente.

Embora alguns ajustes tenham sido necessários, o que acarretou uns dias com menos quantidade de conferências, de modo geral, importadores não notaram a alteração no “modus operandi” da Alfândega.

Logo os ATRFB acostumaram-se à atividade, pequenas adaptações foram feitas no sistema de Conferência Remota e tudo corria bem. Até a Equipe do canal cinza (Sepea) passou a usar o CONFERE em quase 100% de suas conferências.

Nesse momento, talvez você esteja se perguntando: “Quase? Mas por que não 100%?”. Explico, caro leitor: há algumas situações de mercadorias em que a presença física do servidor da Carreira Tributária e Aduaneira é fundamental. Mercadorias em que se necessite observar algum detalhe em que não é possível ser verificado pela tela do computador. Há casos em que se pode trazer uma amostra da mercadoria, mas há outros em que não. Então, nesses casos específicos, o servidor precisa se dirigir fisicamente ao armazém.

Pois bem, parecia que passaríamos a pandemia incólumes! Superamos o obstáculo dos servidores com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos não poderem trabalhar presencialmente. Estávamos prontos para enfrentar a doença sem maiores percalços. E assim foi até meados de maio.

Entretanto, um evento mudaria, mais uma vez, o rumo da história do CONFERE santista: o único AFRFB que restara na equipe, testou positivo para covid-19...



Imediatamente ele foi afastado e os demais foram fazer o teste. Dois dias de angústia e expectativa em todos. Esse era o tempo de resposta do teste do tipo “PCR”.

Isolamos parte da sala, onde o AFRFB trabalhava, deixamos mesas vazias, intercalando com as que estavam sendo usadas, colocamos proteção de acetato nas mesas, para segurança dos nossos servidores, além daquelas medidas que já vinham sendo tomadas, como o uso de máscaras e álcool gel 70%.

Quanto aos resultados dos exames dos demais colegas, estes iam sendo publicados pelo laboratório: todos negativos. Um alívio atrás do outro, ao saber que estavam todos bem.

Apenas um dos ATRFB não conseguia ver seu resultado, que nunca saía. Tensão total no setor.

Passados alguns dias, o resultado saiu: POSITIVO. Talvez por isso demorara um pouco mais. O laboratório talvez estivesse fazendo uma reanálise da amostra.

Mesmo assim, com apenas duas baixas temporárias por conta da infecção, conversamos com a empresa que desenvolvera a infraestrutura do CONFERE e eles conseguiram fazer uma forma de o servidor acessar os micros com as imagens dos terminais a partir de seus computadores pessoais, em suas casas.

Aqui preciso fazer mais uma observação para melhor compreensão de todos: no CONFERE os servidores usam duas máquinas: uma pertencente à RFB, com wi-fi, em que acessam nossos sistemas, e outra pertencente à Associação dos Terminais Alfandegados, ligados com fibra ótica, de onde é possível ver as imagens das câmeras instaladas nos terminais alfandegados.



A empresa em apenas um dia conseguiu modificar seu sistema e mesmo os servidores que testaram negativo ficariam 14 dias trabalhando a partir de suas casas, como medida de proteção.

Mais uma vez, o vírus não conseguiu derrotar o Comércio Exterior brasileiro e ainda saímos mais fortes, já que desde então, nossa conferência remota passou a ser REALMENTE remota, podendo ser feita a partir de qualquer lugar e não somente de dentro do edifício-sede da Alfândega do Porto de Santos!

Parece que o comércio exterior é mais forte do que a covid-19...

Ah! Os colegas se recuperaram bem e voltaram a trabalhar de maneira normal, ou “novo normal”!



O dia em que faltou luz

Cláudia Carneiro Condé Godoy

Serpro/SRRF06/Belo Horizonte-MG

Atualmente trabalha na SRRF/06 - Assessoria de Comunicação desenvolvendo as atividades de assessoria de imprensa e cerimonialista da 6ª RF.

Com a adoção das medidas de enfrentamento à pandemia de covid-19 e o distanciamento social em curso, nós da equipe do Gabinete SRRF06 recebemos o grande desafio de programar e realizar a 1ª Reunião de Avaliação Estratégica (RAE) regional virtual, por meio da nova plataforma de comunicação adotada. A RAE Nacional já havia acontecido e, segundo relato dos Superintendentes da RF06, tudo correu muito bem. Os desafios eram enormes, porém, como a equipe do Gabin06 gosta de um bom desafio, as reuniões para definição dos dias, horários e programação foram iniciadas. Em conversa por aplicativo de bate-papo, em que há um grupo da equipe do gabinete e os Superintendentes, surgiu o tema da RAE: Pensando o Futuro. Na sequência, a marca do evento já estava pronta, e, a partir daí, toda a arte. Essa foi uma boa discussão.

Reuniões e ideias foram várias; todas virtuais. Estávamos aprendendo a lidar com a plataforma de comunicação e colaboração que nos foi apresentada no dia 24/03/2020, dia em que a Receita cadastrou todos os servidores.



Histórias de Trabalho da
Receita Federal do Brasil

Desde que nos foi dada esta missão, o meu peito ficou apertado, o desespero quase a tomar conta. Não tive dúvidas, inscrevi-me em alguns cursos de eventos a distância sobre como realizar eventos virtuais. Afinal, não podíamos fazer feio. A Reunião de Avaliação Estratégica para a 6ª Região é um momento de compartilhamento de ideias e boas práticas.

Eu, a cerimonialista da 6ª Região, sentia-me no dever de colocar todo o evento em prática e da melhor maneira possível, ou melhor, impossível que fosse, tudo tinha que sair perfeito. Para que tudo desse certo, fizemos um evento teste, aquele ensaio no qual o que tiver que dar errado deve ser naquele momento. Cada um de sua casa, tudo novo. Mas a nossa conexão é sensacional! Todos nós da organização éramos o plano B um do outro. Na verdade, todos sabiam claramente das suas funções e dos demais da equipe.

Na noite anterior, ao início da RAE, dei os últimos retoques na pauta e como de costume verifiquei se tudo estava funcionando nos conformes: computador, conexão do software de comunicação e videoconferências, telas, notebook, celular e tablet. Equipamentos é que não iriam faltar.

Dia seguinte, tensão pré-evento... É sempre assim, e, mais ainda, com a realização do primeiro evento virtual. Que nervoso!

Tudo pronto para o evento começar, todos os equipamentos ligados e funcionando... (Só que não.) De repente, a energia elétrica da minha casa acabou. Fui para outro mundo e voltei, coloquei todos da minha casa loucos. Parecia que tinham culpa do imprevisto.

Parei, respirei fundo e coloquei a cabeça para funcionar. Tinha que haver uma solução. Bingo! Lembra que testei todos os equipamentos e os deixei prontos para o dia seguinte? Pois é, foi esse cuidado que me salvou. O celular e o tablete estavam com as baterias carregadas. Compartilhei a internet do celular com o tablete e assim a RAE teve o seu início no horário



marcado, sem atrasos. Afinal, a premissa é de que um evento virtual começa e termina no horário marcado.

E mais, lembram que qualquer um da equipe poderia assumir a função do outro, se necessário fosse? O desafio foi grande, mas o engajamento da equipe também. Uma equipe de coragem, também de medos. Uma equipe que pesquisou, estudou e procurou fazer o melhor para que a 1ª RAE Virtual e a primeira RAE Regional do ano de 2020 acontecesse de maneira satisfatória.



O Odin veio?

Moisés Boaventura Hoyos

Analista Tributário da RFB-ALF/Manaus-AM

Ingressou na RFB em 1991. Atuou no controle de bagagem, vigilância aduaneira, despacho, leilão, habilitação e repressão. Atualmente atua na Cidadania Fiscal, Assessoria de Comunicação e Ouvidoria.

Depois de trocar várias mensagens por aplicativo, estabelecemos uma data para a entrevista do delegado da Alfândega do Porto de Manaus em um programa de TV na cidade. Essa oportunidade de divulgar o trabalho de fiscalização e controle aduaneiro realizado pela Receita Federal do Brasil teve um preço: a presença do agente canino Odin.

Desde que chegou a Manaus, o cão Odin chama a atenção da mídia amazonense ao atuar em diversas operações da Receita Federal e da Polícia Civil. Aliás, esse agente de quatro patas é requisitado por outros órgãos públicos quando o assunto é localizar drogas. "Ele é diferenciado" - afirma seu condutor com o orgulho de um pai que vê seu filho se destacar naquilo que faz.

Verdade seja dita, Odin parece mesmo um ponto fora da curva do que poderíamos chamar de um cão farejador "normal". Em suas "aventuras" olfativas, já encontrou drogas em chocolates, açaí, assoalho de



barcos, móveis, malas, aviões e até em botijas de gás. Todas essas ações ocorrendo no meio do Rio Negro, no Aeroporto Internacional Eduardo Gomes, nos Correios, ou seja, em qualquer lugar o Odin realiza sua função. O único problema dele era que não sabia nadar, mas isso foi no início das suas atividades no Amazonas, já solucionado com aulas de natação.

No dia da entrevista na TV, o delegado chegou no horário combinado. O apresentador do programa recebeu a equipe da Alfândega do Porto de Manaus e conversou sobre como ocorreria a entrevista. Estabeleceu-se que parte seria na área externa do estúdio e parte na área interna, onde era realizado o programa. Durante a conversa uma preocupação se mostrava latente: ele vem?

A preocupação com a presença ou não do agente canino Odin era normal, pois a Equipe K9 da Receita Federal em Manaus ainda não havia chegado. Atrasada? Não. Estava no horário. Após se estabelecer a forma como tudo iria transcorrer o apresentador se retirou, para iniciar o programa, e uma jornalista passou a acompanhar o delegado e esperar a Equipe K9.

No horário estabelecido, a Equipe K9 chegou. Nos corredores da estação de TV, a pergunta era só uma: ele veio? Sim, ele veio. Agente Canino Odin na área. Um pastor alemão de grande porte, com seus pelos escuros, cara de amigo, sempre próximo ao seu condutor com um elo que transcende as questões de trabalho. Ali tem amor. A dupla perfeita.

E antes de iniciar a entrevista, uma série de pedidos foram atendidos. Pedidos de “posso tirar uma foto com ele”. Foram inúmeras fotos. Até a repórter que iria realizar a entrevista na área externa tirou sua foto com o astro Odin e ela já o conhecia. Dois meses atrás, tinha feito uma reportagem especial com o Odin, na qual a casa do nosso agente canino foi mostrada para a sociedade amazonense. Sim, Odin é bem cuidado, bem treinado e é um excelente servidor público.



Após as sessões de fotos, a entrevista iniciou com a fala do delegado informando para a sociedade a importância dos trabalhos realizados pela Receita Federal. Combate ao contrabando e descaminho, cidadania fiscal, presença da fiscalização em portos, aeroportos e correios foram os assuntos tratados e, obviamente, deu-se destaque ao Programa de Cães de Faro da Receita Federal, com uma demonstração de localização de drogas pelo agente canino Odin.

Foi uma excelente oportunidade de falar para a sociedade sobre a Receita Federal e vale destacar que a presença da Equipe K9 promove uma empatia maior com o público. Além de ser um instrumento não invasivo de fiscalização, quando se trata de localizar produtos ilícitos, é um ponto de interação entre as pessoas e a Receita Federal.

A resposta que a assessoria de comunicação da Alfândega do Porto de Manaus mais deu naquele dia foi: sim, o Odin veio.



O que não está no meu perfil no SA3?

Sidney Vaz Duarte

Auditor-Fiscal da RFB-DRF/Uberlândia-MG

Ingressou na RFB em 1993 como TTN, depois de um período como Fiscal do Estado de Minas Gerais, de 1995 a 1999, regressou, na qualidade de AFTN em agosto de 1999. Atualmente é Supervisor de Equipe de Fiscalização de Pessoa Jurídica.

Não está no SA3 a minha localização na plateia para assistir ao espetáculo profissional de construção permanente da Receita Federal do Brasil, que no show da minha vida representa uma parcela significativa de conquistas e gratidão.

Vi, por este palco, desfilar sublimes talentos, colegas que compartilharam conhecimentos, dedicação e toda sorte de criatividade, fazendo com que o enredo sempre se modernizasse para melhor atender à sua majestade “o contribuinte” e bem servir à nação.

No afã colaborativo, procurei não me sentar próximo demais, para que minhas possíveis intervenções apaixonadas não pudessem nublar iniciativas de mudanças. Também não me acomodei muito longe, denotando estar sempre à disposição e poder apresentar sugestões contributivas. Mas, sobretudo, me localizei no local onde a amplitude de horizonte me proporcionasse participação coadjuvante e o júbilo de



Histórias de Trabalho da
Receita Federal do Brasil

aplaudir “de pé” a performance de muitos colegas no desenvolvimento de atividades, propagando capacitação e um elevado conceito da Instituição.

Hoje vejo as cortinas se fecharem para muitos em extasiantes aplausos, para nos palcos da “aposentadoria” serem protagonistas e começarem um novo show da vida. Felicidade sempre, atores, autores.

Não está no SA3, o meu olhar. Uma perspectiva côncava e convexa, ou seja, ao mesmo tempo que contemplo a minha evolução como profissional prestigiando uma justa visão introspectiva, adoro ver as pessoas, independente das siglas de suas funções ou cargos. Procuo extrair a essência de cada um. Suas virtudes são como inspiração poética, uma atmosfera de simpatia e empatia que dá um colorido especial aos nossos dias. Quando vejo uma terceirizada da manutenção, com sua peculiar simplicidade, distribuir sorrisos pela repartição, como se fossem belas borboletas dançando sobre as flores, isso me dá uma chacoalhada, tento capturar um desses sorrisos, me recoloco e vejo quão maravilhosas são as pessoas e que elas merecem uma hierarquia transcendente. A amizade é o melhor guia para se alcançar a felicidade.

Não está no SA3 a minha preocupação como nosso futuro. Está em “3 AS”, para aliviar a dor de cabeça.



O trabalho remoto em meio à pandemia

Ana Lúcia Gomes

Analista Tributário da RFB-ARF/São Caetano do Sul-SP

Agente da Receita Federal em São Caetano do Sul desde 2015. Foi chefe de Eqcon da Derpf em 2014; chefe do CAC Luz, em 2013, chefe do CAC Parcelamento - SP - 2011 a 2012; chefe do CAC Pinheiros - SP - 2009 a 2010 e chefe da Equipe de parcelamento da Derat - 1991 a 2009.

“Já choramos muito. Muitos se perderam no caminho. Mesmo assim, não custa inventar uma nova canção, que venha nos trazer sol de primavera.” Beto Guedes.

Era para ser um ano comum, como todos os outros, que, às vezes, não são tão comuns, porque sair da rotina de vez em quando até é bom, mas o “feliz ano novo” parecia ser diferente. A notícia de um vírus na China matando pessoas parecia tão distante de nós que, na nossa pequenez, falávamos: ah... isso não chegará aqui. Mas ele chegou, e chegou com tanta força e destruição que tivemos que nos reinventar.

De um dia para outro, já não podíamos dar as mãos para as pessoas, passamos a atender com distanciamento, o tempo todo levantando a mão com receio, quando queriam nos cumprimentar e, tão rápido quanto terminar o atendimento, era pegar o álcool e sair passando em tudo.

Era março. As pessoas queriam acreditar que tudo passaria logo, mas os casos foram aumentando e o medo tomou conta de todos. De



repente, fazíamos parte do grupo de risco. Não poderíamos mais estar no local de trabalho. Nossas estações foram remanejadas para nossas casas, o que antes era inimaginável, como tirar o computador do local de trabalho, naquele momento era a realidade.

Tivemos que aprender sobre o cabo de rede, acionar o “ovp-n” e ver se estava tudo funcionando, a correria para dar tudo certo, e foi tudo muito rápido. Na semana seguinte, todos já estavam preparados para começar uma rotina ainda mais exaustiva: lidar com pessoas que estavam com problemas no CPF, mas precisavam do Auxílio Emergencial. Novamente, todos demos as mãos e começamos a trabalhar naquilo que desconhecíamos para ajudar as pessoas a receber aquela quantia tão esperada em meio a um tempo de desemprego, de incertezas.

Fomos aprendendo a conversar com as pessoas pela caixa corporativa. Muitas vezes, nossa vontade de ajudar era tão grande, mas improvável, diante de casos em que não havia a menor possibilidade legal de se conseguir o auxílio.

Pessoas entrando em contato, para ajudá-las, e que momento difícil falar não: “isso não é possível, e não é nossa culpa, é a lei que impede o recebimento do auxílio para determinados casos”. Quantas vezes, respondi isso nos e-mails.

Cada dia uma história. Fomos aprendendo que as coisas não são fáceis para ninguém e que, somos privilegiados por ter um emprego, por sabermos que, apesar de tantas dificuldades, nós podemos caminhar, nós podemos ter o pão de cada dia, quando tantas pessoas nessa pandemia perderam seus empregos.

O vírus virou nosso medo, mas nos tornou mais fortes, e mudou nossa rotina. Quando pensávamos em trabalhar em casa? Não, não era factível, pois era muito bom atender às pessoas, conversar com elas, esclarecer as dúvidas, muitas vezes, fazer parte de um desabafo, de ouvir



uma história, de tentar mostrar que a lei é para todos, não só para os pequenos, porque como é rotineiro, ouvir: os deputados pagam imposto? Visão que o pequeno tem das injustiças, muitas vezes, de pagar um tributo, mesmo ganhando somente a aposentadoria.

Ficar em casa virou preocupação da família, fazer parte do grupo de risco. Ficar longe dos nossos queridos tem sido muito difícil, mas, por outro lado, aprendemos a lidar com as dificuldades, não só nossas, mas de outras pessoas também.

E como as pessoas têm dificuldade em entender o que falamos. Como é difícil tentar esclarecer a página da Receita na internet para alguém que não tinha acesso a computador. Por sua vez, como as pessoas têm boa vontade em aprender e como nos agradecem, na medida em que tudo dá certo e que, conseguem resolver os seus problemas.

Aprendemos que cada dia é um dia; que “um dia discursa outro dia, e uma noite revela conhecimento a outra noite”, como diz o salmista, e que só temos que agradecer todos os dias: nosso trabalho, nossa moradia, nossa família, nossos filhos, nossos colegas de trabalho e amigos.

Não podemos deixar de lado que esse tempo de ficar em casa, de ligar o computador logo cedo, de ler as mensagens, de procurar respondê-las com paciência, de parar para um café, fazer o almoço, estudar com o filho, ou falar com eles, ter calma, de ver tantos vídeos importantes ao trabalho, tantas reuniões virtuais, que também aprendemos a lidar e, apesar de tudo, se reinventar e viver o novo normal.

Sim, somos privilegiados, por estarmos vivos, por podermos ser úteis a alguém, por fazermos parte de tudo isso que se chama Receita Federal.



Operação Acolhida - Missão cumprida

Alessandro Helder Kamimura Polo

Analista Tributário da RFB-DRF/João Pessoa-PB

Fiel do depósito de mercadorias apreendidas da DRF/JPA. Ingressou em 06/01/1996 na DRF/Santo André, sendo transferido para João Pessoa em 1999. Participou de operações de repressão ao descaminho e contrabando nas fronteiras do Brasil com o Paraguai e com a Venezuela.

02/02/2019 a 05/03/2019.

Pronto, acabou. Não foi nenhum bicho de sete cabeças, nem mesmo um bicho papão.

Hoje encerro oficialmente meus dias de trabalho humanitário aqui na Operação Acolhida, cidade de Pacaraima, fronteira do Brasil com a Venezuela, como um dos representantes da Receita Federal do Brasil para receber os vizinhos venezuelanos e fazer seus CPF. Cheguei aqui dia 03 de fevereiro e fiquei um mês fora de casa, longe do conforto do lar e do calor da família.

Valeu a pena? Muito. Saio daqui maior, mais experiente e sem dúvida alguma, mais humano.

O trabalho que essas pessoas desenvolvem só dá pra ter a verdadeira noção da importância estando aqui. Já tinha lido sobre isso, já



tinha visto programas de TV sobre isso e até filmes sobre isso, mas nada se compara a viver dia a dia essa experiência, ver a dedicação com que as Agências cumprem seus papéis e sobretudo a eficiência cronometrada do Exército Brasileiro ao qual cabe o trabalho mais árduo e que permeia pelos demais, seja administrando nossos alojamentos, o refúgio dos imigrantes, o refeitório (conhecido no meio militar como rancho), cuidando da nossa segurança, da nossa comunicação e até do nosso lazer. A esses abnegados heróis, meu muito obrigado.

Quero falar também da experiência que foi interagir com esses venezuelanos, indígenas ou não, pobres em sua maioria, mas muitos também pessoas de posses que estão largando tudo para levarem consigo suas vidas e as pessoas que ainda lhes restaram.

De muitos, vi fotografias antigas em suas identidades, quase todos com feições diferentes da atual, não pelo envelhecimento do documento e sim pela transformação física que passaram imposta pela fome compulsória. Para alguns, até havia dinheiro, mas não havia o que comprar, o que comer.

Essa é a realidade da Venezuela hoje.

Relatos de pessoas que apesar da tristeza e horror que viveram, ainda conseguem dar um sorriso de volta ao serem bem atendidos, bem acolhidos. Relatos emocionantes que muitas vezes me deixaram com os olhos cheios de lágrimas e a voz embargada.

Quem me conhece sabe que aprecio demais passeios de cachoeiras e trilhas e nessa região do nosso continente, principalmente no lado de lá, tem muitas opções. Pensei em aproveitar meus dias de folga para fazer na Venezuela o passeio chamado Gran Sabana, no qual se visitam algumas cachoeiras. Infelizmente o fechamento unilateral da fronteira ordenado pelo presidente Maduro impediu isso, mas também possibilitou conhecer pessoas com as quais passei a interagir por aplicativo



após responderem um e-mail meu pedindo informações do lado de lá através em um site de viagens e turismo.

Durante a crise que estabeleceu nos agitados dias de fevereiro de 2019, essas pessoas me relatavam os fatos horríveis que estavam acontecendo em Santa Elena de Uairén, suas aflições, os assassinatos e demais horrores que lhes foram impostos. Muitos desses relatos me afetavam sobremaneira, deixando o astral abalado diante da impossibilidade de ajudar mais. São pessoas que se tornaram amigos virtuais e quem sabe os conhecerei pessoalmente um dia, quem sabe.

Por meu lado, passava informações do que estava ocorrendo aqui na fronteira, da expectativa de abertura, dos confrontos entre os venezuelanos que queriam voltar ao seu país e eram impedidos pela Guarda Nacional Bolivariana; das bombas de gás lacrimogênio que afetavam os olhos de todos e faziam dispersar a multidão; e do espetáculo dantesco da guerra de pedras protagonizadas pelas forças venezuelanas contra seu próprio povo e vice-versa.

Presenciei a retomada metro a metro do território venezuelano pelas forças constituídas numa luta desigual de fuzis contra pedras. Vi ambulâncias com bandeiras brancas cruzando a fronteira de lá para cá trazendo feridos de Santa Elena de Uairén que não podiam ser tratados nos hospitais de lá por pura falta de suprimentos médicos. Muitos deles não resistiram nos hospitais de Boa Vista e hoje lutam em outro plano.

Atendi pessoas conhecidas da política local santaelenense que, fugindo por serem oposição a Maduro, tiveram que caminhar por dois ou três dias em trilhas mais difíceis e distantes que as usuais. Foram perseguidos com mais afinco pelos Colectivos, braço armado fiel ao regime Maduro, formado por assassinos que foram libertos dos presídios para compor essa força paramilitar e impor o terror a esses opositores.



Falei com adolescentes da idade de minha filha que de uma hora pra outra se viram no comando da fuga do resto de sua família, levando seus irmãos pequenos pelas trilhas até o Brasil, chorosos pela morte da mãe e alheios ao estado do pai que fora alvejado e levado de emergência a Boa Vista, ambos vítimas dos Colectivos.

Atendi alguns soldados venezuelanos que tomados de imensa coragem resolveram desertar de seu exército porque não aceitavam lutar contra seu próprio povo sabendo que eles tinham razão e que seus pais e irmãos estavam passando pelas mesmas privações que o resto da população. Fiz questão de cumprimentar um deles, chamando-o merecidamente de herói.

Testemunhei o esforço hercúleo pelo qual foi submetido nosso exército após o fechamento da fronteira e esfriamento dos conflitos daqueles terríveis dias.

Para manter a ordem e a segurança de todos do lado de cá, tiveram que acumular mais serviço além dos ordinariamente efetuados. Passaram a montar guarda na linha fronteira impedindo que as pessoas se aproximassem demasiado da fronteira e reiniciassem os distúrbios. Ficavam horas de pé montando guarda no sol escaldante dessa parte do Brasil, e quando liberados voltavam às suas atividades corriqueiras. Descanso? Esquece, aqui é o exército. São tão heróis quanto o soldado que falei acima e que passaram a ter uma carga de trabalho muito maior, cumprindo-a com a eficiência que lhes é peculiar.

Conheci colegas novos da Receita Federal do Brasil, pessoas comprometidas em executar bem suas tarefas e receber com urbanidade e humanidade nossos irmãos vizinhos.

Digo o mesmo em relação aos colegas da Polícia Federal, da Força Nacional, do Ministério da Cidadania, da ONU Migração e das Ols



(Organizações Intergovernamental) que trabalham em conjunto com a ONU, como a UNFPA (Fundo de População das Nações Unidas) e a ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados).

Gostaria de fazer um agradecimento especial às colegas Luzanilde, Raimunda e Glória e aos colegas Silvio, Adão e Paulo, pessoas maravilhosas com quem trabalhei e convivi naquele período; também ao Victor, venezuelano que trabalha na OI UNFPA, uma das Agências da ONU e que foi meu colega de contêiner, nosso alojamento fornecido pelo exército. Aprendi com ele alguns falsos cognatos em castelhano que poderiam me deixar embaraçado caso não me fossem ensinados.

Também quero agradecer dois militares em particular, são os sargentos Jamerson e Marcílio que ao chegarmos sem que o exército fosse avisado, tiveram que ceder suas camas no contêiner deles para que eu e o Sílvio fôssemos acomodados por uma semana, até que os antigos colegas da Receita Federal fossem embora e liberassem as camas do contêiner que nos cabiam. Eles se transferiram para os leitos superiores dos beliches, cedendo os inferiores mais confortáveis para nós.

Em resumo só tenho elogios a todos os envolvidos que prestam um serviço humanitário de qualidade a essas pessoas que buscam abrigo em nosso imenso Brasil. Obrigado à Receita Federal do Brasil pela oportunidade de possibilitar que eu desse a minha contribuição.

Selva!



Pequenas histórias

Branca Moura Machado

Analista Tributária da RFB/SRRF06/Belo Horizonte-MG

Desde junho de 2016: Chefe da Seção de Comunicação Institucional e Cidadania Fiscal da Sexta Região. Exerceu funções de chefe substituta CAC da DRF/Sete Lagoas/MG; chefe do CAC da DRF/Sete Lagoas/MG. Atuou também na ARF/ Pedro Leopoldo/MG; Escritório da Corregedoria da 6a RF; Divisão de Administração/SRRF/6a RF (atual Divic – Divisão de Interação com o Cidadão) com Dedicção exclusiva ao grupo de Gerência Nacional de Atendimento.

Em homenagem ao meu famoso conterrâneo mineiro Guimarães Rosa, trago aqui três pequenas histórias ocorridas comigo, em meu trabalho na RFB. O título é uma referência ao “Primeiras Histórias” desse grande escritor.

Mas estas pequenas histórias aqui compartilhadas estão mais para estes casos que mineiro adora contar. Vamos a elas:

1- Há muito tempo eu vinha me procurando

Em uma manhã de outubro de 2018, já trabalhando na Seção de Comunicação Institucional da Sexta Região, recebi uma mensagem de um colega de trabalho na qual ele pedia uma alteração no site da RFB.



Eu, naquela eficiência toda, preparei um e-mail todo detalhado para pedir a correção: fiz uma cópia da tela no site; coleí no programa de imagem; inseri um X vermelho no que era para ser excluído; coloquei caracteres verdes no que era para ser incluído; e, finalmente, encaminhei a mensagem para a Seção responsável em Brasília, copiando, claro, a todos os interessados.

Mais tarde, recebo a resposta de que não era mais naquele setor que se trabalhava com aquela informação do site. Lá fui eu de novo, reencaminhar a mensagem ao destino certo, recopiando, novamente, aos interessados... E, muito mais tarde, recebo outra resposta, que esclarecia: “desde agosto, cada Região Fiscal tem dois servidores responsáveis por fazer tais alterações. No caso da sua região, os servidores são Branca Moura Machado e fulano de tal.”. Ops... Sério? Eu?

E, no fim, voltei ao começo. A alteração podia ter sido realizada desde aquela, para mim, longínqua manhã; sem X vermelho; caracteres verdes; ou cópia aos interessados... Que, ao lerem a última resposta, devem ter achado que eu, no mínimo, precisava de férias.

2 - Efeito borboleta

Quando eu trabalhava no atendimento em Sete Lagoas, estava numa manhã, realizando serviço de retaguarda, quando olhei para a rua e vi um caminhão bastante alto, cheio de galinhas. Lembro-me de ficar impressionada com a altura dele e com a quantidade de galinhas.

Estava perto do horário do almoço, então, terminei o que estava fazendo e voltei às 13:00 para iniciar o atendimento. Procedimento que não foi iniciado, pois estávamos sem rede, já que um caminhão de galinhas havia esbarrado na fiação da rua e arrebitado tudo.



É... Aquele caminhão. Naquele dia, o efeito borboleta foi causado por diversas galinhas dentro de um alto caminhão, mas o caos provocado foi o mesmo.

3 - O chamado

Ainda em Sete Lagoas, eu era chefe do CAC e a porta tinha acabado de abrir para atendimento ao público. A triagem estava distribuindo as senhas e eu, observando aquele início de movimento. De repente, percebo que uma senhora mais velha pegou sua senha e foi saindo pela porta da rua. O segurança foi atrás dela que, por sua vez, explicou: “Uai, pediram-me para sentar e aguardar a senha ser chamada na televisão. Então, estou indo para a casa, sentar, ligar a TV e esperar o chamado.”.

Dessa forma, a máxima “a comunicação não é o que você diz, mas o que o outro entende” nunca foi tão verdadeira.



Peregrinos nas pontes aéreas da vida

Valdiléia dos Reis Castro da Cunha

Analista Tributária da RFB-ALF/Guarulhos-SP

Lotada no Aeroporto de Guarulhos desde 2006, na Equipe de bagagem, fiscalização de voos internacionais.

O ir e vir do aeroporto de Guarulhos, muito se assemelha com o dia a dia de nossas vidas. Nossa vida é sempre cheia de expectativas, tal qual o passageiro que está no aguardo da decolagem ou aterrissagem da aeronave de sua viagem.

Batalhas e vitórias! Lágrimas e sorrisos! Idas e vindas! Os passageiros estão à procura de novas experiências, novos conhecimentos, novos sabores e, por vezes, à procura de esperança.

Em meus muitos anos de aeroporto, em meus quase incontáveis plantões, houve muitas possibilidades de refletir sobre isso. Compreendi que somos todos peregrinos, desbravadores em rumo à nossa felicidade através de novos “mares e ares”! Como meta, todos queremos atingir um porto seguro, ou por assim dizer, um “aeroporto seguro”.

Muitas histórias chegaram até mim nas pontes aéreas da vida de passageiros. Algumas histórias alegres, outras banhadas por lágrimas. Histórias de trabalho. Histórias de vidas!



Relatarei uma delas...

Certo dia, dois passageiros de um voo internacional foram conduzidos por funcionários terceirizados da Polícia Federal, que os apresentaram na área restrita da Receita, entrando pelo canal de “Bens a Declarar”. Um deles, com o rosto banhado em lágrimas, o outro, nitidamente transbordando ansiedade, com pequeninas gotas de suor correndo pela sua testa. Ora, o que o pré-adolescente e o jovem teriam feito?

Eu me encontrava nas proximidades do aparelho de raios x. O comportamento e a expressão facial daqueles meninos me atraíram. Fui até eles e quis saber do ocorrido. Em um primeiro momento, surpresa e curiosidade se embaralharam em mim. O que estaria atrás daquela demonstração de preocupação? Qual história aqueles dois teriam para relatar? Por que lágrimas?

Sem bagagem despachada, um deles apenas com uma mochila surrada em suas costas, o outro, com a sobra do lanche oferecido no avião. Estando os garotos submetidos à fiscalização na área restrita, solicitei que seus escassos pertences se sujeitassem à vistoria indireta, ou seja, fossem colocados na esteira do equipamento de raios x. Solicitei isso em português, não entenderam. Solicitei em inglês e o rosto de incompreensão permanecia. Um dos funcionários que os acompanhava me informou que falavam algum dialeto ou língua, a princípio, desconhecida. Eram dois garotos, um deles, o mais velho, arriscava algumas frases em inglês e repetia, na maior parte do tempo, “gracias”, abaixando a cabeça, em sinal de submissão. O mais novo, permanecia silencioso, olhar em direção ao chão, acobertado pelo mais velho. Olhos arregalados, assustados, e tudo isso foi aumentando a minha curiosidade. De onde vinham? Sozinhos? O documento apresentado revelou que se tratava de dois irmãos, um deles de 16 anos e o outro de 11.



Me dirigi ao maior dos dois e perguntei, em inglês, qual o nome dele. Nesse momento, o garoto esboçou uma frase e, prontamente, me respondeu seu nome. Ele continuou o “diálogo”, disse também o nome do irmão menor e se adiantou ao responder que eram sírios. O menorzinho se mantinha escondido atrás do maior, como se esse fosse seu porto seguro.

Achei a história estranha, pois naquele momento não havia aterrissado nenhuma aeronave que subsidiasse a origem que o passageiro havia mencionado. Em continuidade ao questionamento, verificamos que os garotos estavam vindo da Argentina.

Quis averiguar esta ocorrência: dois menores viajando sozinhos, dizendo estar vindo da Síria, sem qualquer documentação de autorização dos pais. Optei por chamar algum representante da cia aérea, que pudesse clarear o que estava acontecendo.

Depois de uma fastidiosa espera, os detalhes foram sendo esclarecidos. Os dois meninos, de fato, haviam chegado ao Brasil dois dias antes, vindos da Síria, mas estavam em trânsito pelo Brasil, cujo destino era a Argentina. Nesse desembarque, permaneceram no setor de conexão, sem passar pela Receita Federal. Explicaram ainda, que os dois tentaram pedido de refúgio na Argentina, o qual foi negado. Permaneceram um dia no aeroporto, aguardando voo para o Brasil, para daqui serem “devolvidos” para o país de origem. Ao desembarcarem no Brasil, imploraram por refúgio e a história e luta de ambos possibilitariam que o caso deles fosse analisado pelo departamento de refugiados da Polícia Federal.

Eles apresentaram a mim, antes de se dirigirem à delegacia da Polícia Federal, uma pequena carta. Era um relato em inglês em uma folha de papel amarelada, um pouco amassada, escrita em letras cursivas, levemente tremidas. Nela havia o pedido de refúgio para a aduana argentina, o qual foi negado. Agora imploravam pelo refúgio em solo brasileiro. A carta trazia um pequeno histórico dos meninos para o



convencimento das autoridades imigratórias. O relato expresso naquele papel era de luta e dor: afirmava que haviam perdido os pais e avós, além do outro irmão bebê, em decorrência da guerra civil na Síria. O irmão maior, segundo a carta, jogou seu corpo sobre o corpo do irmão menor, se escondendo entre escombros, após a bomba que atingiu e destruiu a casa da família. Imploravam por uma oportunidade em outro país.

As lágrimas agora estavam em meu rosto. Os garotos de aparência tão frágil, franzinos, eram, em verdade, dois gigantes!

Sobreviveram, mas tudo havia mudado. Casa destruída, pais, irmão caçula e avós atingidos. E agora? Restaram os dois. A carta continua relatando que os dois irmãos ficaram meses em abrigo para menores órfãos na Síria, até que, certo dia, um “redentor/voluntário” lhes deu as passagens do voo internacional com destino à Argentina, após ter-lhes ensinado algumas frases em inglês.

Após tudo isto, foram liberados e conduzidos para a delegacia da Polícia Federal, onde, finalmente, após a oitiva deles, tiveram o pedido de refúgio aceito. Um momento de alívio e alegria, quando souberam que permaneceriam no Brasil, e que não seriam “devolvidos”. Lágrimas copiosas e vários “gracias”.

O Brasil recepcionou os meninos, que depois seriam conduzidos, já em solo nacional, para um abrigo de menores refugiados em São Paulo. Uma nova chance lhes foi dada. Batalha árdua, sozinhos, sem qualquer familiar. Oculares de uma guerra terrível. Sobreviventes! A curiosidade me proporcionara ouvir uma história tão incrível.

Então, o olhar de todos era de que estivemos diante de dois heróis. Heróis por lutar pela própria existência. Heróis por atravessarem as “pontes aéreas da vida”. Heróis da esperança. Difícil esquecer o olhar sofrido e distante de ambos, lutando por uma vida mais digna.



A despeito de toda a incerteza, a proeza desses meninos, que atravessaram os mares em busca de uma nova vida e de uma pequena chance de felicidade, logrou êxito. A coragem de enfrentar o desconhecido em busca de algo tão sublime: em busca de paz! Uma palavra tão curta, em que essas três letras foram propulsoras para mais essa batalha na história deles, praticamente crianças, mas com a honradez e coragem de grandes guerreiros.

Como será o futuro deles? Ora, torço sempre para que tenham a possibilidade de permanecerem juntos, unidos pelo sangue e pela esperança. A primeira batalha, épica, foi vencida. Tudo me impactou. Diante de uma história dessas, jamais saímos da mesma maneira.

Nas paredes do ambiente de fiscalização de bagagens de voos internacionais, área restrita da Receita Federal, corre sangue, corações pulsam, histórias acontecem. Nosso trabalho é dinâmico, vivo, basta um olhar fraterno. Ainda que muito venha a ser robotizado, há casos em que ainda necessitarão do relacionamento com seres humanos, com toda a sua complexidade e beleza da troca de sentimentos, da troca de olhares e da grandiosidade e imensidão que cada pessoa carrega em si.

Temos que continuar a enxergar o outro. Temos que manter o olhar sensível ao sofrimento do outro, em todos os momentos. Os meninos poderiam passar, quase invisíveis pelo ambiente de trabalho, mas perderíamos essa linda história de vida. Um relato tão triste, mas com a determinação de que, a partir daquele dia, iniciar-se-ia com um novo enredo. Novos capítulos, novas experiências, novos olhares.

É uma riqueza indescritível que passa pelos aeroportos.

Isso ocorreu no ano 2019, mas entre inúmeras histórias de trabalho, esta possibilitou a compreensão de que estamos todos tão globalizados, onde a dor de um indivíduo impacta a humanidade inteira.



Na vida, somos todos peregrinos, nosso caminhar aqui é em rumo a eternidade, mas nos deparamos com tantos aprendizados e o trabalho na Aduana nos presenteia com relatos incríveis. Impossível após um plantão de trabalho, com um caso desses, não acreditarmos que em tudo há um propósito e que cada um de nós somos escritores de nossa própria história.

A equipe de plantão ficou feliz, por podermos esclarecer os fatos e direcionarmos um olhar fraterno aos meninos. Gestos simples e afetuosos, que podem transformar tudo. Servidores da Aduana são espectadores e coadjuvantes de histórias inspiradoras. Muito do que se passa no mundo se reflete nos aeroportos, nas “linhas aéreas”, que direcionarão a uma nova vida.

E seguimos com tantos aprendizados, com muitas batalhas e lutas diárias, mas sempre esperançosos. O ano de 2020, com a chegada da pandemia de covid-19, por sua vez, nos trouxe novos desafios. O fechamento de fronteiras foi medida de segurança sanitária para os países, mas, por outro lado, impossibilitaram que famílias destroçadas por guerras, conseguissem socorro por outros países. Há muitos pedidos de refúgio adiados, que ficaram “presos na garganta”. Há muitos casos com outras crianças, pais, irmãos, idosos, aguardando a abertura de novas pontes aéreas de vida e esperança, pelos aeroportos do mundo inteiro.

Que cada dia mais possamos ser atingidos por uma pandemia de amor ao próximo. Que sejamos mais solidários e, no mínimo, atentos ao que acontece ao nosso lado. Quando tudo voltar ao normal, nossos aeroportos voltarão a redigir novas histórias; linhas aéreas possibilitando a escrita de novas linhas e parágrafos em capítulos no livro da vida de cada um de nós. Vida essa que seguirá pulsando, vibrante, com inúmeras batalhas sendo vencidas!

A obstinada luta pela sobrevivência! Que venhamos a construir mais pontes e menos muros: PONTES AÉREAS DE VIDA!



Poços: da cachaça ao álcool gel

Edir Simões Júnior

Analista Tributário da RFB-DRF/Varginha-MG

Responsável pelo Depósito de Mercadorias Apreendidas - DMA Poços de Caldas-MG, participa de algumas ações da DIREP 06, Sapol e Tecnologia. Ingressou na RFB em junho de 1987 como TTN, foi agente da ARF/Guaxupé-MG.

Tivemos uma equipe na fiscalização, da extinta DRF Poços de Caldas, especializada em descobrir alambiques clandestinos. Achavam até onde Judas perdeu as botas. Em uma dessas fiscalizações, encontraram um com uma quantidade estocada em torno de 21 mil litros. Como a prioridade era a regularização, e não a apreensão, o processo rolou por anos, até que a equipe responsável nos procurou no Depósito de Mercadorias Apreendidas - DMA com o intuito de realizar a apreensão e providenciarmos a logística.

Com algumas fotos e o quantitativo estimado, percebemos que não seria fácil. Então, providenciamos uma visita para um melhor planejamento. Fizemos o contato com o advogado e o contador do responsável para que nos levassem nas entranhas das montanhas de Minas. O advogado, que aqui chamaremos de Lulu, é um senhor de uns 80 anos, com surdez bem avançada e uma memória falha. Ele bem me



conhecia dos tempos que trabalhei na Agência local por 19 anos, no qual tivemos um bom relacionamento, que aliás tive com todos profissionais e contribuintes que por lá passaram.

Primeira viagem, eu me sentia conversando com a velhinha da Praça do programa de televisão. Falava chão, ele entendia cão. Estava difícil fazê-lo entender a situação de apreensão das bebidas, por inércia da parte deles após várias prorrogações. Com a calma do bom mineiro e uma boa prosa, ele compreendeu, mas não entendeu. Por fim, ele nos levou para o sítio, não sem antes darmos várias e várias voltas por toda zona rural por não se lembrar bem do caminho, por sorte havíamos chegado bem cedo no escritório dele. Chegamos no local onde havia apenas uma família de caseiros, que tomavam conta de lá. Lulu era o guardião e administrador, pois o proprietário havia falecido alguns anos antes e os poucos herdeiros tinham suas vidas bem resolvidas. Um fora do Brasil e outro no Paraná. Parecia ter um bom tempo que o Lulu não passava pelo local e não gostou do que vira, passando várias ordens para só depois nos apresentar o espaço. Muito bonito, porém abandonado. Ele nos ofereceu umas mexericas (tangerinas), que eram mais azedas do que limão, nos mostrou uma plantação de castanhas portuguesas, um rancho em ruínas na beira de um lago. Tudo a passos pequenos e lentos, que o permitiam. E finalmente, nos mostrou os galpões com as bebidas.

Após um bom tempo tentando encontrar as chaves, com jeitinho convenci-o a deixar que eu tentasse, e assim o fiz. Portas abertas. Vi de imediato a encrenca. Galões, que deveriam ser azuis, eram pretos e todos lacrados com fitas da RFB cobertos por teias e mais teias de aranhas. Eram recipientes de 240 litros cada e todos cheios, com escadas, portas estreitas, alguns tonéis de 300, 400, 600 e até 5.000 litros.

Feitos bons registros fotográficos e vídeos, reuni-me com colegas para planejamentos e soluções que não eram fáceis, com as ferramentas que tínhamos. Partimos para a iniciativa privada. Entretanto, na região não



encontramos nenhuma empresa disposta a tal serviço. Foi quando me lembrei de uma parceria anterior com o Instituto Federal Sul de Minas - IFSM, que com vários Campus tinham bem mais recursos de logística que nossa Delegacia. Nos reunimos em 2019, para trabalharmos em conjunto na remoção, na qual eles teriam o benefício de receber a matéria-prima para um projeto de beneficiamento da bebida, em etanol, para a própria frota, como já haviam feito anteriormente. Juntamos recursos de ambos os órgãos e batemos o martelo em utilizar um caminhão aberto deles, que fora doado por nós, bombas de sucção alugada, nossa Van e, por fim, recipientes vazios com capacidade de 1.000 litros. Em termos de pessoal, fomos em dois funcionários, contratamos carregadores e mais os funcionários do IFSM. A previsão era de dois dias em duas viagens.

Depois de um bom tempo tentando fazer Lulu entender o desfecho, acertamos a data e horário. Enfim, o plano saiu da teoria e foi para o que a prática nos aguardava. Bom, teoria é teoria e prática é prática, e todos tivemos que pôr a mão na massa, ou melhor, na cachaça. Começamos bombeando os galões para os recipientes vazios em cima do caminhão, mas estava lento demais e logo mais uma equipe se direcionou a cidade de Guaranésia para alugar outras bombas, tendo que tirar dinheiro do próprio bolso, dar garantias e, ainda, ficar na esperança da administração reembolsar. Caso contrário, a operação seria inviabilizada, por dobrar a estimativa de dois dias. Com o acréscimo da outra bomba, e todos se ajudando, cumprimos a meta do primeiro dia. Durante o almoço, um colega foi até a cidade novamente e comprou marmitex para todos. Segundo dia: todos de volta e já com certo know-how, os trabalhos se adiantaram e conseguimos, até com alguma folga, cumprir tudo em meio período. Logo após, o funcionário mais desinibido da turma do IF recebeu convite da caseira do sítio para fazer almoço para eles, mediante pagamento do valor correspondente ao oferecido na cidade. Consultaram-me se interessava, e como éramos em dois da RFB verifiquei com meu parceiro, que bem tímido



e com receio não aceitou. Assim, em solidariedade, também recusei. Por volta da hora do almoço, encerramos todo o transbordo das bebidas e nos separamos. Uma turma foi para a casa, enquanto seguiríamos para a cidade, a fim de comer em um restaurante. Entretanto, precisei retornar para dar um recado. Cheguei na janela do modesto e gostoso casebre e senti um cheiro de frango caipira que me fez arrepender e, sem pensar duas vezes, tive que perguntar se cabia mais um. Fui prontamente atendido. Então corri para dar o recado para meu colega e expliquei que havia mudado os planos. Voltei depressa e pude saborear o segundo melhor frango caipira da minha vida, com direito a repetir. O primeiro é da minha querida mãe e ponto final. Todos muitíssimos bem alimentados retornamos para o depósito para descarregar os dois veículos novamente. Com acessos planejados e equipamentos adequados, encerramos a primeira parte ainda de dia, diferentemente do anterior que chegamos já anoitecendo.

Com a bebida em guarda, a equipe responsável procedeu a Autuação, com todo o rito até a Decretação do Perdimento, em passos rápidos para não perder tempo. De modo que, no início deste ano, coincidindo com a terrível pandemia da covid-19, novamente a união dos órgãos viram aquela apreensão como um paliativo extremamente necessário, em face da escassez de Álcool gel no mercado. Inicialmente, o objetivo era utilizar os produtos apreendidos para a produção de álcool comercial e, também, em etanol. Porém, devido às circunstâncias da covid-19, esse projeto se modificou para outro, que teve como objetivo transformar em álcool gel e líquido 70%, e que se concretizou, nas mãos de pessoas competentes. Feito os protocolos e juntada de documentos necessários, fizemos a destinação de todo estoque de bebidas em tempo recorde com a entrega e produção imediata.

O terror desse vírus e a dificuldade de vários órgãos e entidades demonstraram que o trabalho foi oportuno, para não dizer feliz, e a



demanda não parava. Entretanto, logo surgiram outros problemas, tais como embalagens e outros subprodutos. Sem perder tempo, baixei todo estoque nacional e fui a procura dos itens, conseguindo encontrar, em Viracopos, uma boa quantidade de garrafinhas, que foram perfeitas para acondicionar o álcool em gel. Após contatos com outras regiões, conseguimos mais uma grande quantidade de bebidas no Rio de Janeiro. Contatos feitos e novos problemas: o frete se tornaria inviável. Mas quem está na chuva é para se molhar e não perder oportunidades. Naquela noite ao assistir aos noticiários, que só falavam da pandemia, passou uma fala do nosso presidente colocando as forças armadas na luta contra o vírus. De imediato, veio a ideia de eles realizarem este transporte. Fui correndo para o delegado, de Poços de Caldas, passando a sugestão. Este, mais rápido ainda, contatou a turma do RJ e a primeira notícia do dia seguinte era o acerto com a Marinha do Brasil. Como é bom ver esta turma engajada e resolvida. Resultado: em pleno feriado da sexta-feira da Paixão, dia de se reservar às orações, lá estava eu recebendo a segunda carga, operando as empilhadeiras, conferindo carga e feliz por ajudar nesta difícil missão. Em retribuição, o IFSM já havia disponibilizado um lote de álcool gel e líquido 70% para unidades da RFB e marinha no RJ.

Tivemos, ainda, uma terceira e quarta carga, já neste segundo semestre do ano, vindo do Espírito Santo e novamente Rio de Janeiro. Ao todo, foram doados mais de 60 mil litros de bebidas e perfumes que beneficiaram mais de 200 instituições públicas e privadas em 61 municípios. Cooperativas de reciclados também foram beneficiados com as embalagens vazias, terminando o ciclo com 100% de aproveitamento de todo material apreendido e doado, fazendo valer a pena todo o trabalho envolvido nessa parceria com o IFSM e na operação realizada em conjunto.



Ponto de Atendimento Individual (PAV) - Surge um novo canal de atendimento presencial em tempos de pandemia

Eduardo Antônio Costa

Auditor-Fiscal da RFB-DRF/Varginha-MG

Evaldo Macedo, Rafael de Souza Silveira e Sérgio Antônio da Silva
Coautores

Tomou posse em 13/01/2003 na fiscalização do INSS, transformada em Receita Previdenciária e em 02/05/2007 unificada com a SRF em Receita Federal do Brasil- RFB. Iniciou atividades na fiscalização externa em 2003 na Regional de Ijuí-RS (atualmente DRF/Santo Ângelo). No final de 2004, ocupou a chefia de fiscalização na DRF-P/Poços de Caldas. Na DRF/Varginha assumiu de 2005 a 2016 a chefia de equipe fiscal. Em 2016, a chefia de fiscalização e desde fevereiro de 2017 ocupa a função de Delegado Adjunto.

Em dezembro de 2019, durante um almoço no restaurante da ASSEFAZ, no 12º andar do prédio do Ministério da Fazenda em Belo Horizonte/MG, no intervalo de uma reunião de Delegados, em conversa com a chefe da DIVIC06, fomos informados que a Procuradoria da Fazenda Nacional (PFN) tinha aprovado a Minuta do Acordo de Cooperação do Projeto Ponto de Atendimento Virtual (PAV). Esse projeto estava sendo conduzido pela DIVIC06 e tinha como objetivo a parceria da RFB com os municípios, de modo a evitar o deslocamento dos cidadãos dos municípios até a Unidade de Atendimento da RFB.

Para facilitar o entendimento da narrativa, o Ponto de Atendimento Virtual (PAV) é um novo canal de atendimento presencial, acessível a todos os cidadãos. Surgiu a partir da necessidade de aumentar a rede de atendimento da RFB sem a utilização de uma estrutura formal, facilitando a vida dos cidadãos na medida em que não precisassem se



deslocar de seu município de origem até a Unidade de Atendimento da RFB mais próxima. Consiste em um espaço estruturado pelo município parceiro para prestação de serviços da RFB. Através da assinatura de um Acordo de Cooperação, os municípios oferecem acesso a esses serviços, seja auxiliando no atendimento direto, através do site, seja formalizando a demanda do cidadão por meio de protocolo padronizado e encaminhando-a por processo digital, através do Portal e-CAC, para uma Equipe de Retaguarda da RFB responsável pela análise e operacionalização. O resultado da análise desses serviços retorna a esses mesmos servidores do município para que deem ciência ao cidadão. O município parceiro arca com baixos custos para implementação do espaço, cabendo à RFB, além da operacionalização dos serviços, a capacitação dos servidores e a supervisão técnica dos procedimentos.

Naquele almoço, informamos à chefe da DIVIC06 que a DRF Varginha estava planejando a parceria inicial com no mínimo 16 municípios no primeiro semestre de 2020.

Chegando à DRF, já começamos a traçar as estratégias de atuação. Classificamos os municípios por porte, população, volume de atendimentos e distância das Unidades de Atendimento. Com base nesses critérios, identificamos 21 municípios com potencial de implantação do PAV.

Antes de iniciar as reuniões com os municípios, realizamos uma visita, no dia 20 de fevereiro, à DRF Sete Lagoas para conversarmos com o Delegado e o chefe do CAC sobre o funcionamento dos 2 PAV lá existentes. O objetivo era conhecer a parte operacional, desde o protocolo dos serviços no PAV até o atendimento da demanda no CAC.

A programação era iniciar as reuniões com os 21 municípios selecionados no início de março para, em seguida, assinar o Acordo de Cooperação, visando o imediato funcionamento do PAV nesses municípios. As reuniões seriam personalizadas, obedecendo as características e realidades diferentes de cada município.



Conseguimos realizar, no início de março, reuniões presenciais na sede de 4 Agências, contemplando apenas 8 municípios.

No dia 11 de março de 2020, todos nós fomos surpreendidos pela decretação da pandemia de covid-19 pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Em seguida, fomos orientados pelo Ministro da Saúde a permanecermos em isolamento social em nossas residências por um prazo, em tese, indeterminado, a fim de evitar a superlotação dos hospitais, reduzindo a chance de ocorrer o caos na saúde pública e privada do Brasil.

Naquele momento, tivemos que suspender completamente as tratativas com os municípios. Os servidores da RFB aderiram rapidamente ao home office, levando os equipamentos de trabalho (computadores e acessórios) para suas respectivas residências. As viagens foram suspensas. Não se vislumbrava, naquele momento, alternativas para a continuidade do Projeto de implantação dos PAV.

Nos 30 dias seguintes, ficamos nos adaptando à nova realidade. Nossas reuniões internas estavam sendo realizadas, desde 22 de março, através de uma nova ferramenta tecnológica adquirida pela RFB, uma plataforma de comunicação e colaboração. Essa ferramenta supriu completamente nossas tradicionais videoconferências, trazendo facilidades antes nunca vistas em nosso ambiente de trabalho.

Enquanto isso, diversas filas eram formadas nas Unidades de Atendimento da RFB, em que cidadãos hipossuficientes buscavam a regularização de seus CPF para receber o Auxílio Emergencial, aprovado pelo Governo Federal. Percebemos que, naquele ponto, era necessária uma rápida adaptação e reorganização de todo o corpo funcional do nosso projeto, pois precisávamos superar as dificuldades, enfrentar os problemas e gerar soluções imediatas. Todos os servidores tinham que contribuir. Era o momento de mostrarmos nossa relevância para a sociedade.



Fizemos uma reunião no dia 17 de abril e a mensagem foi direta. O PAV era precisamente a alternativa de atendimento presencial propícia para o período da pandemia, seja no período da crise, seja no período pós-crise, pois evitaria o deslocamento dos cidadãos de seus municípios. Justamente naquele instante, alguns municípios tinham fechado suas entradas, com o objetivo de evitar o fluxo de pessoas, minimizando a propagação do vírus. Tínhamos que, urgentemente, criar condições para que aqueles cidadãos tivessem acesso aos serviços da RFB sem ter que se deslocar até a Unidade de Atendimento.

Naquela reunião, também reforçamos os objetivos do PAV: promover a inclusão da população menos favorecida e sem acesso aos serviços disponibilizados no site da RFB; proporcionar economia de tempo e de recurso dos cidadãos que residem em municípios desprovidos de unidade de atendimento da RFB, evitando deslocamentos desnecessários; proporcionar atendimento célere e seguro, através da utilização de servidores do município parceiro, devidamente capacitados; reduzir o fluxo de contribuintes nas unidades de atendimento presencial da RFB, aumentando a disponibilidade de senhas aos que encontram nesse meio sua única forma de atendimento; aumento na capilaridade da rede de atendimento da RFB; melhor aproveitamento dos servidores da RFB, com a estruturação adequada das Equipes de Retaguarda e das Equipes de Atendimento Presencial; proporcionar atendimento diferenciado para a população, promovendo acesso facilitado aos serviços da RFB e promover a Cidadania Fiscal.

Nossa reunião enfatizou principalmente a função social do PAV, na medida em que elimina os custos de deslocamento dos cidadãos, principalmente da população local desassistida dos serviços presenciais da RFB, população com analfabetismo digital, contadores e advogados locais que precisam interagir com a RFB e empresas locais em suas demandas necessárias no atendimento presencial. Estaria otimizando recursos federais e municipais, na medida em que o município utilizaria os mesmos



servidores públicos municipais disponíveis na prefeitura municipal na orientação e recepção dos documentos, nos termos do Acordo de Cooperação.

Aquele era o momento de agir em benefício da sociedade. A população esperava nossa ação imediata. Aquelas pessoas nas filas das Unidades de Atendimento da RFB, buscando regularizar o CPF para receber o Auxílio Emergencial, eram justamente os que mais necessitavam de um PAV em seus municípios. Eram os hipossuficientes e os não incluídos digitalmente, vivendo em uma realidade com pouca ou nenhuma alfabetização digital, residindo em cidades distantes. Pessoas que realizam viagens longas e perdem dias de trabalho para ter acesso aos serviços públicos. A pergunta principal da reunião era como realizar a parte burocrática, ou seja, a continuidade das tratativas com os 8 municípios já iniciados e com os outros 13 municípios, além da capacitação dos servidores públicos municipais para atenderem no PAV de seu município.

A solução encontrada foi a utilização da ferramenta tecnológica de comunicação adotada, aquela que estávamos utilizando nos últimos dias em nossas reuniões internas. Os integrantes do Projeto ficaram surpresos e desconfiados, mas sabiam que algo tinha que ser realizado imediatamente. A RFB tinha que mostrar sua importância e relevância para a sociedade. Não podíamos ficar estáticos naquele momento em que filas enormes eram formadas nas Unidades de Atendimento da RFB.

Retornamos às reuniões com os municípios e para nossa surpresa a aceitação dos prefeitos foi satisfatória e imediata. A plataforma de comunicação virtual tornou-se uma aliada. Permitiu reuniões sem custo com diárias e combustível, otimizando também o nosso tempo de trabalho. Conseguimos realizar todos as reuniões com os prefeitos e os treinamentos com os servidores municipais em um tempo recorde. Tínhamos urgência em função da pandemia e da restrição do período eleitoral. O prazo era até 3 de julho para assinatura do Acordo de Cooperação com os municípios selecionados.



Conseguimos finalmente, em 2 de julho, implantar PAV em 21 municípios. Significava que os cidadãos daqueles municípios não precisariam mais sair de seus municípios para realizarem os serviços da RFB. Bastava se dirigir até a sede da Prefeitura Municipal de seu município para receber orientação e, se necessário, protocolizar o serviço.

Com a prorrogação das eleições para 15 de novembro surgiu a oportunidade de expansão do projeto. O novo período de vedação para assinatura de Acordo de Cooperação com os municípios foi prorrogado para 14 de agosto.

Reunimos novamente a Equipe de implantação do Projeto PAV na DRF e, considerando o sucesso na implantação dos 21 PAV e a grande aceitação da população do sul de Minas, resolvemos ampliar o projeto e iniciar as tratativas com mais 10 municípios, obedecidos os critérios de seleção citados anteriormente.

Foi, outra vez, um sucesso. Novos Acordos de Cooperação foram assinados e assim, em 13 de agosto, foram implantados PAV em mais 10 municípios. Atualmente, a DRF Varginha possui 36 PAV em efetivo funcionamento, sendo 21 inaugurados em 2 de julho, 10 inaugurados em 13 de agosto e 5 oriundos da ex-DRF Poços de Caldas.

O alcance do atendimento presencial das Unidades de Atendimento e dos PAV da DRF Varginha atinge 70% da população (2 milhões de habitantes) dos 158 municípios do sul de Minas (2,9 milhões de habitantes).

Com a implementação dos 36 PAV, a população do sul de Minas viu a rede de atendimento da RFB subir de 11 unidades para 47, crescendo 327%, beneficiando cidadãos de localidades muito distantes de uma unidade formal de atendimento da RFB. Por outro lado, as 11 unidades de atendimento presencial da DRF passaram a representar 23% do total de



sua rede de atendimento disponível ao cidadão, enquanto os 36 PAV já representam 77%. Se considerada a jurisdição das Unidades de Atendimento, algumas delas chegam a atingir 85% da população beneficiada com atendimento presencial em sua cidade de origem, sem que o cidadão tenha que deslocar até outro município para ser atendido.

Considerando que a pandemia continua em pleno crescimento, tornou-se necessário planejar, para o período posterior às eleições, a expansão ainda maior do projeto de implantação dos PAV. Espera-se um aumento da presença da RFB nos municípios do sul de Minas, podendo chegar até sua totalidade. Dessa forma, a RFB poderá oferecer seus serviços a todos os cidadãos de maneira rápida, barata e cômoda. Espera-se a satisfação de toda a população, bem como a aproximação da RFB ao cidadão, interação com os diversos entes públicos, cumprimento do papel social de órgão de Estado, promovendo a cidadania fiscal e facilitando o cumprimento das obrigações tributárias com a inclusão de todos. Espera-se, também, a maximização da utilização da mão de obra tanto do município quanto do atendimento da RFB.

Em uma visão sistêmica, podemos dimensionar a importância social, econômica, financeira e estrutural do projeto. A implantação acelerada, padronizada e sem discricionariedade foi possível também devido ao interesse dos mandatários municipais em propiciar comodidade e eliminação de custos para o cidadão.

A pandemia surgiu inicialmente como um obstáculo na implantação dos PAV e logo se transformou em uma aliada, justificando ainda mais os objetivos do projeto. Percebemos como a inovação, aliada à capacitação e, principalmente, à participação de todos, geraram uma simplificação no trabalho, tornando o serviço célere e de qualidade, atingindo resultados positivos. O PAV, aliado ao uso da tecnologia, evitou desperdícios de força de trabalho, de tempo e de materiais.



O PAV se apresenta como um importante canal de atendimento, acessível a todos os cidadãos, quando consideramos o Brasil como um país com muitas diferenças e discrepâncias, o que nos move a procurar alternativas para que todos, sem qualquer distinção, tenham acesso aos serviços públicos de qualidade prestados à população.

Para finalizar, o PAV, além de sua importância social na pandemia, inaugura um novo canal de atendimento e se apresenta como uma alternativa de atendimento presencial sem custo e sem estrutura formal da RFB, que pela sua simplicidade, segurança, eficiência e baixo investimento, pode ser até mesmo replicado em todas as Regiões Fiscais. Permite a presença da RFB em todos os municípios do Brasil, atendendo de perto o cidadão, mesmo sem uma unidade formal de atendimento da RFB. Boas práticas de gestão, melhoria nos processos de trabalho e dos serviços prestados ao contribuinte são implementadas. Promove-se o aumento da satisfação da população, a racionalização da utilização da mão de obra disponível, a otimização dos processos de trabalho, a agilidade nos tempos de resposta e, finalmente, o cumprimento dos objetivos institucionais da RFB.

A facilidade e eficiência do projeto permitem um melhor aproveitamento dos recursos públicos federais e municipais, tornando possível atender o cidadão em qualquer município brasileiro.



Quarto 16

Francisco Marlon Morais Belem

Assistente Técnico-Administrativo-DRF/JNE/Fortaleza-CE

Atua no atendimento ao público no posto de atendimento da Receita Federal em Brajo Santo – Ceará. Ingressou na Receita em 25/02/2015. Desempenha a atividade de atendimento ao público e atualmente desempenha a função de chefe do posto de atendimento.

Era um dia lindo aquele, o céu azul, aeroporto movimentado, poucas máscaras nos rostos, era março de 2020, parecia que o carnaval ainda nem tinha acabado. Voiei de Juazeiro do Norte - CE com destino a Roraima, para cidade de Pacaraima, fronteira com a Venezuela. Havia sido aceito para participar do Projeto Acolhida para recepcionar os cidadãos venezuelanos no processo de refúgio em que passavam e formalizar suas condições fiscais no Brasil. Desafiador! Não era um atendimento normal! O número de pessoas para serem atendidas quase sempre assustava ao olhar! Durante o mês de março, foi muita correria e muita apreensão. O mito, até o momento, como era chamado o coronavírus por lá, não havia pisado em solo pacaraimense. Porém, como num piscar de olhos, ele havia nos procurado e nessa onda eu fui atingido. Foram sintomas e mais sintomas, cada dia sentindo algo novo e estranho. No segundo dia de sintomas, procurado o serviço médico, logo fui destacado ao isolamento. Digo eu que aí começa essa história.



Histórias de Trabalho da
Receita Federal do Brasil

Logo fui para aquele quarto, sim o 16. O hotel tinha me colocado, quando eu me hospedei, antes da covid, justamente num quarto centralizado num pavimento inteiro. Eram 18h do sábado, dia 04/04/2020. Tranquei-me naquele lugar. Sem dinheiro em mãos, com 1,5 litro de água e uma fome de morrer, pois telentrega não chega lá. Garganta doendo e dor no corpo tinha para dar e vender, mas não queria ser irresponsável com todos daquela cidade. A partir daquela noite, não saí mais do 16 e, naquela noite, a covid se alimentou da minha fome.

Passada aquela noite, os demais sintomas não se atrasaram, tive tudo que a doença poderia dar. Era o terceiro dia dos sintomas e estava eu e o quarto 16 a pelejar contra aquela doença. Nunca esquecerei o que senti lá. A dor no peito era perturbadora, não aguentava mais olhar para as paredes nem pro teto, mas, até então, estava dando para aguentar. Comuniquei ao hotel sobre meu caso e logo isolaram todo o pavilhão que eu estava. Aí já não era mais eu e o 16, mas eu e todo o prédio. Nunca me senti tão isolado. No quinto dia dos sintomas, o indesejado se achegou: a falta de ar. Insistia, esforçava, mas o ar não queria me nutrir. Estranho e assombrador. Pensava eu, naquele quarto, como seria o dia seguinte, já que na televisão só se via o número de mortos crescer exponencialmente. Tamanha era minha agonia que no ápice da crise cheguei a ficar desmaiado por uma hora e meia no chão do banheiro do quarto, a falta de ar era preocupante. Ao acordar às 03h30min da madrugada, percebi que não tinha mais um amanhã para mim. Não conseguia respirar por nada. Restou-me a oração! Sabia que não passaria daquela noite! (Dramático? Talvez, mas foi o que pensei.) Distante da família, pensava em nunca mais ver minha filhinha de 3 aninhos e minha esposa. Resisti aos ocorridos, mas foram muitos os desafios! Mesmo tendo sido levado para o hospital municipal no pós-desmaio, o médico de plantão insistia em me expulsar da emergência por pretexto de que eu estava contaminando todo o ambiente. Tive que retornar 4km a pé, sem ar, com febre de 39, dor no corpo, até o meu amigo quarto 16. Não foi fácil, para solucionar o problema da água,



pedi à recepcionista do hotel para comprar 4 fardos de água mineral (36 garrafas de água de 2L). Bebia, em média, 6 litros por dia. A alimentação era trazida até a entrada do corredor do pavilhão diariamente. Dou graças a minhas amigas (Débora e Valéria), servidoras da Receita que também estavam no projeto comigo. Pessoas especiais apareceram nos momentos mais importantes. Longos 15 dias naquele quarto. O 16 parecia já da família! Confesso que, desde lá, ainda tenho problemas para assistir a jornais! Quando falavam em número de mortos, desligava logo a TV, pois não via a hora de acabar aquela loucura e voltar logo para casa. Mas não foi como esperado, lembro que ao me libertar do 16, logo no primeiro dia, após minha alforria da covid-19, fui dar uma corrida, claro que não consegui, né? Tive que caminhar. Continuei os trabalhos no Projeto Acolhida por mais uma semana, após a cura da covid, atendendo à população indígena e aos venezuelanos que já se encontravam em solo nacional antes do fechamento da fronteira. Retornando para casa, dois meses após a minha saída, foi marcante demais as lágrimas de felicidade ao reencontrar minha família. Agradeço a todos que me auxiliaram nesta história de vida, em especial a: Débora, Valéria e Luzineide, colegas do projeto; Elise e Vânia, amigas do espaço da Fala; Marcos Alexandre, Delegado DRF-JNE-CE; João Batista, Superintendente da 3ª RF; Lúcia, Coordenadora do projeto Acolhida. Sou feliz demais por ter vivido e fazer parte desta instituição que tanto me apoiou! Vi e vivi a realidade de que a Receita Federal é, de fato, as maravilhosas pessoas que a compõem! Abraço a todos! E sigamos rumo a novas histórias.



***Sapol, durante a pandemia, sempre presente,
até na ausência!***

João Batista da Silva Machado

Assistente Técnico-Administrativo-DRF/Boa Vista-RR

Trabalha na Sapol, na DRF Boa Vista-Roraima. Ingressou na Receita Federal em 19 de junho de 2015.

Durante o surto de covid-19, fiquei na Delegacia para cumprir as obrigações que me chamam e me seguram naquele local.

No entanto, os colegas que foram realizar seus trabalhos em casa, todos eles, sem exceção, prestaram o maior apoio e foram, como sempre, muito prestativos, leais e fidelíssimos colegas de trabalho, dos quais eu nada tenho a reclamar. Sempre prontos a atender os apelos, incansáveis em seu mister, despachados em seus compromissos, ativos na labuta diária, ágeis nas atribuições a eles confiadas, audazes nas pesquisas, aviados no encaminhamento dos processos, desembaraçados nas tarefas diárias e valentes no trato com a coisa pública, além de capazes, inteligentes, honestos, diligentes, expeditos, destros, hábeis e jeitosos.

Já a chefia é algo à parte: equânimes ao distribuírem tarefas, temperados, constantes, calmos, com voz melíflua e educada, grandiosamente sóbrios, imaculados, tranquilos, confiáveis, imparciais no



juízo, harmoniosos, pacíficos, humildes. Honoráveis irmãos da luz, respeitados pais da coragem, grandes lutadores.

São sofredores, são benignos; não são invejosos; não tratam com levandade, não se ensoberbecem. Não se portam com indecência, não buscam os seus interesses, não se irritam, não suspeitam mal. Não folgam com a injustiça, mas folgam com a verdade. Tudo sofrem, tudo creem, tudo esperam, tudo suportam. Nunca falham! Enfim, são a própria definição do amor, que o Apóstolo Paulo tão bem explanou em uma de suas cartas.

Ao sujeitar este pequeno e simplório texto a um colega, lançou-me em rosto, como um tiro de canhão de água, o seguinte desafio: “não há defeitos! Desafio-te a encontrar defeitos neste ambiente de trabalho”!

Confesso que não foi difícil encontrar defeitos no meu local de trabalho. Senhoras e senhores, leitores dinâmicos ou concentrados, concordes ou discordantes, incrédulos ou crentes, felizes ou nem tanto (imaginem o rufar de muitas tarolas quase ensurdecedoras):

Este setor roubou arrebatadamente meu pobre e nobre coração. Além disso, como se não bastasse, deixará muitas saudades depois que eu for chamado para outra missão, seja onde for. Isso porque a Seção de Programação e Logística, a SAPOL, é sempre presente, até na ausência.



Saudade do futuro

Antônio Henrique Lindemberg Baltazar

Auditor-Fiscal da RFB-Copav/Brasília-DF

Ingressou na Receita Federal em 2004. Atualmente, ocupa o cargo de Coordenador-Geral de Planejamento, Organização e Avaliação Institucional (Copav), já tendo ocupado os cargos de Coordenador-Geral de Atendimento e Educação Fiscal (Cogea) e de Superintendente Regional da Receita Federal na 1ª Região Fiscal.

Seis horas da manhã. O sol desponta no horizonte, iluminando o céu azul de inverno. Um inverno atípico, mistura de ansiedade e esperança. Olho para as primeiras aves a surgirem no multicolorido céu de Brasília e tudo parece normal. Olho para a rua deserta, e tenho a certeza de que nada está normal.

Ligo o computador. Sou idôneo a trabalhar com as primeiras luzes. É julho, a florada da mangueira cheira à infância.

Oito horas da manhã. Acordo minha pequena filha com o beijo de todo dia. Olho para o rosto infantil e vejo a felicidade acordar nos olhos dos que vivem a construir um sonho de amor. Para ela, o coronavírus é apenas um ser invisível que a impede de ir brincar no parque infantil que desponta na esquina de nossa casa. Chateada, apesar de ter apenas três anos, não reclama, pois entende que ao cuidar de si, cuida de toda a humanidade.



Retorno para o computador e começo a responder os primeiros dos muitos e-mails que estão a esperar alguma resposta.

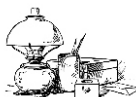
Dez horas da manhã. Olho para o jatobá que cresce em meu quintal, árvore típica do cerrado, famosa por curar variadas doenças físicas. Busco, pacientemente, manter-me forte fisicamente e espiritualmente. Recordo-me de uma frase comum em meus tempos no Exército: A palavra convence, mas o exemplo arrasta. Busco ser o exemplo para o pequeno ser que inicia sua caminhada no mundo.

Hora de iniciar a primeira das reuniões virtuais agendadas para hoje. A distância nos separa, mas pela tela do computador, posso sentir o sorriso do encontro. Os olhos brilham!

Meio-dia. Levanto-me de minha mesa de trabalho e inicio o preparo do almoço. A comida, toda concebida no final de semana, é retirada do congelador e esquentada. Nestes tempos árdios, o terno ritual de cozinhar é deslembrado. Chamo todos para sentarmos-nos juntos à mesa. Hábito ensinado por meus pais, que me faz rememorar-los e alargar a saudade que sinto.

Retorno para as reuniões, que se ampliaram neste tempo de crise sanitária. Olho para trás, nos tempos das reuniões presenciais, e vejo como as ferramentas tecnológicas permitiram a melhoria da comunicação corporativa. Os momentos de crise exigem um renovar na vida dos homens. Tento pensar tal qual Churchill que certa vez apontou que o pessimista vê dificuldade em cada oportunidade, e o otimista vê oportunidade em cada dificuldade. Sou um otimista.

Sete horas da noite. Termina a última reunião do dia. Escuto, ao longe, um riso de felicidade. Minha filha sorri, pois sabe que agora é o tempo dela. O tempo do estar, tempo do brincar, tempo do amor.



Fim. Do dia. A música me amplia. Escuto saudade do futuro para dormir. Rios de silenciosa poesia percorrem o dedilhar do bandolim de Hamilton de Holanda. Ao olhar para trás, vejo a felicidade guardada em minha memória. Ao imaginar o futuro, teço o enredo de uma humanidade que constrói os seus caminhos tal como a minha pequena filha faz: distribuindo sorrisos e abraços.



Sem saída: uma situação desesperadora na pandemia

Gilberto de Paula

Analista Tributário da RFB-Derat/Tatuapé-SP

Ingressou na RFB em 20/06/2002 na Derat/São Paulo-SP. Trabalhou na equipe de Parcelamento e CAC - CNPJ. Atualmente trabalha no CAC Tatuapé da Derat/São Paulo, onde atende os contribuintes Pessoa Física e Jurídica.

A estrada é muito comprida
O caminho é sem saída
Curvas enganam o olhar
Não posso ir mais adiante
Não posso voltar atrás
Levei toda minha vida
Nunca saí do lugar (1)

A pandemia da covid-19 afetou profundamente a vida de todos os brasileiros. A Receita Federal, assim como outras instituições, teve que se reestruturar frente a esta situação inesperada e emergencial. Foi determinada a suspensão das ações de cobrança, estabelecidos novos prazos para o pagamento de tributos e a entrega de várias declarações. Foi efetivada a agilização dos controles aduaneiros de medicamentos importados, entre outras medidas. Ou seja, uma série de procedimentos impensáveis em situação normal.

O objetivo dessas medidas era reduzir o impacto da pandemia na economia do país, sendo adotadas também medidas não tributárias como doações de mercadorias apreendidas a hospitais e o trabalho de



Histórias de Trabalho da
Receita Federal do Brasil

servidores em finais de semana, voluntariamente, ajudando a regularizar a situação do cadastro de CPF de muitos contribuintes.

O atendimento ao público teve uma grande restrição, limitando-se presencialmente aos casos urgentes, mesmo porque a maioria dos funcionários tiveram autorização para irem para o trabalho remoto, home office, por fazerem parte do grupo de risco ou por cuidarem de idosos e crianças em idade escolar. Mas o atendimento em muitos casos, como o de regularização do CPF, não pode parar. A procura era tão grande que se formaram filas na porta dos Centros de Atendimento.

Tudo isso ocorreu por causa da quantidade muito grande de beneficiários do Auxílio Emergencial, que foi regulamentado em lei, sendo decidido o valor básico de R\$ 600,00 e ainda R\$ 1.200,00 para mães chefes de família, quem poderia receber eram os beneficiários do bolsa-família, os trabalhadores informais, desempregados, MEIs e contribuintes individuais do INSS, sendo que a solicitação era por meio de aplicativo da Caixa Econômica Federal com um importante pré-requisito: a regularidade cadastral do CPF.

Muitos cidadãos, após tentar efetivar o cadastro para receber o Auxílio Emergencial através do aplicativo sem obter êxito, já se dirigiam ao atendimento presencial. Em nota de esclarecimento de 08/04/2020, a Receita Federal informava que estava havendo um número muito grande de acessos que poderia ser a causa de muitos contribuintes não conseguirem se cadastrar. Procurava também mostrar várias alternativas para regularização do CPF tais como: verificar se era possível regularizar on-line, pelo serviço de Chat-RFB ou por Caixa Corporativa, antes de comparecer aos Centros de Atendimento.

Gostaria de relatar um fato que ocorreu no CAC Tatuapé da Derat na cidade São Paulo. Estávamos em início de maio de 2020, tentando ainda entender o que estava acontecendo num momento em que se registrava



no país números preocupantes de infectados que deveriam ficar em isolamento, doentes hospitalizados e pessoas que vieram a falecer. Esses casos, só foram aumentando, tornando necessário o fechamento de escolas e comércio, adoção da quarentena e uso de máscaras.

Um senhor, por volta de seus 40 anos, que podemos chamar de Aldir, (pois é necessário preservar seus dados pessoais), e que sempre trabalhou, ficou em situação crítica, sem emprego, sem renda e tendo que sustentar esposa e dois filhos. Tentou receber o Auxílio Emergencial e não conseguiu. Depois de ter tentado utilizar o aplicativo sem sucesso, sem entender onde estava o problema, foi ficar na fila enorme que se formou em frente à Caixa Econômica Federal. Também enfrentou fila nos Correios, mas não conseguiu resolver. Saiu sem nada de conclusivo, assim decidiu procurar a Receita Federal indo para o CAC Tatuapé, pois foi informado que tinha muitos problemas com o CPF.

Na própria nota de esclarecimento, a Receita Federal ressalta a necessidade de conferir o nome, a data de nascimento e o CPF em situação “regular”. Não estaria aí o problema. Nem adiantaria se dirigir aos postos de atendimento presencial. Chegando ao CAC, seu caso foi analisado, mas não foi encontrada nenhuma irregularidade em seu cadastro CPF. Foi então que ficou totalmente desorientado com a situação. Ele tinha urgência em resolver o problema, contas a pagar, alimentos faltando em casa.

Para ele, naquela hora, toda a esperança tinha acabado. Deixou o celular e a carteira na recepção dizendo que iria se matar. A porta principal do CAC fica em frente à Avenida Celso Garcia que é muito movimentada, com trânsito intenso e muitos ônibus. Esperou o sinal fechar para os carros e foi para o meio da Avenida, ficando lá esperando com a intenção de ser atropelado e acabar com a vida, pois se sentia desesperado, num labirinto, não via mais como resolver, já tinha tentado todos os caminhos que lhe tinham indicado, chegando àquela situação sem saída.



A descrição desse episódio nos fez lembrar a pequena poesia musicada “Sem saída”, que Adriana Calcanhoto incluiu no seu álbum “Maré”. Falando justamente que não se pode ir adiante, não se pode sair do lugar. Uma situação com a qual muitos brasileiros se depararam, sem recursos financeiros e sem meios adequados para sobreviver, fazendo parecer que a vida perdeu o sentido, e não se acha solução, que se passou o tempo todo rodando sem sair do lugar.

Houve um princípio de tumulto no meio do trânsito, mas as recepcionistas do CAC Tatuapé conseguiram retirar o Sr. Aldir do meio da Avenida, acalmá-lo um pouco, conversar com ele e entender melhor sua situação.

E, neste momento, o César, chefe do CAC, pediu para um funcionário tentar novamente confirmar a situação do seu cadastro CPF, e realmente não tinha nenhum problema. O César teve que ficar uns 30 minutos conversando com ele, enquanto outros funcionários buscavam entrar em contato com alguém da família. Resolveram até fazer uma vaquinha para ajudar e muitos funcionários contribuíram, pois a situação era mesmo trágica. O Sr. Aldir foi ficando mais calmo, e um parente veio acompanhá-lo para casa.

Esta história não tem propriamente um final feliz. Com a dedicação e sensibilidade dos funcionários do CAC, que entenderam que aquela era uma situação excepcional, conseguiram evitar um suicídio, mas o problema da sobrevivência continuou para Aldir. Talvez ele se sentisse mesmo numa situação sem saída, numa longa estrada onde não conseguia sair do lugar.

Passados 5 meses, desse caso, ainda convivemos com muitos problemas. A vida está longe de voltar ao normal. Muitas pessoas não têm como sobreviver adequadamente. Os contaminados já são milhões e grande número de pessoas perderam a vida. Único alento é que a maioria



dos doentes se recupera. Ninguém imaginava que a situação demoraria tanto para se resolver.

Mas ficamos na torcida de que o Aldir tenha conseguido uma saída da situação desesperadora, seja recebendo o Auxílio Emergencial, ou melhor ainda, tendo conseguido um emprego. E ficamos também na esperança de que logo consigamos sair dessa situação. A estrada da luta contra a pandemia está muito comprida, parece que não saímos do lugar. Mas já há sinais de melhoras, temos certeza de que as coisas vão se resolver.

(1) Sem saída Compositores: Augusto Campos / Cid Campos, incluída por Adriana Calcanhoto no seu Álbum Maré de 2008.



Sinistro: encontro com a pessoa intimada no caixão

Maria de Fátima Pestana

Auxiliar Serpro-Digep/SRRF08/São Paulo-SP

Trabalhou na microfilmagem/SRRF08 – Malha DCTF/DRF/São Paulo – Atendimento ao Público, CPF/CNPJ/DCTF, CAC Leste – CAC Luz – CAC e Arrecadação DRF Presidente Prudente – Auxiliar de expediente e Representante de Capacitação DIFIS/SRRF08.

Na DRF de Presidente, trabalhava com CPF em duplicidade e intimava os contribuintes para resolverem as pendências criadas por usarem mais de um número de CPF. Quando uma colega de trabalho, recém aposentada, faleceu e toda a Delegacia foi ao seu velório à noite, uma amiga, também colega, que é muito debochada, solicitou que eu fosse com ela visitar as outras salas de velório (coisa que não gosto de fazer); mas, por insistência, fui e, quando chegamos nas salas, li os nomes constantes nas coroas de flores e aí virei assustada para minha colega debochada.

- Fulana, eu intimei esta mulher hoje!

E ela muito sarrista:

- Acho que ela não vai te atender mais não!



Tudo passa

Imídio de Pina Barros Júnior

Analista Tributário da RFB-Derat/São Paulo-SP

Analista Tributário desde 24/02/2014, atuando na Equipe de Parcelamento Fazendário (Pessoa Jurídica).

Pandemia.

Começo a me acostumar com a (muito estranha) ideia. Não se pode mais sair de casa. Só serviços essenciais funcionam. Até os shoppings fecharam! Algo muito ruim está pelo ar, por culpa de nós mesmos, seres humanos.

"Normal". Nunca as aspas foram empregadas numa palavra com sentido tão alarmante. Em tempos tão desafiadores, temos de tirar do caminho muito mais do que aspas.

Época de *home office*. Sozinho, tenho agora a companhia de familiares, amigos e colegas de trabalho pelas telas de computador e de celular, nos aplicativos de mensagens que se multiplicam na minha estação de trabalho e nas redes sociais.

Saudades das conversas no cafezinho da manhã, das risadas no almoço, das caminhadas pelas ruas vendo gente também em movimento,



de ter pessoas por perto. Por vários dias, não me sinto bem, por conta dessa nostalgia com o tempo de contato humano, de palavras ditas ao vivo, de parentes e amigos que nos fazem escrever histórias ricas de momentos de nossa vida.

E vai-se levando. Colega tem dúvida sobre processo com análise minha. Pergunto para outro como está se cuidando. E as férias, já marcou? Quando será que voltamos? O chefe já teve bebê? O que vem fazendo nas horas livres? A palavra escrita dá o tom na maioria das conversas. Nunca escrevemos tanto. Até que nesse sentido é bom. Escrever faz bem.

Mas não é a mesma coisa. Nem parecemos as mesmas pessoas. Acompanho curso sobre como trabalhar em casa. Me pergunto se vou me virar. O trabalho é complexo, não ter alguém próximo para discutir o trabalho, mostrar telas no computador, apontar soluções nos sistemas torna o caminho ainda mais árduo.

Reunião de equipe. Alguns têm semblante preocupado (minoria), outros estão como sempre; tento disfarçar minha ansiedade. Líderes são bem calmos, o que nos faz ver a situação com olhos menos carregados - quem os tem assim.

Hora de pôr a mão na massa de novo, só que os sistemas andam lentos, todo mundo reclama, mas é tudo novidade, muita gente acessando é isso que dá. Não entra a senha. Meu Deus, será que vou ter de sair para arrumar isso? Entrou! Ufa! Salvo por mais um dia. Mais uma tentativa e o equipamento bloqueia! Vixi, mas agora a luz acabou. Se demorar para voltar, a bateria do notebook não aguenta. Não demora e a luz volta. A bateria aguenta o tranco. Ufa, ufa!

Pois é... a lida profissional diária não se resume mais só à execução do trabalho em si. E tem daqui a pouco *live* sobre um assunto bem interessante..., mas já não lembro qual... nem sei que horas... para falar a verdade, nem sei se é hoje mesmo...



Preciso de suporte. Tiro dúvidas com uma colega da tecnologia, porque tudo está devagar demais. Se não atentar, pode quebrar. Se quebrar, vou ter de sair. Se sair... não, não é hora de sair!

A colega presta atendimento impecável, parece outro equipamento. Decerto tem muita competência naquilo que faz, além de muito solícita e prestativa. Faltava atualizar o antivírus. Puxa, bem que podia ser assim também com esse outro vírus que está à espreita... Chamar um Suporte 0800 para eliminar o coronavírus... que tempo feliz seria...

Tudo isso atrasa a meta diária que estabeleci. Mas me supero e alcanço o resultado. Bem, mais ou menos, pode colocar na conta da colega também, porque o notebook ficou um avião! Consegui até destrinchar aquele processo que o chefe pediu um olhar minucioso, e olha que até que o despacho ficou show, como diria um querido colega de equipe.

Porém, me aguardam também desafios pessoais. Compras *online* do supermercado vêm faltando produtos... preços que aumentam dia a dia... falta gás de cozinha... louças para lavar... cama desarrumada... Mensagens importantes da família naqueles aplicativos. Acabo de ver. Deixei passar algum aniversário, que chato.

Espero que a noite me recarregue, afinal tem aquele seriado me esperando. Antes, pego aquele livro que não leio há muito tempo. Relaxamento. Quem sabe hoje consigo fazer uma meditação, protelada há semanas. Já tenho até aplicativo no celular para fazer exercícios em casa, mas até agora não passei do vídeo de boas-vindas.

Falei que voltaria a escrever, mas por enquanto nada. Nada não, escrevo despachos. Livros se acumulam, mas pelo menos ontem li o prefácio de um - além de uma sentença judicial enorme. Leitura demais, às vezes, cansa também. Nunca me senti assim. Deve ser esse "normal". Prometi fazer um monte de coisas. Mais uma vez muito pouca coisa pude excluir da agenda.



Amanhã é novo dia desse novo normal. Não tão significativo, porque hoje era meu aniversário, meu primeiro numa pandemia. É um dia especial no ano, boa comida à mesa, porém faltaram mais pessoas ao meu lado, mais beijos e abraços, calor humano.

Mas vamos persistir, há gente que passou por grandes tempestades: guerras, fome, acidentes naturais... E tudo passou. Guerras iniciam e acabam. A chuva cai, o sol raia depois.

Isso vai passar. Porque tudo passa. E o que fica? Fica a certeza de que nunca o hoje e o agora foram tão importantes. Mais do que projetos, vamos ter ações. Mais do que ter, priorizemos o ser.

Nossa saúde mental e física agradecerá. A propósito, depois de cinco meses, fui ao médico. Visita que não tinha mais como ser adiada. Ouvido sensível, praticamente surdo, dor intensa. Otite.

Volto bem melhor. Nesses tempos de pandemia, poder ouvir o silêncio é um santo remédio.



Você fala mandarim?

Rosa da Conceição Moreira

Auditora-Fiscal da RFB-Audit/Brasília-DF

Membro titular e presidente da Comissão de Ética da RFB. Ingressou na carreira de auditoria em 02/04/1987. Coordenadora de Planejamento e Execução de Auditoria interna. Coordenadora de Gestão de Riscos. Chefe de Divisão na Corregedoria. Chefe de Divisão de Risco na Audit.

Era 14 de novembro de 2013 e ainda estavam recentes as lembranças dos trabalhos de finalização do Código de Conduta da Receita Federal, quando recebi a mensagem da Coordenadora-Geral de Auditoria Interna (Audit), Suely Gama, sobre a consulta do Secretário da Receita Federal do Brasil na época, Carlos Barreto, a respeito do meu nome para uma missão internacional.

Estava envolvida em tarefas da Divisão de Atendimento aos Órgãos de Controle Externo da Audit, e lembro que o Chefe da Divisão, Érico Bidinotto, ciente da urgência da resposta que eu deveria enviar, de maneira descontraída perguntou-me, você fala mandarim?

Curiosa, perguntei: por quê? Ele falou da mensagem sobre minha indicação para representar a Receita Federal na China! Surpresa, acessei meu correio eletrônico e abri a recente mensagem da Coordenadora-Geral.



Histórias de Trabalho da
Receita Federal do Brasil

Depois de ter lido a mensagem e de ver que o Seminário promovido pela Organização Mundial das Aduanas (OMA) trataria do tema “Integridade Aduaneira e a Declaração de Arusha Revisada”, que o Brasil, a partir da Receita Federal, era convidado de honra, mesmo sem saber detalhes da minha participação no evento, eu concluí que poderia cumprir a incumbência.

Lembro da minha convicção sobre participar do Seminário. Só não lembro do teor exato do que respondi ao meu Chefe imediato. Foi algo parecido com: a maioria das pessoas fora da China não fala mandarim e eu sou uma dessas pessoas.

É claro que minha decisão levou em conta os trabalhos da Comissão de Ética para elaborar a minuta do Código de Conduta da Receita Federal do Brasil. A Declaração de Arusha Revisada, um dos temas do Seminário, foi uma das bases para o nosso Código, uma vez que trata da boa administração e da ética em matéria aduaneira.

Aceitei.

Então, agora só faltava adotar as providências para a viagem, que, na minha perspectiva geográfica, era do outro lado do mundo. O evento ocorreria nos dias 4 e 5 dezembro de 2013.

Eu tinha duas semanas para providenciar à autorização de viagem ao exterior com a devida publicação no Diário Oficial, o passaporte de serviço junto ao Ministério das Relações Exteriores, as passagens aéreas e o material técnico para apresentar no Seminário.

Contei com toda a atenção dos colegas da Coordenação-Geral de Programação e Logística (Copol) e do Secretário-Executivo da Comissão de Ética, na época o colega Adalberto Macedo. No dia 28 de novembro, a autorização de viagem já havia sido publicada e o passaporte estava em minhas mãos.



Descobri que eu tinha que providenciar a passagem aérea uma vez que os organizadores do evento arcariam com os custos. Descobri também que o deslocamento aéreo era em torno de dois dias de viagem.

A hospedagem não seria problema, pois seria no próprio local do evento, a Academia da Alfândega de Xangai ou Shanghai Customs College. Como material técnico, elaborei uma apresentação com partes do Código, sobretudo itens da conduta prevista para quem atua na área aduaneira e, por conta própria, contratei a tradução do nosso Código de Conduta da RFB para o inglês.

Embarquei para Xangai no dia 1º de dezembro. Durante as quase 30 horas de viagem, com uma parada e uma escala, tive muito tempo para rever parte de minha trajetória profissional até aquele momento.

Pensei em como foi importante aproveitar as oportunidades de aprendizado e, realizar, de modo particular, outros cursos relevantes que me colocaram em condição de aceitar a indicação para representar a Receita Federal no evento da OMA.

Cheguei no aeroporto e vi no meio de um grupo de pessoas uma placa com meu nome. Enquanto esperávamos outros participantes, resolvi superar o meu primeiro desafio, comprar um chip pré-pago com internet.

Fui a um balcão de atendimento que identifiquei como venda de chip, e, depois de muito gastar o meu simples inglês, não consegui emendar uma comunicação com a atendente. Voltei desolada para o grupo e falei que não entendia o que ela falava. Para minha sorte, um dos colegas do grupo, o representante do Vietnã, além do inglês, falava mandarim. Ele foi comigo e consegui comprar o chip.

O Seminário foi muito proveitoso, distribuí algumas cópias do nosso Código e entreguei um pendrive para os organizadores do evento com o Código. Voltei com várias informações a respeito das boas práticas sobre a promoção da integridade pública e a prevenção da corrupção.



Apesar de a comunicação entre os participantes ser em inglês e os pronunciamentos serem traduzidos para o inglês, algumas vezes tive que usar a internet para traduzir para o mandarim o que eu precisa comunicar ao pessoal do Shanghai Customs College.

No idioma oficial chinês, o mandarim, aprendi o que entendo ser uma dos termos mais importantes da comunicação humana, a expressão de gratidão: Xiè xiè.

Obrigada!



Poesias Premiadas



Histórias de Trabalho da
Receita Federal do Brasil

— |

| —

— |

| —

Poesias Premiadas

Primeiro Lugar

A escalada da Receita no rastro da PANDEMIA

Gediel Pinheiro de Sousa

Analista Tributário da RFB-DRF/Maceió-AL

Natural de Catolé do Rocha-PB, engenheiro de formação, trabalhou 5 anos como engenheiro civil nos estados de Sergipe, Pernambuco e Bahia em várias cidades. Ingressou na RFB no Porto da Alfândega do Aeroporto de Manaus quando de sua criação. Trabalhou em Manaus durante 18 anos, onde constituiu família e aprendeu muito da cultura manauara. Em 2010, participou de concurso de remoção e foi para Maceió/AL onde está há 10 anos.



Histórias de Trabalho da
Receita Federal do Brasil

— |

| —

— |

| —

A escalada da Receita no rastro da Pandemia

No limiar do Réveillon de 2019,
Como um presságio, um vaticínio,
Daqueles que os videntes costumam predizer,
Algo inopinado à espreita do planeta,
Dava os ares de sua infalível faceta.

A China noticia ao mundo um incômodo incidente,
um fato local, a princípio contornado
pela vigilante e alerta medicina oriental:
a ocorrência de um vírus contagioso,
SARS-CoV-2, covid-19, nome pomposo.

À época, pouco ou nada se conhecia
sobre seus meios de contágio e letalidade
fora da circunscrição da academia.
Era o marco zero de uma nova pandemia,
cujos fatos relevantes, supervenientes
desnudaram a reputação do Ocidente,
destruíram o orgulho de estados nacionais,
que se sentiam imunes e inatingíveis
dentro de seus limites geográficos territoriais.



Dia 10 de janeiro, em tempo recorde,
O genoma do vírus torna-se conhecido.

Dia 11 de março, a OMS declara pandemia,
Estado de emergência torna-se a ordem do dia.

Em 13 de janeiro, o teste de RT-PCR
inicia a contagem do iminente alarido,
dos casos suspeitos e dos corpos caídos.

Dia 23 de março, por motivo de força maior,
por via sinuosa, obtusa, confusa,
fincam-se os pés estrada afora
para uma turbulenta e marcante travessia,
busca pelo clarão da nova aurora, do novo dia.

Na incubadora, a Receita promove a gestação,
mudança de tática, procedimentos, legislação.
Edificam-se os pilares, bases de sustentação.
Mitigam-se velhos hábitos, vício, imperfeição.
Contrariando interesses menores,
constrói-se com o consenso da maioria,
a estrutura basilar da Nova Receita.



Baseada no conceito de uma nova gestão,
nossa casa Fazendária entra em ebulição,
buscando no horizonte novos avanços.

Da efêmera escuridão, surge a claridade.
Do Farol brotam nossos raios de ação.
Um turbilhão de novas ideias da plateia,
consolidadas na interseção do conjunto.

Do processo de filtração dessa magia,
nossa energia concentra-se na essência.
Um novo despertar, uma nova consciência.

A Receita entra em campo com seu arsenal,
capaz de lidar com esse fato inusual.
Pensamento disruptivo, cérebros, tecnologia,
Plano de execução, sugestões do TADAT.

Projetos secundários tornam-se principais,
antecipando os protagonistas do futuro.
Contraparte às vicissitudes presentes,
plantam-se as mudas de novas sementes.
Março, lançamento da pedra fundamental,
como um filme de ficção, uma viagem ao futuro.



Aqui cabe perfeito, uma frase de efeito:
"Como uma onda", do consagrado Lulu Santos
"Nada do que foi será,
de novo do jeito que já foi um dia."
Boa música eterniza-se no tempo,
faz cumprir a jura de seu testamento.
Revisão histórica de cada momento.
Um novo sentido, um novo sentimento.

CACs e Agências literalmente fechados
pela segurança de nossos servidores.
Entram em cena uma gama de novos atores,
extrapolam-se os limites do quadrado,
da caixinha perfeita, zona de conforto,
dos equipados escritórios corporativos.
Com aparato técnico e humano full time,
para as aventuras do homework laboral.

Você e sua estação em uma nova versão,
cercado de ferramentas de comunicação,
criando rotinas, peças da engrenagem,
fugindo dos pensamentos deletérios,
vidas perdidas, má notícia, cemitérios.



O labor, nossa válvula de escape,
distração predileta dos notívagos.

De um passeio pela caótica desordem natural,
nasce uma nova ordem, um novo normal.
Atualização do "Modus Operandi" vigente,
para o contemporâneo tempo presente.
Concentração de investimentos em lógica,
nossa aliada força intangível, tecnológica.

Uma aposta para os novos desafios,
nossa poderosa força de trabalho,
reinventando-se, reclusa, em equipe.

Trabalhar ganha um novo significado:
passatempo, diversão, entretenimento,
uma espécie de hobby, divertimento.

Diante das imprevisibilidades momentâneas,
uma saída pela tangente do lockdown.
Produtividade em escala industrial,
para dar cidadania aos emergenciais,
mobilização nacional sem precedentes.



Mutirão do CPF em pleno feriadão,
no centro, apenas um digno propósito:
Devolver esperança ao enorme batalhão,
trazer à luz a face secreta da opaca legião
de vidas ocultas aos olhos da nação.
Os carentes de cidadania, de ser cidadão.

Semana Santa fervendo de oferta,
cada CPF, um ovo de Páscoa doado,
todos vibrando com espírito renovado.

Primeiro desafio das caixas corporativas:
acolher as milhares de vidas invisíveis
com o talento de nossas mentes criativas.
Partindo do zero absoluto instrumental,
formamos um imenso contingente laboral.

Nossa empatia ancorada no verbo servir,
bússola apontando o norte do novo porvir.
E quanta leitura dinâmica foi necessária
nesse ritmo alucinado de mudança diária.



Quantos e-mails, portarias, instruções,
manuais, notas, passo a passo, discussões.
Em tempo real, nova era da comunicação,
ambiente virtual, nossa sala de reunião.

Quantas inovações em apenas seis meses!
Quantos talentos secretos e discretos,
encobertos pelo manto do anonimato,
escondidos nos CACs e Agências,
foram conhecidos, revelados, descobertos.
Nossa prata da casa fez valer seu valor
e quanto sentimento de pertencimento
dessa massa de cérebros inventiva.

Nossa comissão de frente, nobre comitiva,
desenhando os novos layouts virtuais,
Caixa Corporativa, Fale Conosco, CHAT,
DDA, CHATBOT CPF, Equipes Regionais.
Dia 27 de agosto consolidamos as novas mudanças,
novo regimento recém-publicado,
diretriz da inovadora gestão de resultados.



Planejamento estratégico em construção,
com consulta, debate, pesquisa de opinião.
Entramos com tudo no governo digital,
atendimento presencial tornou-se residual.
Para os reféns do Certificado Digital,
GovBr, CadÚnico, cadastro nacional.

A Receita é órgão de excelência,
deixa pra trás a obsolescência,
implanta protocolos de segurança
para um retorno seguro, moderno e gradual.

"Cuidar do outro" é a frase de efeito atual,
Repercutindo nosso sentimento de irmandade,
Deixaremos o exemplo para a posteridade.

Dois mil e vinte entra para a história
como um ano que jamais será esquecido.
Será assunto de discussões, dissertações,
tema de estudo para as novas gerações.

Para nós, resta o orgulho do protagonismo
de ter vivido esse novo iluminismo.



Segundo Lugar

Novo tempo

Sérgio Roberto Cotrim Guará
Auditor-Fiscal da RFB-DRF/São Luís-MA

Iniciou suas atividades na extinta Receita Previdenciária, como Fiscal de Contribuições Previdenciárias, a partir de outubro de 2006. Com a fusão das Secretarias, foi lotado na Seção de Orientação de Análise Tributária da RFB e posteriormente na Seção de Fiscalização, onde exerceu a chefia. Atualmente, está na Equipe de Gestão do Crédito Tributário e do Direito Creditório 1 – Benefícios Fiscais, da 3ª Região Fiscal.



Histórias de Trabalho da
Receita Federal do Brasil

— |

| —

— |

| —

Novo tempo

O mundo tem seu mistério,
a vida humana sua ilusão.
É uma lição do saltério,
do Eclesiastes a conclusão.

O homem abriga no peito
a pretensão da capacidade
pela razão ou pela força
de dominar a totalidade.

É uma ilusória pretensão
como miragem na estrada.
É o mundo como afirmação
da vontade desajustada.

É babel reconstruída
com mais sede de poder.
Mas essa lida, ensandecida
faz o mundo perecer.

Padece o pobre,
geme a natureza.
A espada indiferente
segue em fortaleza.



Então a criatura
invisível e coroada
em grande insensatez
deu uma forte bordoadada.

O mundo de ponta cabeça
de um lado a outro ficou
a arrogância antes feita
em perplexidade se tornou.

Pois razão é instrumento
na busca por verdade
mas amor é o sentimento
que desvela a realidade.

Espero que novo mundo
surja desse sofrimento.
Novo olhar, novo fazer,
solicitude e entendimento.

Era meados de março
quando o alarme soou
a apreensão na Receita
desde então se instalou.



As máscaras dominaram,
ambientes se esvaziando,
equipamentos retirados,
todos se perguntando:

No meio daquela cena,
com tristeza no olhar,
estamos indo pra casa,
quando vamos voltar?

A agitação do dia a dia,
a convivência elidida,
muitos sonhos adiados,
até logo sem despedida.

E então constatamos
esta insigne verdade:
a grandeza do homem
está na sua fidelidade.

E a de uma Instituição
na firmeza e determinação
de cumprir sua finalidade

Devíamos nos reinventar
no período de isolamento
e desdobrar o potencial
dando a ele refinamento.



As equipes já implantadas
com grande discernimento
teriam um grande teste
durante o confinamento.

Os estádios estavam vazios
e os times quarentemados,
os servidores da Receita
na rede conectados.

Nos mutirões de trabalho
todos firmes engajados.
A colheita abundante
nos mostra os resultados.

Treinamentos e agendas
foram dinamizadas.
As reuniões nacionais
a todos facultadas.

Essa arma milagrosa
de ampliar a integração
foi um marco poderoso
também aqui na região.



Naquela reunião marcante
de avaliações regionais
nosso ânimo foi levantado
e registrado nos anais.

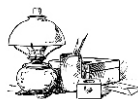
João Batista foi maestro
afinou a apresentação
com Wilmar e Rejane
cada um com seu quinhão.

A orquestra reunida
preparada e envolvida
Ceará, Piauí e Maranhão

Então empunhou a batuta
para os acordes iniciais.
Dos violinos e trompetes
sem esquecer os metais.

A organização em equipes
na 3ª Região gestada
foi estratégica medida
amplamente demonstrada.

Seja na gestão do crédito,
no atendimento da aduana,
na liderança dos delegados,
na malha fiscal que bacana.



A valorização do servidor
na sua integralidade,
no seu direito como pessoa
a uma vida com qualidade.

Oferecendo condição
de aprimorar sua formação
pro exercício da atividade.

O Labin, a cereja do bolo
em criatividade e inovação,
proporcionando ferramentas
que impulsionam a Missão.

A fiscalização desafiada
a ampliar seu horizonte
e com sabedoria e desvelo
enfrentar o seu gigante.

Como um Davi radical
realizar a presença fiscal
de modo novo, impactante.

O cidadão destinatário
de redobrada atenção
nesse tempo de pandemia
não ficou sem prestação.



De serviço de qualidade
muito amplo e pessoal
mesmo pra ter acesso
ao abono emergencial.

A facilitação do comércio,
a cidadania fiscal,
o show do Verçosa
na visão setorial.

Ninguém escapou do Contágil
no último acorde em si bemol
e resplandeceu no horizonte
a estrela guia do farol.

Quando voltaremos?
é uma pergunta renitente.
Eu só sei que estaremos
um passo mais a frente.

Se a crise não procuramos
dela melhor saíamos
e com ânimo diferente.

Vamos em frente Terceira!
Avancemos sem demora,
que este é nosso momento,
que esta é nossa hora.



Que Deus em sua graça
nos dê muita sabedoria
para divisar no horizonte
o alvo que se distancia.

E confiar em sua bondade
no seu amor a humanidade
que ele em Cristo pronuncia.

São Luís, 06/06/2020 (Inspirado na Reunião de Avaliação Regional da 3ª RF, ocorrida em 02/06/20)



Terceiro Lugar

Antes e depois - um novo normal

Moisés Boaventra Hoyos

Analista Tributário da RFB-ALF/Manaus-AM

Ingressou na RFB em 1991. Atuou no controle de bagagem, vigilância aduaneira, despacho, leilão, habilitação e repressão. Atualmente atua na Cidadania Fiscal, Assessoria de Comunicação e Ouvidoria.



Histórias de Trabalho da
Receita Federal do Brasil

— |

| —

— |

| —

Antes e depois - um novo normal

Relógio sempre desperta às 6
Se dormi bem ou mal não interessa
Levanto, tomo banho
Vou na padaria já com pressa

Gosto de café ainda na boca
Início o trajeto para o trabalho
O trânsito já avisa: "não será rápido"
Nem adianta ir por um atalho

Ao chegar na unidade
Muitos "bom dia" e apertos de mãos
Minha mesa é o destino
Mas primeiro meus irmãos

Com token plugado o dia inicia
Notes, Intranet, um alvoroço
Obrigações, reuniões
E na correria adeus almoço

O dia passa, a semana passa, o tempo segue
Assim o relógio da vida mantém constância
Nem a mesma coisa e nem tão diferente
É a vida que segue com certa elegância



Mas veio a pandemia...

O relógio ainda desperta às seis
E continuo indo à padaria
Só que agora usando “máscara”
Senão nem passo da portaria

Ir ao trabalho ficou mais fácil
Com o home office é logo ao lado
Uma dúzia de passos, já cheguei
Sem o trânsito caótico ficou rápido

Minha mesa agora é em casa
Com token plugado o dia inicia
Notes, Intranet, relatórios
E uma tal de VC que também virou pandemia

Alguns permaneceram em seus postos
Merecem aplausos e admiração
Foram e estão sendo corajosos
Mesmo com risco de contaminação

Outros, como eu, em home office
Misturaram tudo, um verdadeiro alvoroço
E não muito diferente de antes
Dessa vez esqueço de fazer o almoço



“bom dia” e conversas agora são virtuais
E com a rede a sinergia aflorou
Não importa onde nem quando
O mundo definitivamente se interligou

A pandemia nos transformou
E a necessidade da distância nos fez repensar
Hoje assistimos a transmissões ao vivo
São as chamadas WEBINAR

Se gosto do novo normal?
Acredito que é questão de aceitar
Saudade do contato mais próximo?
Sim, mas um dia vamos voltar

Infelizmente muitos não viverão o novo normal
Mas aos que viverem deixo uma mensagem
O relógio continua despertando às seis
E para viver cada dia é preciso coragem



— |

| —

— |

| —

Poesias Classificadas



Histórias de Trabalho da
Receita Federal do Brasil

— |

| —

— |

| —

A pandemia na bagagem de Guarulhos

Bárbara Monte Fortunato Luna

Analista Tributária da RFB-ALF/Guarulhos-SP

Graduada em Engenharia Elétrica pela UFPE, servidora ATRFB desde 2013, atuou na área de Atendimento e Educação Fiscal da Derat-SP e atualmente é lotada na Divisão de Conferência de Bagagem do Aeroporto Internacional de Guarulhos-SP.

E mais um dia começava no aeroporto de Guarulhos
Os olhares atentos de antes viam que algo diferente pairava no ar
Às quatro horas da manhã, era possível escutar
No canto, no corredor, em algum lugar
Pouquíssimo burburinho, um silêncio incomum de se encontrar

Estranhavam os ouvidos o barulho que não estava lá
Não havia mais tantas rodinhas dos carrinhos de mala
Tampouco a equipe de prestadores circulava
Sim, alguns poucos trabalhadores era o que se via
Em meio a tantas portas e lojas fechadas pela pandemia



Para os agentes aduaneiros da bagagem na Receita Federal
Foram setenta e duas horas para ver tudo mudar
O intervalo de dias entre o final de um plantão até o outro começar
Encheu-se de alarmes e notícias sobre o coronavírus
Fazendo com que novas rotinas, hábitos e roupas tivéssemos de usar

Chegamos para trabalhar curiosos, preparados, sem saber, ao certo, para
exatamente o quê
Os antigos cumprimentos, abraços, beijos, apertos de mão
Que eram frequentes na troca de equipes, no início de um plantão
Desapareceram, sumiram, foram encaixotados
Por um tempo indeterminado, dentro do coração

Como de costume, olhamos o painel de voos internacionais que chegavam
Pudemos perceber que algo não usual surgia naquele letreiro digital
Eram cancelamentos e mais atrasos do que o normal
A malha aérea não era mais tão previsível e organizada
O mundo se adaptava ao novo planeta com um vírus que a liberdade nos
usurpava

Os documentos com a quantidade de passageiros nos voos
Eram recebidos pelos agentes aduaneiros com crescente surpresa, espanto
Tantas viagens turísticas e sonhos de alcançar além-mar perdiam o encanto
Muito mais pessoas desembarcavam apressadas, assustadas
Regressavam até sem malas



Um sem-número de sentimentos, conquistas, afetos, eram deixados para trás

Não sabíamos direito como entrar nesse novo combate de modo perspicaz

O inimigo era tão pequeno, incolor, inodoro, invisível

Como se proteger do que não se vê?

A angústia que nos enchia de dúvidas era mesmo de doer

E, de repente, todos falavam e gesticulavam a nova sigla: covid-19

Nas fiscalizações das bagagens, ao abrir as malas, o medo se misturava ao dever

Munidos de luvas e máscaras parecíamos, sobre esse vírus, ter algum poder

O que também usávamos para nos defender era intitulado de distanciamento social

Embora fosse aliado, esse elemento furtava de nós o contato físico: um tesouro sem outro igual

Os rostos não eram mais vistos em sua totalidade

Tripulantes, balanceiros, operadores de raios x, vigilantes usavam um acessório da atualidade

Onde estavam as pinturas alegres na cara dos que circulavam para todos os lados?

Dali adiante os sorrisos virariam um mistério e, por bom tempo, seriam guardados

Isso datava meados de março. O mês das águas de Tom Jobim tinha um marco cravado



E, como um divisor de tempos e gerações,
Vivíamos uma nova era: Quem diria o maior aeroporto do Brasil quase sem avião!
O coronavírus ia afastando os colegas do trabalho, desfazendo as equipes de plantão,
Deixando migalhas do convívio,
Mandando os servidores de volta a seus lares. Ao menos, isso era um certo alívio.

As categorias de grupos de risco que dividiam as pessoas apareceram em Portarias,
As atividades desempenhadas remotamente ganhavam espaço dia a dia
E a Alfândega de Guarulhos em que o movimento de voos nos terminais 2 e 3 fervia,
Enfrentava a diminuição drástica de ritmo; o ruído das turbinas diminuía
E, assim, essa tal pandemia ia decantando a inicial agonia.

E o que nos resta fazer depois de tudo ter virado de cabeça para baixo?
Seguir em frente confiante? Depois de tantas perdas mundo afora, como ir adiante?
Bem-vindo ao novo desafio diário: distanciar-se dentro do novo normal
Agora, realizamos a distância encontros, reuniões, celebrações, despedidas,
Viu-se que quase tudo dá para ser virtual.



Tudo, então, encontra um novo jeito de ser, de se mostrar. De fato, vive-se um novo momento.

Na ala de passageiros apenas o terminal 3 está em funcionamento

Os cuidados com a saúde pessoal, profissional, mental tornam-se habituais.

E os apaixonados pelo frisson da aduana descobrem outros rituais

A bagagem, enfim, segue o curso e coleciona as boas lembranças do que não acontece mais.



A contabilidade e a tributação

Giovanni Marcos Firmino de Andrade

Auditor-Fiscal da RFB-DRI/Belo Horizonte-MG

Tomou posse como Fiscal de Contribuições Previdenciárias em 02/01/1998, em Belém-PA. Atuou na Coordenação-Geral de Fiscalização Previdenciária, em Brasília/DF, no período de 1998 a 2003. No período de 2003 a 2007, exerceu suas atribuições em Contagem/MG. Atuou na Corregedoria da RFB, em Belo Horizonte/MG, de 2007 a 2009. Em 2009, foi transferido para a Delegacia de Julgamento em Belo Horizonte/MG, local em que trabalha atualmente.

Durante a epidemia da covid-19
a intranet anunciou uma baita novidade
a Contabilidade e a Tributação
oferecidos como curso de extensão.

Ai que saudades que tenho
dos estudos da graduação
as certezas adquiridas se foram
com o advento da globalização.



Histórias de Trabalho da
Receita Federal do Brasil

Toda a Ciência Contábil mudou
e surgiu uma nova normatização
agora, fiscal, sobre a estrutura conceitual
é o CPC 00 que cuida da elaboração.

DOAR, o dó, não existe mais
se quer saber o que é demonstração
e quais elas são, o CPC 26 é a solução
Posição financeira, Resultado do exercício/abrangente, Fluxos de caixa
Mutações do patrimônio líquido, Notas explicativas e Valor adicionado
houve cuidado com o tema da divulgação.

Para reconhecer o significado de ativo
lembre-se da seguinte expressão:
recurso, controle e futuros benefícios econômicos
é padrão para você não ficar na mão.

Ativo circulante e não circulante
em oposição à antiga classificação
para o imobilizado, depreciação,
no intangível, não se esqueça da amortização.



Se ao final de um período houver a indicação de que o ativo possa ter sofrido desvalorização o seu valor recuperável deve ser objeto de estimativa e o impairment é a regra de aplicação gerada a despesa com redução ou a receita com reversão o Lalur será objeto de adição ou exclusão.

E, agora, estimado leitor
peço licença para me retirar
é hora do teste de retenção
e nota abaixo de 70 me deixará em recuperação.



Aduana não parou - Aeroporto de Guarulhos

Valdiléia dos Reis Castro da Cunha

Analista Tributária da RFB-ALF/Guarulhos-SP

Lotada no Aeroporto de Guarulhos desde 2006, na Equipe de bagagem, fiscalização de voos internacionais.

De repente, todos em casa
Aeroporto de Guarulhos quase parou
Onde estão as pessoas e os voos?
A malha aérea mundial mudou

Viagens, sonhos, projetos
Tudo exigiu ser repensado.
Como enfrentar a pandemia de covid-19?
O mundo todo preocupado

Tantos planos, tantos anseios
Alteração de tantos desígnios
Como pode algo tão pequenino
Sozinho gerar tantos infortúnios?



O aeroporto quase silenciou
Os corredores ficaram vazios
Poucos sons, poucos aviões
Sucessões de extravios

Reprogramação de viagens
Expectativas frustradas
Remarcações e adiamentos
Informações desencontradas

Aeroporto de Guarulhos tão de repente
Parece perder todo seu brilho
Lágrimas e sorrisos, embarques e desembarques
Quando tudo voltará aos trilhos?

Através desse cenário percebemos
O quanto somos frágeis
Impossível não aceitar
Que somos tão vulneráveis

Diante dessa nova realidade
Muitos dos servidores da Receita Federal
Realocados para trabalho remoto
Novas experiências, “novo normal”



Novas plataformas, novas tecnologias
Permitiram que estivéssemos interligados
Servidores em home office, diante de monitores
Realizando inúmeras atividades, sem serem amolgados

Alguns colegas permaneceram no “front”
Recepcionando passageiros vindo de diferentes lugares
Servidores, passageiros, todos se adaptando
A situações inéditas e singulares

Enfrentamos este ano complicado
Sempre prontos a ajudar
Os contribuintes e passageiros
E nossa pátria não colapsar

Tudo nos permite aprender
A amar o outro e valorizar
O estar em família em segurança
As coisas mais simples priorizar

Aprendendo como servidores
E ao mesmo tempo como cidadãos
Aduaneiros a trabalhar pela sociedade
Coadjuvantes em melhorias para a nação



A Receita Federal não parou
Seguimos servindo a sociedade
Aduana com tantas apreensões
Cumprindo sua missão com seriedade

Que este ano tão atípico
Nos permita crescer
Nos tornemos mais humanos
E a solidariedade enaltecer

Tão certo que após a tempestade
Logo chega a bonança
Tenhamos fé, tudo passará
Não percamos a esperança

E ao final dessa batalha
Todos estaremos mais experientes
E teremos aprendido
Que todos somos interdependentes

Tudo voltará ao normal
E sairemos mais sábios
Nesses momentos mais difíceis
Orações saem de muitos lábios



Passageiros, pousos e decolagens
Novos sonhos, novos destinos
Que nos tornemos mais fraternos
Somos todos peregrinos

Novos hábitos, novos sonhos
Viagens e despedidas
E a Vida segue inexorável
Na certeza de bênçãos obtidas

Tudo passará no tempo certo
Estejamos todos preparados
Amemos mais as pessoas
Sejamos todos humanos mais honrados

E quando voltarmos ao trabalho presencial
Certos do bom trabalho realizado
Estaremos todos mais fortalecidos
Garantindo um ofício sempre esmerado

Em tudo há um propósito
Devemos prestar atenção
Observar o que realmente importa
Ouvir mais nosso coração



Neste cenário todos aprenderemos
Que vivemos globalizados
Amar o próximo sem limites
E nossos feitos serão eternizados!

E ao fim de 2020
Quando venhamos a meditar
Possamos ser gratos e solidários
E cada vez mais aptos para amar!



Amor nato

José Cláudio Lessa Santos Júnior

Analista Tributário da RFB-ECOB03RF/Fortaleza-CE

Ingressou na RFB em 05 de fevereiro de 1993. Chefe de setor, Contencioso/Secat/DRF/Fortaleza.

Numa repartição tão grande, como a Receita Federal,
Haver vários tipos de pessoas, isso é muito normal,
Uns mais extrovertidos, outros mais recatados, mas nenhum é igual.

Existem aqueles que chegam anunciando a todos que o Sol está a brilhar,
Existem os que riem, que até querem, mas não se atrevem a falar,
Existem os que chateiam com piadas sem graça a contar;

Com essa pandemia, sem distinção, em casa todos tivemos que ficar,
Temos o home office, trabalho remoto, pois os processos não podem parar,
É um momento difícil para o mundo, mas no fim, vamos superar;



Histórias de Trabalho da
Receita Federal do Brasil

Um beijo na mãe, no pai e no irmão,
Vai ficar para depois, agora não!
Esse afastamento é necessário para nossa proteção;

Nesse período de quarentena e isolamento,
Damos maior ênfase à reflexão e ao pensamento,
Daí percebemos o valor e a importância de cada momento;

As marcas da covid-19 para sempre vão ficar,
Temos fé em Deus que ela vai logo passar,
E suas consequências, para a Vida, temos que levar;

Certamente aprendemos muito com tudo, e isso é um fato,
Relembrar a amor pelos pais, pela família e até pelo amigo chato,
Compartilhar e ajudar o irmão, o resgate do Amor Nato!



Anticorpos da tecnologia e a pandemia

Honorino José Gonçalves

Auditor-Fiscal da RFB-DRF/Joinville-SC

Auditor-Fiscal desde junho de 1995, exerceu as funções de Assistente e de chefe da Seção de Controle e Acompanhamento Tributário. Desde junho de 2014, ocupa o cargo de Delegado da DRF Joinville/SC. Bacharel em Direito e Administração de Empresas. Possui Licenciatura Plena em disciplinas de cursos técnicos profissionalizantes. Pós-Graduação em Direito Tributário e em Engenharia Civil com ênfase em Tecnologia da Construção Civil.

Publicado o decreto

Auxílio emergencial para os que precisam

O povo carente não podia ficar quieto

Os que querem saber do direito agilizam

Pesquisam na internet pelo CPF e pelo nome

Alguns resultados dão inconsistência

Mas muitos querem vencer a fome

E vencem pela persistência



Histórias de Trabalho da
Receita Federal do Brasil

Persistência na busca de saber o que aconteceu
Vão até a Receita Federal para serem atendidos
Dizem: Eu quero o que é meu,
Senão eu e minha família estaremos rendidos

Doutor, me atenda, por favor!
O que eu posso fazer por você, meu amigo?
Meu nome é José Beltrano* e quando coloco lá na internet,
Aparece que não tenho cadastro e me dá um pavor!
Pavor de não receber o auxílio que o governo dá àqueles que estão em perigo
Em perigo de passar fome, de perder a saúde e o vigor

Eu disse: o programa é da Caixa
Mas se for CPF, a Receita vai descobrir o problema
Experimente tirar o acento do José na digitação e veja se encaixa
Nos critérios aceitos pelo sistema
Bingo! Resolvida a questão
Eu tenho direito, diz o cidadão

Chega outra pessoa no atendimento
Moço, preciso regularizar o CPF, como faço?
Quero ter o reconhecimento
Do direito ao meu benefício, pois não sou palhaço!



Que isso, meu senhor
Por favor, acalme-se!
Se tiver direito ao auxílio, será sem rancor
O direito presume-se

Heureca! O nome da mãe Iracema*
Estava errado no banco de dados da Receita
Fugiu a ira, surgiu a gratidão e resolvido o problema
No sistema a correção foi aceita

A pandemia avança, mas os anticorpos da tecnologia também
Surgem os Chats e as caixas corporativas
Outros anticorpos vão além
Aumento de serviços no Portal e-Cac superam as expectativas

O Portal e-Cac está na internet no site da Receita Federal
Nada mal...
Intimações, Malha Fiscal e Situação Fiscal
Vamos lá pessoal!
Sistema Público de Escrituração Digital
Serviços para Pessoa Física
E Serviços para Pessoa Jurídica

Tem mais cidadão:
No Portal e-Cac, com código de acesso ou certificado digital
Você pode parcelar as dívidas com a União
E optar pelo Simples Nacional



Na internet, regularize seu CPF
Isto não é blefe!
Verifique a sua situação
Se não estiver cadastrado, faça a sua inscrição

Das 7h às 19h, atendimento online pelo ChatRFB
São vários serviços disponibilizados
Na internet você vê
Servidores treinados e contextualizados

Um anticorpo tecnológico potente
É o DDA - Dossiê Digital de Atendimento
Procedimento para acolher um requerimento
Para ser analisado pelo setor competente

Por causa da pandemia
O atendimento presencial na Receita está restrito
Não podemos matar o coronavírus no grito
Mas a tecnologia diminui o contato presencial que o pessoal temia

Uma contribuinte chega na Delegacia
Por favor, me atende?
Cadê a sua máscara? Disse para ela na portaria
O marido vira para a mulher e fala: Você nunca aprende!



Ah, anticorpos da tecnologia
A Receita Federal preparada
Para combater essa pandemia
E ajudar a população nessa longa estrada

Quando a pandemia do novo coronavírus cessar
Alguns olharão para trás e trarão à memória
Incrementou-se o atendimento virtual para esse grave período atravessar
E assim a Receita Federal vai fazendo a sua história

*Para preservar a identidade da pessoa o nome citado é fictício, inventado pelo autor.



Contrastes de uma vida inusitada

Luiz Carlos de Araújo

Auditor-Fiscal da RFB-DRF RJ I/Rio de Janeiro-RJ

Ingressou na RFB em 16/07/1999, na Assessoria de Imprensa, em Brasília. Em outubro de 2001 foi transferido para a Dicap, onde foi chefe de julho de 2004 a setembro de 2005. Em setembro de 2006, mudou para o Secat da DRF Manaus, onde foi chefe entre março de 2009 e fevereiro de 2010. Em outubro de 2013, foi para o Cetad. Entre agosto de 2015 e fevereiro de 2019, trabalhou na Ascom, onde foi chefe da Divip desde maio de 2017. De março a setembro de 2019 foi chefe da Sacin RJ. Até maio de 2020 trabalhou no Sejud. Desde junho deste ano na Ecoj 3.

A necessária precaução na pandemia
revolucionou a forma de trabalho.
O rumo traçado pela tecnologia
teve, assim, um inesperado atalho.

Na Receita, trabalhamos a distância.
Pesamos prós e contras na empreitada.
Experimentamos uma nova instância
do fazer e do ser inusitada.

Obtemos mais tempo para a essência.
Sem deslocamentos, há menos cansaço.
Mas exercitamos a paciência,
e a reclusão desata alguns laços.



Histórias de Trabalho da
Receita Federal do Brasil

Nas equipes, olhares também falavam.
Abraços construía entrosamento.
Reuniões informais nos aproximavam.
O fim das festas subtraiu um alento.

O trabalho burocrático dissimula
a ânsia do encontro aprisionada,
enquanto a busca do olhar se anula
e a chance do abraço é adiada.

Na rotina, o conforto do lar apraz.
Meus cachorrinhos a meus pés, minha filha
e minha esposa proporcionam paz.
Desse modo, caminho em afável trilha.

Mas, por vezes, vem o medo da doença,
e o pensamento viaja ao futuro
para encontrar uma força que vença
a angústia e dê lugar seguro.

Pressionado por várias atribuições,
pelo computador, conquisto amigos
que ministram maravilhosas lições.
Então, descubro repentino abrigo.



Encantos da cultura simples e peculiar da Região Norte

Roméria Prissila Mota Silva

Assistente Técnico Administrativa-IRF/Cruzeiro do Sul-AC

Formada em administração, servidora ativa desde 2015, atuando no CAC diretamente e serviços de retaguarda em atendimento de CPF (caixa corporativa regional), atualmente, devido à pandemia.

Entre as selfies seminuas
e histórias comovedoras
Tivemos selfies de bebês fofos
e histórias enganadoras.

Vimos o uso de idosos
em tentativas de falsidades diversas
entre e-mails de agradecimentos.

Nossos esforços primários, frutos de trabalhos intensos e redobrados
trouxeram benefícios a sociedade
Mas também, exposição de situações da população.



Histórias de Trabalho da
Receita Federal do Brasil

Observamos a diversidade regional,
entre suas próprias sub-regiões
Foram aprendizados novos,
nossos olhares ficaram mais atentos.

Quantas lives! Quantas reuniões!
Conquistamos muitos resultados.

Quantas mães solteiras e filhos sem nome de pai,
quantas famílias ainda numerosas (filhos)
Quantas pessoas sem documentos em idade avançada.

Estrangeiros e refugiados também nos buscaram
oportunidades vieram
ampliação de laços de trabalho conquistamos.

E o futuro do trabalho?
Por certo, muito a se pensar,
O futuro pede mais e a pandemia nem acabou
O mundo mudou, temos ainda mais a conquistar.

A mudança surge como oportunidade
Quem sabe o alcance desse serviço público
Seja o início dos novos rumos e de uma nova jornada.



Mudança

João Batista da Silva Machado

Assistente Técnico-Administrativo-DRF/Boa Vista-RR

Trabalha na Sapol, na DRF Boa Vista-Roraima. Ingressou na Receita Federal em 19 de junho de 2015.

Prédio antigo, quantas lutas tu já viste,
Hoje estás velho e triste
Esperando uma reforma.

Prédio antigo, se falásseis tu dirias:
“Fui feliz lá nos meus dias
Em que estava bem em forma”.

A idade veio, sim
Para ti e para mim
É a regra da vida.

Na cidade és bem antigo
Te pareces bem comigo
Muita luta bem vivida.

Delegacia da Receita Federal
Em Boa Vista antes rural
Hoje cidade de porte médio.



Histórias de Trabalho da
Receita Federal do Brasil

Vais sofrer reforma total
E aqui mesmo na capital
Vamos para outro prédio.

Não te direi adeus, prédio antigo,
Hei de voltar, meu abrigo,
Onde a vida se alumia.

Prédio antigo, adeus não te direi
Pois bem breve eu voltarei
Depois da pandemia.

Não te enchas de ciúme vão
Trabalharei em prédio novo, mas não,
Não será o mesmo amor.

De lá eu terei saudades de ti
Eu não te esqueci
E sei que tudo vai se recompor.

Então, estarás jovem novamente
E eu voltarei alegremente
Para trabalhar no prédio reformado.

Eu estarei mais velho e esquecido
Não sou de cimento construído
Mas tenho um agradecido coração.

Muito obrigado, prédio da Delegacia!
Tenhas uma boa “cirurgia”
E eu de ti terei uma ótima recordação.



O herói das águas do Rio Negro

Valdiléia dos Reis Castro da Cunha

Analista Tributária da RFB-ALF/Guarulhos-SP

Lotada no Aeroporto de Guarulhos desde 2006, na Equipe de bagagem, fiscalização de voos internacionais.

Atentem, caríssimos leitores

O que irei lhes contar

É sobre Odin, um dos nossos “k9”

Que drogas está sempre a encontrar

O qual, em cada linhas desses versos

Merece todo nosso prestigiar

Seja em terra, aeroporto ou nas balsas

Odin está sempre atento

A observar diferentes situações

Sondando qualquer comportamento



Seu olhar sempre em prontidão
Certamente atingirá seu intento

Sobre as águas do porto de Manaus
Quando se inicia mais uma operação
Os traficantes já sabem
Que não terão redenção
Pois Odin, grande soldado aduaneiro
Irá desvendar toda ocultação

Quando a caminhar pelo aeroporto
Nosso valente soldado canino
Passos seguros e compenetrado
Com a agilidade de um menino
A procurar algum ilícito
Sem qualquer procrastino

Odin, o herói de Manaus
Todos o conhecem pelo nome
Não precisa de capa voadora
Nem de um sobrenome
Cumpra sua missão com excelência
Não há quem o destrone



É um cão extraordinário
Isso pretendo deixar claro
A sociedade pode ter certeza
De estar sob seu amparo
Tantas drogas encontradas
Nada escapa de seu faro

Tenha certeza “seu meliante”
Sua casa vai cair, sua hora vai chegar
Odin está sempre vigilante
Quando está a trabalhar
Saiba que todo seu mau feito
Não conseguirá de Odin ocultar

Odin, o benfeitor das águas do Rio Negro
A Receita Federal lhe reverencia
E lhe considera um grande tesouro
Sua dedicação a todos contagia
Muito temos que te agradecer
Por toda a sua sinergia



Odin é uma lenda viva
Um cão amado e popular
E este cordel tem a intenção
De em voz alta te homenagear
Saiba que toda a Aduana brasileira te admira
E irá para sempre te amar!



Resiliência social

David Ramos Campos

Auditor-Fiscal da RFB-DRF/Campinas-SP-Aposentado

Aposentado desde 28/02/2020. Ex-servidor do INSS e na Receita Federal desde 2008, analisando processos de restituição.

Rojões, festas, multidões

O ano novo chegando

Trazendo fé e esperança

Sonhos se realizando

Quando inesperadamente

A imprensa noticia

A crise é mundial

Existe uma pandemia



Histórias de Trabalho da
Receita Federal do Brasil

A covid-19
É uma doença infecciosa
Chamou atenção do mundo
Por ser muito perigosa
Isolamento social
Evita a propagação
Ambiente higienizado
Máscara é prevenção

Surgiu o teletrabalho
A sala virou escritório
O quarto, sala de aula
A despensa, dormitório
No piso nada surpreende
Um caderno ou apostila
O cuidado é dobrado
Não pisar em mochila



A mesa de cabeceira
Agora é escrivaninha
O freezer fica na sala
O sofá está na cozinha
Para a área de serviço
Deslocou-se a geladeira
Os utensílios da casa
Escondem a penteadeira

À cozinha onde outrora
O almoço era servido
Reunia-se a família
Hoje tem outro sentido
À mesa, antes um vaso
Existe o computador
Apoiados no sofá
Impressora e monitor

Pausa para as refeições
Elege-se um lugar
Uma poltrona ou cadeira
Difícil se acomodar



O almoço não atrasa
É servido ao meio-dia
Mamãe sempre se irrita
Com copo sujo na pia

Uma criança irrequieta
Reclama ir para a escola
Procura pelo uniforme
Hoje é dia de bola
Tivemos dificuldades
Explicar para as crianças
Em função da pandemia
Havia ocorrido mudanças

Criança com tele aula
Requer pais inovadores
Iniciam como “alunos”
E tornam-se” professores”
Continhas de matemática
Consegue-se acompanhar
Mas o inglês, convenhamos
É difícil mediar



As mudanças adotadas
No leiaute da mobília
Concordamos, refletiram
Nos projetos da família
Sentimos e apoiamos
A experiência vivida
Trouxe-nos a boa nova
Dando sentido à vida



Tempo tenro

Alex Santos de Paiva

Auditor-Fiscal da RFB-ALF/Ponta Porã-MS

Ingressou na Receita Federal em 2011, na Alfândega em Ponta Porã/MS, onde ainda exerce suas atividades. Participou de atividades de vigilância e repressão ao contrabando, destruição de mercadorias e muitas outras. Atualmente é chefe da Seção de Vigilância Aduaneira (Savig).

Escrito durante uma grave pandemia

Dois mil e vinte, é o seguinte:

O vírus chegou, tudo mudou

Por enquanto piorou

De mundo imundo

A mundo mudo

Ainda imundo



“Gripezinha”, quase nada...

Que nada, utopia!

Pandemia, muito grave

Vai dizer que não sabia?

E o bicho homem, o sabichão?

Ha ha ha... tudo em vão

Homem torto, absorto

Em verdade, quase morto

Teorias abertas

Ideias incertas

De todo tipo, pra todo gosto

Aliás, cobre esse rosto!

Prevenção!

Fica em casa, lava a mão

“Use a máscara!” espalha isso por aí

Vai que isso se espalha por aí



Linguajar de um período turbulento
Quarentena, lockdown confinamento
Grau de risco, álcool gel, isolamento
Epicentro, incubação, achatamento
Contraprova, cloroquina, distanciamento

No trabalho, mudança gradual
No início, nada muito trivial
VPN, home office, modelo digital
Eis o novo padrão cultural
Trabalho noturno é algo natural
Um esforço bastante surreal
E a certeza do acerto no final

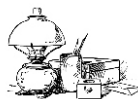
Vão-se dias, vêm-se horas, vão-se vidas
Vem o medo, más auroras, mais feridas
Um perigo, lá se foi mais um amigo
Um vazio sem tamanho
Desse jeito, muito estranho...



Febre alta, sobe a curva, é outono
Chega o frio: no inverno, abandono
Incerteza, tenho medo, me impressiono
Desce a curva, num instante me emociono

Alguém ouve nosso grito?
Condenados? Não acredito!
“Mais sabedoria, mais sofrimento” (*)
Não é assim que tá escrito?
Sei lá, esse trem tá esquisito!
Tenha calma, também dói aqui em minh'alma
Calma nada, tô sem paciência
Eu disse calma!
Ainda temos a ciência.

Cadê a vacina?
Pacientes já testaram
Será esse o fim da sina?
Cientistas recuaram



O jornal plangente
Mostra as ruas: muita gente
Fica em casa, inconsequente!

Entre ator e autor
Melhor ser plateia
Evitemos essa dor
Entendeu a minha ideia?

Por que tão ignorante, seu errante?
Desculpa aí, muita coisa eu não via
Algo bom eu aprendi
Nada disso eu conhecia
É sobre empatia, cê sabia?

Ouçõ uma voz: - Alguém me ajuda!
Tô aqui, pode falar!
Presidente assinou, já posso sacar?
Deixe-me ver... CPF regular?

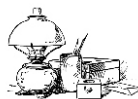


Seu moço, seu moço
Já faz tempo que não pego
Sei nem onde é que está
Por isso não carrego

Deu errado para mim?
'Muito caso' assim?
Coisa simples, meu senhor
Um minuto, por favor

Gente, é muita gente!
Por que tão cheio assim?
Ah, é? vem aqui
Dá uma olhada ali na frente
Cheio de Antônio, Pedro e Joaquim

Pensa rápido, pensa rápido...
Solução, soluções...
A saída? Mutirões!
Noite e dia, dez milhões!



Que exemplo de união, nada disso foi em vão
Peraí... essa Receita não para não?
Ninguém me falou o que ela fazia
Foi por amor, irmão, você não sabia?

Tenha fé, vem aqui, vai por mim
De quem é a culpa? Não importa, enfim...
Chega de 'problemas', aceitemos desafios
Pois então que seja assim
O meu sonho? Leitos vazios
Foi-se o outono, também o inverno
Primavera vem brilhando
Paisagem já mudando
Lindas flores perfumando
Um ambiente mais fraterno

Vai, lembrança
Vem, confiança
Eis que surge a esperança
Será que ela nos alcança?



Tudo aqui tem o seu tempo
Sim, eu sei, acho que aguento
No oriente ou no ocidente
Tudo há de ser diferente

Não fica angustiada assim
Já consigo ver o fim
Para tudo há solução
Que intensa emoção
Novo tempo já bateu
Ninguém mais morreu...

Gratidão é o que eu sinto
Tive medo, eu não minto
Mas achei o meu lugar
Eu já posso te abraçar?

Encerrando, vou dizer
De outro jeito vou viver
Devaneio? Pode ser



Eu só quero merecer
Acredito, tudo valeu
Guarde o pranto, amigo meu

Talvez seja uma quimera
Mas é isso que te espera
Um tempo tenro
Um tempo são
Um tempo terno,
Quiçá eterno...

(*) Eclesiastes 1:18



Vírus se combate com Receita

Luís Paulo Biazolo Vieira

Analista Tributário da RFB-SRRF01/Brasília-DF

Ingressou na RFB em 1983, tendo trabalhado na análise de pedidos de autorização de sorteios e operações de captação antecipada de poupança popular regidas pela Lei nº 5.768/71, foi Chefe da Seção de Integração Fisco-Contribuinte; trabalhou por mais de vinte anos na Divisão de Fiscalização do Órgão, onde exerceu em 1997 o encargo de Chefe Substituto, atualmente exerce a função de Assistente da SRRF01 e é representante da Comissão de Ética da RFB na referida unidade regional.

Não bastasse a luta diária
travada pelo Governo Federal,
da Reforma Trabalhista à Previdenciária,
esse invisível inimigo roubou a cena nacional.

Surgiu assim, do nada, em terra estrangeira.
Interrompeu sonhos e ceifou vidas.
Começou discreto, de forma esgueira,
e legou a muitos incuráveis feridas.



Nesse infeliz cenário de transformação,
em meio às diuturnas tragédias noticiadas,
caíram por terra afagos e apertos de mão
e o trabalho presencial perdeu sua razão.

Se as feições de um rosto outrora serviam
para mensurar agrado ou descontentamento,
nunca se pôde imaginar que hoje estariam,
pelo compulsivo uso de máscara, perdidas no tempo.

O que fazer, então, para manter a Receita unida?
Vivenciou-se uma nova repartição,
em que o trabalho remoto e a métrica perseguida
buscaram juntos o melhor atendimento ao cidadão.

Na tentativa de aliviar o sofrimento,
acenou o governo, então, com o Auxílio Emergencial.
Porém, como fazer chegar esse alento
a quem sempre laborou em atividade informal?



Não havia outro jeito, o cidadão teria que ser identificado.
Foi quando se impôs novo desafio à Receita Federal:
o de unir servidores em trabalho integrado
na regularização de CPF em escala nacional.

Mas se você pensa que parou por aí, eu lamento.
Você está completamente enganado.
O desembaraço aduaneiro foi prontamente intensificado
para dar boas-vindas a máscaras, remédios e equipamento.

E o que dizer de mercadorias e veículos
objeto de apreensão, que com o incessante trabalho realizado,
serviram de auxílio a município e estado, após incorporação?
Não estaria a Receita exercendo seu papel de Órgão de Estado em prol do
cidadão?

Com a Receita é assim, se a causa é justa, por que não?
Na busca de se melhor prestar atendimento ao cidadão,
até evento de capacitação que suscitou interesse extraordinário
foi coroado em "live" de audiência nacional ao término de seu itinerário.



Foi o que pioneiramente ocorreu na primeira região fiscal,
conduzida pelo talento de seus servidores e de seus pares no Órgão Central,
trouxe a alegria a muitos, em inesquecíveis canções entoadas,
que foram convertidas em cestas de alimentos doadas.

Mais importante de se buscar a tão almejada vacina.

Mais, ainda, que confiar no médico ou no tratamento que o corpo melhor
aceita,

é saber que cada um tem em si um pouco dessa vacina
e ter em mente que o faz a diferença, a gente Receita.



— |

| —

— |

| —